

AMÁLIA

O ROMANCE DA SUA VIDA

SÓNIA LOURO



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Ao Edgar, o meu fado bom.

*Aos acompanhadores de Amália:
Joel Pina, Raul Nery e Carlos Gonçalves.*

AGRADECIMENTOS

Amália disse um dia: “A minha vida é tão grande, que era difícil caber num livro”. É verdade, senhora D. Amália. No término deste trabalho hercúleo que foi escrever Amália, posso dizer: é verdade. Contudo, não sendo possível pôr em livro toda a sua vida, eu pus o máximo que coube. Como são raros os trabalhos de grande dimensão que uma pessoa sozinha consegue fazer chegar ao seu término sem ajuda, este não é excepção. Por isso, quero agradecer a todos aqueles que, tendo privado com Amália, tiveram a generosidade, disponibilidade e grandiosidade de partilharem comigo esses momentos: o presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e sobrinho de Alain Oulman, José Oulman Carp, os acompanhadores de Amália, Prof. Joel Pina e Carlos Gonçalves, amigos de Amália do Brejão, Francisca Efigénio, Jacome Pacheco, Maria Francisca Jacome e Clara Loução de Campos e, provavelmente, o amigo mais antigo de Amália, Hugo Ribeiro. Obrigada a todos, foi um enorme prazer poder conversar convosco.

Quero agradecer muito especialmente a Raul Nery, outro acompanhador de Amália, por me ter recebido em sua casa e ter partilhado comigo as suas memórias numa altura em que já se encontrava bastante debilitado, vindo a falecer menos de dois meses após ter falado comigo. Não consigo encontrar as palavras adequadas para expressar a grande generosidade deste senhor, nem para lha agradecer.

À Sónia Rodrigues, pela ajuda nas traduções dos textos em inglês e em espanhol. E à Carina Amorim, a minha primeira leitora e crítica.

“Poucos são os países onde apareceram vozes excepcionais, mas Portugal, um país tão pequeno, teve a sorte de ser um desses. Amália foi uma pessoa excepcional. Todos os portugueses deveriam ter orgulho por terem tido uma Amália Rodrigues como conterrânea.”

PROF. JOEL PINA, VIOLA-BAIXO DE AMÁLIA

“Amália entra na alma das pessoas a cantar.”

HUGO RIBEIRO, TÉCNICO DE SOM DA VALENTIM DE CARVALHO

“A Amália bastava aparecer em palco, bastava rir-se. Aquilo que ela tinha... Ela aparecia e já estava o êxito feito, fosse numa esplanada, no coliseu ou numa verbena.”

RAUL NERY, GUITARRISTA DE AMÁLIA

“Amália foi a artista mais completa do mundo, não vai aparecer outra assim no mundo. Ela é a grande responsável por o fado ter sido elevado a património oral e imaterial da Humanidade.”

CARLOS GONÇALVES, GUITARRISTA DE AMÁLIA

“Naquela altura, quem é que não estava apaixonado por Amália Rodrigues?”

JOSÉ OULMAN CARP, SOBRINHO DE ALAIN OULMAN

“Ficava atrás da porta a ouvir Amália cantar e chorava.”

CLARA LOUÇÃO DE CAMPOS, EX-GOVERNANTA DE AMÁLIA NO BREJÃO

PRÓLOGO

Brejão-Lisboa, 5 de Outubro de 1999

No asfalto escuro da auto-estrada brilhava um reclame luminoso na escuridão interrompida pela luz dos faróis colocados nos máximos. Foi o que Amália viu quando entreabriu os olhos. Voltou a fechá-los, deixando o motorista e a enfermeira acreditarem que dormia.

Estava cansada. Estava cansada da viagem. Estava cansada da vida sem palmas.

Cerrou os olhos com força sentindo no peito, naquele momento, toda a pujança do cansaço que a atormentava. Teve a sensação que o coração falhara uma batida. Ele também estava cansado, cogitou. Talvez também precisasse de palmas tanto quanto ela. Era feliz sempre que estava com o público que a aplaudia. Agora, o que mais se aproximava da alegria era apANHAR flores no campo.

Entreabriu mais uma vez os olhos, um rasgo de luz na escuridão passou rapidamente pela janela do seu lado direito. Viu-a de soslaio, percebendo que se tratava de uma estação de serviço, e cerrou as pálpebras.

Se as palmas a mantinham viva, como podia ainda viver neste momento?, interrogou-se. Talvez a lembrança das palmas também tivesse a capacidade de a manter viva, ponderou. Mas era uma vida diferente da outra que vivera antes. Esta era uma vida perdida. *Vives de vida perdida*, cantarolou intimamente, *quem te daria o condão?* As palmas, respondeu, de uma maneira ou de outra, as palmas. Sempre as palmas.

Na escuridão da auto-estrada brilhava, de quando em quando, solitário, um anúncio. Na sua cabeça, várias luzes começaram a acender-se tornando a viagem no banco de trás para Lisboa menos taciturna. Era o Coliseu dos Recreios, reconheceu. Estavam todos vestidos de gala. Ela também.

Reconheceu o Presidente Jorge Sampaio e a esposa, o Primeiro-ministro António Guterres, o Dr. Pinto Balsemão, o Professor Almeida Santos, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa, o Dr. Mário Soares... E tantos e tantos outros. Figuras novas e antigas do espectáculo e da televisão que já não conhecia.

No palco, de vestido vermelho, estava Conceição Lino que dizia:

— “Projectou Portugal no mundo inteiro. Marcou o fado e deu outra força à palavra saudade. Amália Rodrigues!”

Um estrondo de palmas, fazendo lembrar outros tempos, desabaram no coliseu e, por instantes, breves, sentiu-se jovem outra vez e com um coração a bater como devia ser: a correr.

Levantou-se e percorreu o tapete vermelho debaixo das palmas e das atenções. Era uma sensação estranha. Gostava das palmas, alimentava-se delas, mas não gostava de ter olhos postos em si, da atenção sobre si. Era contraditório, mas era assim.

João Braga levantou-se, abraçou-a e fez o resto do caminho com ela. Amália não sabia se teria sido capaz de o fazer sem ele. A ovação manteve-se e, como um reservatório de água após seca prolongada, sentiu que aquele lugar dentro de si que precisava de palmas armazenava cada bater de mãos. Já sobre o palco, estacou a meio e ergueu brevemente os braços em reconhecimento, depois ficou a ver. Ficou a ver baterem-lhe palmas. E sentiu-se feliz. Naquele momento, breve, sentiu-se feliz.

Apesar da enxurrada de palmas que havia tanto tempo não ouvia, não precisava de exagerar. Sentia-se alegre, isso sim. Estava alegre, repetiu para si, revendo mentalmente toda a plateia a aplaudi-la. Muitos estavam de pé.

Recebeu o troféu das mãos do amigo João Braga e as palmas continuavam. O Coliseu dos Recreios estava completamente iluminado e, mesmo sem óculos, conseguiu ver as pessoas do fundo, da última fila. Embora não passassem de uma mancha difusa, podia perceber que eles também a ovacionavam.

— “Muito obrigada. Bem-hajam! Eu sou muito tímida... timidamente...” — disse, quando percebeu que as palmas não podiam durar eternamente apesar de gostar que isso acontecesse. — “Doentamente tímida” — continuou, apesar da boca, da garganta e da língua secas. — “Eu não sou capaz de estar aqui a falar muito tempo. Tenho vergonha” — confessou, com a sensação de que a língua se colava ao palato. — “Está bem?” — perguntou retoricamente, sabendo que aquela era a oportunidade para se despedir. — “Beijinhos a todos e muito obrigada.”¹

Baixou o olhar enquanto as palmas, nunca completamente silenciadas, voltaram a erguer-se. Estas foram mais e ainda mais intensas. Todos a aplaudiam de pé, até os presidentes. Deixou-se ficar mais um momento no palco, de braços abertos, os lábios movendo-se num obrigada sentido e os olhos bem abertos para reter cada segundo daquelas palmas.

Os aplausos não paravam e teve vontade de fechar os olhos para os sen-

¹ Diálogo entre aspas adaptado da Gala Expresso/Telecel *in* <http://www.youtube.com/watch?v=lZ0pk3g36jw>.

tir melhor, tal como se fecham os olhos para melhor sentir o beijo dado na boca pelo nosso amado. Porém, não podia. Não podia fechar os olhos, pois queria guardar aquele momento na memória para sempre, porquanto não sabia quando seriam as últimas palmas que recebia. Podiam bem ser estas.

Entrou no Retiro da Severa de braço dado com a cunhada Filipina. Apoiava-se nela como numa muleta. Parou na soleira da porta, o prantear das guitarras ouvia-se dali. Estacou.

— E se voltássemos cá noutro dia? — perguntou, na esperança de que Filipina a ajudasse a encontrar uma desculpa para não entrar.

Um menear de cabeça da rapariga deu a resposta antes mesmo que abrisse a boca e os ombros de Amália descaíram, pois não era a que esperava ouvir.

— Não, já que aqui estamos, vais entrar e vais cantar.

Por cima do choro das guitarras, ouvia-se a voz de Ercília Costa e a insegurança de Amália aumentou. Contudo, antes que pudesse voltar a encontrar um pretexto para não entrar, Filipina puxou-a para dentro.

Logo no primeiro relance, o ar sujo e decadente do exterior extinguiu-se. Havia luz eléctrica, mas era a luminosidade emanada dos candeeiros a petróleo que tornava o ambiente quente e acolhedor. A casa estava cheia, falava-se muito e ninguém daria pela sua entrada, reconfortou-se, embora tivesse a impressão de que todos os olhares recaíam sobre si. As paredes estavam enfeitadas com retratos de artistas. Conseguiu reconhecer o Marceneiro e a Hermínia Costa. Nunca os vira actuar, mas sabia que existiam e que cantavam o fado. Ouvia-os na rádio e via-os em revistas. Considerava-os dois génios da música popular. Sentiu o medo e o frio na barriga aumentarem. Por trás dos vidros, levemente empoeirados das molduras, parecia que a observavam. Eles os dois, mais os clientes do Retiro da Severa, eram gente a mais a olhar para si. Era melhor voltar outro dia, tornou a pensar, com os passos a arrastarem-se pela lentidão com que mexia os pés. Filipina sentiu-o e voltou a puxá-la. Amália fechou a mão no braço de Filipina com o mesmo desespero de quem quer deter água que se escoia por entre os dedos, mas continuou.

— A Ercília... — murmurou, entorpecida pelo fumo dos cigarros que subia lentamente para o tecto e por ter na sua frente uma fadista consagrada.

O que estava ali a fazer?, tornou a interrogar-se, sentindo os movimen-

tos de Filipina retraírem-se. Percebeu que, finalmente, a cunhada sentia o mesmo que ela: embaraço. Estava ali, recordou-se, porque um senhor a ouvira cantar na Academia de Santo Amaro e insistira para que fosse ao Retiro da Severa, pois ele arranjaría uma audição com o director do estabelecimento, Jorge Soriano. Já lá estivera de tarde, mas o director do Retiro não estava e pediram-lhe que voltasse de noite. Não devia ter voltado, concluiu. Aquele primeiro revés deveria ter sido o suficiente para saber que não deveria ter voltado.

Procurou com o olhar o senhor que a convencera a ir até ali e os seus olhos encontraram-no no mesmo instante em que ele olhou para ela, procurando-a do mesmo modo. Ele acenou-lhe e foi a vez de Amália levar Filipina atrás.

— O que é que o Vicente dirá disto? — perguntou, num ataque de pânico semelhante ao que Amália tivera havia instantes e tomando a vez na obtenção de pretextos para sair daquele lugar.

— Nada — retorquiu prontamente Amália. — O Filipe é a favor disto, o Vicente também o será — concluiu, abrindo o seu maior sorriso para o senhor que a esperava junto a um dos seis pequenos palcos do estabelecimento.

— Ainda bem que pôde voltar. O Jorge Soriano está cá. Falei-lhe em si — informou, com o brilho no olhar de quem sabe ter feito uma grande descoberta.

Além do embaraço, Amália sentia a garganta e o palato secos. Mais do que isso, completamente ressequidos. Pareciam cortiça. Passou por fora das mesas, tentando não incomodar ninguém e sobretudo não perturbar a D. Ercília Costa. Desceu as escadas, seguindo o senhor que a desafiara a ir ali, sem reparar que Filipina ficara para trás.

Jorge Soriano não parecia esperar Amália. Analisava uns papéis com tanta atenção que nem deu pela chegada dos dois visitantes. Amália apertou uma mão na outra e não as sentiu de tão geladas que estavam.

— Está aqui aquela rapariga de que lhe falei. Aquela que participou no concurso da Academia de Santo Amaro. — Soriano levantou o olhar dos papéis que lia e o seu interlocutor continuou com a confiança reforçada, vendo que conseguira captar a atenção do director do Retiro da Severa. — Aquela com a qual as outras concorrentes não quiseram ser postas à prova. Disseram que se ela participasse, abandonaríam o concurso.

Jorge Soriano franziu o sobrolho, curioso para saber que voz assustaria tanto meia dúzia de raparigas.

— Como te chamas? — perguntou, não querendo denunciar a sua curiosidade.

— Amália. Amália Rebordão.

Soriano acenou-lhe para que cantasse. Amália viera até ali sabendo que teria de cantar, mas aquele era o momento que mais queria adiar. Tinha vergonha de cantar. Tinha vergonha que a ouvissem e que olhassem para si. Em criança, cantava para o avô porque ele estava de costas, mas nunca conseguira cantar para a avó porque quando lho pedia, estacava a olhar para si. Não era capaz de pedir à avó para não olhar, tal como agora não podia pedi-lo ao Sr. Jorge Soriano. Mordeu o lábio inferior, engoliu em seco e deu um passo adiante para exhibir uma coragem e uma descontração que não tinha. Fechou os olhos, ouviu um murmúrio de guitarras vindo do andar superior e cantou:

*“Não sou mulher piegas nem medrosa
Detesto o pessimismo,
podeis crer.
Sou meiga
Sou sensível carinhosa,”²
Mas prefiro quebrar do que torcer.*

Quando os versos chegaram ao fim, repetiu-os e depois calou-se. Abriu os olhos e viu um Jorge Soriano literalmente de queixo caído e o charuto esquecido entre os dedos com o fumo a soltar-se preguiçosamente. O dedilhar das cordas das guitarras, vindo de cima, tinha cessado. O silêncio era absoluto, mas durou apenas um instante. Passou-lhe pela cabeça que o Retiro da Severa se tivesse esvaziado por sua causa, por cantar tão mal. Mas revendo mentalmente o que tinha feito, concluiu que isso não podia ser. Tinha dado tudo quanto tinha e cantara bem. Subitamente, uma chuva de aplausos abateu-se na cave, com a acústica do lugar a ampliá-los. Amália virou-se e deparou-se com todo o Retiro ali em baixo. Havia pessoas em cada um dos degraus, aproveitando o espaço que lhes restava, pois toda a cave tinha sido invadida pelos clientes e empregados do piso superior. O Retiro da Severa efectivamente esvaziara-se, mas não porque cantara mal, constatou, alegrando-se.

— Tem uma voz muito bonita — disse o Sr. Jorge.

— Tem voz de verdadeira fadista! — acrescentou Armandinho, um dos guitarras do Retiro. — O fado corre-lhe no sangue.

Amália olhou para o guitarrista, mas baixou os olhos logo a seguir. Era um dos guitarristas mais conceituados no mundo do fado e sentiu-se embaraçada pelo elogio.

² Uns dos primeiros versos que Amália cantou *in Donas de Casa*, nº 142, Maio de 1970, p. 98.

— “Esta rapariga é que canta. Quando eu digo que uma mulher canta, é porque canta mesmo.”³

Os cantos dos lábios de Amália ergueram-se num sorriso, mas os seus olhos ficaram ainda mais presos ao chão. Era a Ercília Costa, reconhecia-lhe a voz no meio do burburinho de elogios que crescia atrás de si.

— Cantou muito bem — insistiu Jorge Soriano, logo secundado pelo Armandinho.

O director do estabelecimento meneou a cabeça e sacudiu uma mão, indicando aos intrusos que se retirassem.

— Sabe o que isto significa? — perguntou, referindo-se às pessoas que tinham abandonado os seus lugares para a ouvir. Amália abanou a cabeça e encolheu os ombros, fazendo cada movimento a medo. — Quer dizer que se vier cantar para aqui, vamos ter casa cheia todas as noites! Quer dar-nos o prazer de cantar aqui?

— Sim... — respondeu hesitante, esquecendo, naquele momento, a vergonha que sentia quando cantava.

— Então, para começar temos de lhe mudar o nome. Amália Rebordão... Não tem mais nenhum nome que se aproveite?

— Em verdade chamo-me Amália da Piedade Rodrigues.

Jorge Soriano levou o charuto, que deixara esquecido entre os dedos, à boca, deitou uma bafurada de fumo negro e malcheiroso e esfregou o queixo.

— Com um nome tão bom, para que andou a inventar outro?

— Não inventei, Sr. Soriano. É o nome da minha mãe e como o meu irmão Filipe, que é *boxeur*, o utiliza profissionalmente, achei que seria boa ideia fazer o mesmo.

— Pois, mas não é. Amália Rodrigues! — pronunciou impetuosamente, fazendo pela primeira vez com que o nome de Amália lhe soasse grandioso. — Venha amanhã! Começa já amanhã!

Despediu-se atabalhoada, sem saber o que dizer ou fazer. Subiu as escadas com os olhares de Armandinho, Ercília Costa, assim como dos clientes do Retiro da Severa a segui-la. Sentiu as pernas prenderem-se e voltou a colocar a mão no braço da cunhada.

— Ouviste o que a Ercília Costa disse? — perguntou Filipina.

Amália sacudiu a cabeça afirmativamente, incapaz de falar e com a sensação que daí a pouco também não seria capaz de andar. — Vamos sair depressa daqui! — disse, puxando a cunhada e dirigindo-se para a porta com uma ligeireza que não se sabia capaz.

Uma vez na rua, mal sabia como ali tinha chegado, mas o ar fresco desentorpeceu-a.

³ Episódio inspirado in Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 43.

— Viste, Amália, toda aquela gente a aplaudir-te?

Tinha visto sim e por isso não sabia como seria capaz de lá voltar.

— E arranjaste aqui um bom emprego — continuou Filipina, indiferente ao silêncio da cunhada. — Escusas de ir lá para a fábrica de rebuçados descascar fruta. Quanto é que ganhas lá? — Mais uma vez, não esperando pela resposta de Amália, prosseguiu. — Seis escudos por dia, não é? No Retiro vais ganhar mais do dobro do que ganhas na fábrica e só precisas de cantar umas duas ou três noites! Arranjaste aqui uma coisa mesmo boa. Sim, senhora!

A cunhada falava, mas Amália mal a ouvia. Filipina já a imaginava uma das grandes artistas do Retiro da Severa. Porém, Amália, além de ponderar como conseguiria cantar defronte de um público, só pensava como contaria aos seus pais o que sucedera naquela noite.

Os pais eram muito rígidos, e os avós eram-no ainda mais, reflectiu. E uma cantadeira de fado não é a profissão que uma mãe sonha para uma filha. Quando D. Lucinda pusera as duas filhas, Amália e Celeste, a venderem fruta aos marinheiros atracados no Cais da Rocha, causara um falatório nos vizinhos. D. Lucinda não via nada de mal em duas raparigas andarem a vender fruta no cais, mas os vizinhos e conhecidos punham maldade nisso e isso envergonhou-a. Tirou as filhas de lá mais depressa do que as pôs. Portanto, Amália sabia que chegar a casa com esta novidade não seria nada que deixasse a mãe radiante. Sabia disso, sempre o soubera e poderia não ter ido à audição, justamente porque os pais nunca a deixariam actuar. Mal se dera conta do sucesso que acabara de fazer no Retiro da Severa e o seu contentamento já esmorecera.

— O que foi, Amália? Até parece que estás triste pelos elogios que recebeste!

— Não foi nada, Filipina — respondeu, continuando a caminhar até casa, com passos quase tão difíceis quanto aqueles que a tinham feito atravessar o Retiro da Severa.

— Cantar o fado é a perdição! — respondeu D. Lucinda, com os olhos revirados e as faces rubras, mesmo antes de Amália acabar de contar tudo o que sucedera na casa de fados.

— Mas a Amália fez um sucesso — tentou contrapor Filipina, embora a sua voz estivesse bem menos carregada de entusiasmo e convicção do que havia uns momentos, quando retornava do Retiro.

Vicente deu um puxão no braço da mulher e a argumentação dela quedou-se por ali.

— Eu quero lá saber disso! Não quero é voltar a ouvir o falatório dos vizinhos!

— Eles falam, mas não são eles que nos dão de comer! — contestou Amália.

— E vais ser tu? — rebateu, de imediato, D. Lucinda.

— Pelo menos, contribuo mais do que eles. E podia dar mais, se me deixassem ir cantar para o Retiro da Severa! — disse, tentando seduzir a mãe com aquilo que mais lhes faltava.

— Por mais meia dúzia de tostões não vale a pena enxovalharmos o nosso nome!

Amália percebeu que a conversa estava encerrada. Foi deitar-se, pois no dia seguinte levantar-se-ia cedo para ir embrulhar rebuçados e descascar marmelos. A fantasia de cantar o fado acabara e durara apenas uma noite.

A boina, caracteristicamente descaída para o lado e um pouco para a frente, deixando ver apenas a ponta fumegante de um cigarro, mas nenhum traço do rosto, dizia-lhe, mesmo sem ter de observar mais nada, que era Francisco. O sorriso de Amália acendeu-se, quase apagando por completo a tristeza que remoera durante a noite de insónia e o dia de trabalho.

Conhecera Francisco da Cruz no concurso de Alcântara, na Academia de Santo Amaro. Era o guitarrista oficial do concurso, acompanhava todas as concorrentes. Ele tocava guitarra portuguesa, ela cantava o fado. Era um encontro perfeito. Amália olhou para ele e Francisco levantou nesse instante os olhos da guitarra. Ele era bonito, moreno e tinha um ar aciganado, exactamente o género de homem de que gostava⁴. Os olhos de Francisco diziam-lhe que ele também gostara do que vira. Foi amor à primeira vista e mesmo antes do primeiro fado.

Amália não ganhara o concurso, pois fora obrigada a desistir por exigência das outras concorrentes quando a ouviram cantar. Se ela entrasse no concurso, elas saíam. Como não havia concurso sem concorrentes, Amália foi obrigada a desistir. Não ganhara a competição. Contudo, ganhara o guitarrista.

— Devias ir — disse-lhe Francisco, após Amália lhe contar o que se passara na véspera e abrindo a porta da casa dos pais. — Eles não estão cá.

— Como posso ir? Os meus pais proibiram-me. Não posso ir contra a vontade dos meus pais.

— É verdade — aquiesceu, como que lembrando-se de uma verdade há muito esquecida. — Então é melhor esquecermos o assunto — aconselhou, colocando a mão na perna de Amália e fazendo-a subir até à coxa.

⁴ “Gosto de homens bonitos, do tipo aciganados, morenos.” No programa *Falas Tu ou Falo Eu* in <http://www.youtube.com/watch?v=k6NIVSRe6Bs>.

— Oh, Chico!

— O que foi? Estás triste. Quero animar-te — disse-lhe, deslizando os lábios pelo pescoço dela. — O sonho do fado foi-se, mas continuas a ter-me a mim.

— Para sempre?

Respondeu-lhe colocando os lábios sobre os dela e abafando quaisquer dúvidas. O Retiro da Severa pareceu a Amália, naquele momento, um sonho terminado de uma memória distante.

Embrulhava os rebuçados o mais rápido que conseguia, pois quanto mais embrulhasse, mais ganhava. Animava-se com a memória de um dia a terem convidado para cantar o fado numa casa afamada de Lisboa. Bastava-lhe isso. Bastava saber que a queriam e que podia ir se quisesse, ou melhor, se os pais a deixassem. Isso era o suficiente. Tinha de ser porque não haveria mais do que isso. A campainha soou; acabou de embrulhar o rebuçado que ainda tinha nas mãos, desatou o avental e pendurou-o no cabide. Já não pensava no fado.

— Chegou aí uma carta — disse-lhe a mãe, mal entrou em casa.

D. Lucinda não sabia ler, mas o rosto carrancudo com que dera a novidade à filha fê-la suspeitar que sabia do que se tratava. Amália tinha roupa para passar a ferro e não esperava cartas de ninguém. Colocou o carvão a aquecer enquanto foi trocar de roupa.

Encheu o depósito do ferro com o carvão incandescente e com a carta já esquecida. Porém, a mãe não permitiu que Amália esquecesse a missiva por mais tempo.

— Lê lá isto — ordenou, atirando a carta para a frente do ferro.

Amália olhou pela primeira vez para o subscrito e de imediato o nome do remetente lhe fez disparar o seu coração.

— É do Sr. Jorge Soriano.

— Pff! Logo vi — respondeu D. Lucinda, disfarçando uma indiferença que não sentia. — Então, abre lá isso!

Os dedos de Amália, havia pouco tão hábeis e lesto a embrulhar rebuçados, pareciam entorpecidos.

— Vá lá! Despacha-te!

Percebeu que os seus dedos se atrapalhavam porque temia o que diria a missiva. Leu-a primeiro para si e, por aquilo que a mãe lhe disse, soube que o seu sorriso se abria de orelha a orelha:

— Com esse sorrisinho, é porque não vem aí coisa boa.

A mãe arrancou a carta das mãos da filha e ficou a olhar para o papel como se percebesse o que as letras queriam dizer.

— O Sr. Jorge Soriano diz que não sabe porque ainda não apareci, mas está a marcar um ensaio.

— Um ensaio?! Um ensaio de porrada era o que ele queria! Ainda ontem mandou cá um rapazola com o recado para ires cantar no Retiro da Severa.

— Mandou recado, mãe?

— Para a Amália ir cantar no Retiro da Severa! Vejam bem isto! Como se ela não tivesse pai nem mãe e a Amália é que fosse dona de si...

D. Lucinda continuou a falar, ignorando a pergunta da filha, mas Amália percebeu que aquela não era a primeira vez que Jorge Soriano a chamava para ir cantar ao Retiro da Severa. Então tornou a pensar no fado. Podia ir se quisesse... A verdade é que não podia, mas queria. Queria muito.

Nos dias seguintes, continuaram a chegar postais, assim como moços de recados sempre com a mesma mensagem: “Esperamos a Amália amanhã à tarde para o primeiro ensaio.” Ela sabia que um dia os recados e as cartas acabariam, mas enquanto se mantinham, deixavam-na contente. Não feliz, ou extasiada, porque não era dada a sentimentos eufóricos, mas contente, muito contente até.

Ter perdido a virgindade com o Chico, antes do casamento, atormentava-a. Não podia desabafá-lo com a cunhada, nem com a irmã Celeste. Só lhe restava a tia Idalina. Era um pouco amalucada, por isso sentia que podia confiar nela.

A tia Idalina queimara, mais uma vez, o arroz. Não conseguia fazer comida sem a queimar. Amália olhava para ela procurando a melhor oportunidade para começar a conversa, mas esta estava desastada, andando de um lado para o outro da cozinha, reclamando com o arroz. A tia foi para a sala e Amália seguiu-a, pensando que talvez lá encontrasse o momento certo para confessar o seu pecado. Sentou-se enquanto a tia abria e fechava gavetas de onde retirava cebolas, pentes, cuecas, mas, aparentemente, sem encontrar o que procurava naquela variedade de objectos. Amália fixou três caracóis que subiam a parede da sala, mesmo ao lado de um quadro que a tia resgatara de um leilão de uma casa de penhores e, finalmente, disse o que ali tinha ido dizer.

— Tia Idalina, o que hei-de fazer?

— Ele vai ter de reparar o mal que te fez. Ele desonrou-te e ainda por cima és menor! Vai ter de casar. O rapaz também tem a mania dos fados, mas o que vale é que é torneiro mecânico. Ao menos tem profissão. Assim ele queira casar-se. Que estes guitarristas às vezes...

— Ó tia, não fale assim do Chico...

— Deixa estar, que se ele não quiser casar, tens dois irmãos para o ir

chamar à tábua! — continuou, ignorando o pedido da sobrinha, pois tornara-se surda para a voz dela desde que dissera que estava desonrada. — O Filipe anda lá naquela coisa de dar socos... Hmm! Esse torneiro mecânico não sabe com quem se meteu!

— Ó tia, mas eu não quero que conte nada aos meus pais. A tia prometeu-me!

— E o Filipe é campeão nacional dessa coisa onde ele anda...

— É *boxeur*, tia. O Filipe é *boxeur* — lembrou-a, em vão, pois a tia continuava alheia à sua voz.

— Ele vai ver. Se esse Francisco da Cruz se armar em malandro, logo verá qual vai ser a cruz dele!

Amália saiu de casa da tia com um desespero maior do que aquele com que entrara. A mãe ia achar que ela já se perdera e mesmo sem ter ido para o fado. A tia ia contar aos pais e estes aos irmãos. Era só uma questão de dias, poucos. Passou-os desesperada. A agonia da espera, do momento do confronto, prostrava-a.

— Eu já sabia que esta coisa dos fados ia dar nisto! — dizia o pai, Albertino.

— Eu bem disse! — confirmava a mãe.

Mas foi o olhar gelado dos irmãos sobre si que a fez estremecer. Filipe começou a socar a palma da mão como se já imaginasse nela o rosto de Chico. Vicente olhou para a mulher procurando no rosto dela algum indício de cumplicidade. Filipina encolheu-se e Amália temeu que isso denunciasse uma convivência inexistente. A cunhada já tinha ido consigo às escondidas ao Retiro da Severa e Vicente ainda não engolira isso completamente.

— Ela não anda no fado, mas anda com um guitarrista! Vai dar no mesmo — continuava Albertino.

— Sempre disse que o guitarrista era um perigo dos diabos! Sempre disse! — retorquiu a mãe, com o indicador em riste e como se nem Amália, nem os outros filhos, ali estivessem. — Mas ela nunca faz caso do que lhe digo. Aquele rapazinho que andou atrás dela... Aquele que era motorista. — Tentava apelar à memória do marido. — Era um rapaz sério, andava fardado e veio logo falar comigo a pedir licença para namorar com ela. Mas ela quis? Não, claro que não. Era muito certinho, não era? — perguntou, olhando para Amália, incluindo-a, ou fingindo incluí-la, pela primeira vez, na conversa.

Antes que Amália pudesse dizer alguma coisa, o irmão Filipe adiantou-se.

— Mas isto não fica assim! Ele que não pense que se escapa — infor-

mou, com os músculos dos peitorais a palpitem. — Vamos lá, — disse, colocando a mão no ombro de Vicente, — e vamos ver se ele quer ou não quer!

— Mas assim sou eu que não quero! — gritou Amália.

Os olhos dos irmãos e dos pais fulminaram-na. Estava com medo. Estava com medo de tudo e de todos, sobretudo deles, mas não se deixou acobardar.

— Se ele for obrigado a casar comigo, eu não quero.

— Ah, não queres? — começou a mãe. — A fidalga não quer? Neste caso não tens queres! Os teus irmãos vão e mais nada! Se for preciso, até chamamos a polícia!

O medo de Amália era grande, mas a sua vergonha conseguia rivalizar com ele. Contudo, acompanhou os irmãos até à casa de Francisco. Perto de Chico, os irmãos eram dois colossos, e, movidos pela reparação da honra familiar, pareciam ainda maiores. Todavia, Chico não se intimidou.

— Do que é que vocês estão a falar? — perguntou-lhes, como se de facto não percebesse nada do que Vicente e Filipe lhe diziam, ou lhe falassem numa língua desconhecida.

— Não te armes em engraçadinho! — respondeu Filipe. — Olha que ela ainda é menor e para eu te fazer um sorriso novo não me custa nada! Não me custa mesmo nada! — ameaçou.

Amália tinha os olhos pregados no chão, a vergonha vencera o medo. Falavam de si e da sua virgindade perdida como quem barganha o quilo da sardinha na lota. Tinha vontade que a terra se abrisse e a engolissem, mas ainda teria de ouvir mais.

— Eu não percebo do que é que vocês estão a falar. Eu não desonrei ninguém! — Num movimento brusco, Filipe atirou-se para a frente de Chico, já com o punho fechado a milímetros do rosto deste. — Não fui eu! — lançou este, mais certo do que um punho e mais mortífero para Amália do que um punhal. — Eu não fui o primeiro! — ripostou antes que lhe acertassem e a sua resposta deixou Filipe K.O. Já não haveria revidação.

Os dois irmãos intermitiam o olhar entre Amália e Chico. As lágrimas caíram do rosto dela instantaneamente e, rapidamente, o choro tornou-se compulsivo à medida que a incompreensão de como podia Chico fazer-lhe isto se adensava. Doía-lhe mais essa desumanidade que via na pessoa que amava, do que a dúvida e a repulsa no olhar dos irmãos. Com esta podia viver, com a outra não. Teve vontade de morrer naquele instante.

Os recados e os postais de Soriano tornaram-se mais espaçados e também menos interessantes para Amália. Embrulhava os rebuçados maquinalmente, com as lágrimas a caírem sobre eles e a torná-los talvez amargos.

Pelo menos era assim que via a sua vida naquele momento: com uma amargura sem fim.

— Amália!

Conhecia aquela voz. O seu coração começou a bater tão forte que parecia querer saltar do peito, quando, ainda havia pouco, queria saltar da vida.

— Amália!

As colegas de fábrica afastavam-se rumo às suas casas, indiferentes àquela voz que chamava por Amália. Ela cedeu e olhou para trás. Chico estava apenas a alguns metros. Desde a conversa com os seus irmãos que nunca mais o vira, mas nem por isso a família desistira de a casar. Se não fosse com ele, seria com outro, um velho, um guarda-fiscal, disposto a casar consigo, apesar de tudo, como os pais e os irmãos diziam. *Apesar de tudo*, como se Amália tivesse uma doença pestilenta e fosse um grande favor que o senhor guarda-fiscal lhe fazia. Pelo menos, era assim que a sua família achava, que a honra familiar padecia de doença grave e terminal, sendo o casamento a única salvação. Podia ser, mas no que dependesse de si, a honra da família não recuperaria, pois não gostava de um e não queria obrigar o outro a casar.

— Amália... — repetiu, agora num gemido, como as cordas da guitarra que ele tangia tão bem e tão doce como as palavras e o olhar de outrora.

Ele era lindo, mas naquele momento a sua beleza magoava-a como um insulto. Ele aproximou-se e agarrou-lhe as mãos, mas ela puxou-as de imediato. Não houve um segundo de hesitação.

— Eu sei que fui o primeiro... — disse baixinho, dando a Amália vontade de lhe bater. — Mas eu tenho namorada! Namoramos há seis anos, está tudo pronto para nos casarmos. Até já comprámos as mobílias e tudo!

Amália nada lhe disse, mas os seus olhos perguntavam porquê e ele respondeu:

— Fiz-lhe o mesmo. Tenho de me casar com ela!

Amália desatou a correr, certa que não podia haver desgraçada maior do que ela. Tantas vezes se sentira rejeitada e incompreendida e tantas outras bebera água com cabeças de fósforos lá dentro ou com petróleo ou pusera-se no cimo de uma pedreira desejando atirar-se e pensando: “Amanhã, quando vierem aqui encontrar-me, é que vão ter pena.”⁵ Provavelmente ninguém teria pena e agora é que ia matar-se de verdade.

Só parou de correr à porta da farmácia. Parou alguns instantes para normalizar a respiração, entrou e, com o semblante mais pacífico possível, pediu:

— Quería veneno para os ratos, por favor.

Saiu com uma quarta de veneno para ratos embalado num saco de pa-

⁵ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 32.

pel. Olhou em volta atordoada. Não queria ir para casa e esse também não seria o melhor sítio, havia sempre gente a entrar e a sair. Não teria sossego para se matar. Andou alguns passos até que o chafariz a cantar para a pia lhe trauteou a solução. Abriu o saco, pegou numa mão-cheia de veneno, fez uma bola e ainda a ajeitou com mais algum do produto que restava no saco. A fonte cantava agora para a sua mão, enquanto sorvia dela a água envenenada. Muito do veneno escoou-se por entre os dedos, mas tinha esperança de ter conseguido tomar o suficiente. Apressou-se, antes que o veneno começasse a fazer efeito, para a porta dele, do insensível, do cruel, do seu amor desamado, para morrer ali.

Sentia as entranhas retorcerem-se e uma dor aguda irradiava por todo o seu corpo. Estava a morrer como nunca estivera antes, em todas aquelas tentativas falhadas. Sentiu que esta não falharia. Os seus olhos fechavam-se apesar dos seus esforços para os contrariar. Desejava que a porta dele fosse a sua última visão e, quem sabe, se ele também. Se ela já não o visse antes de partir, podia ser que ele a visse depois de morta, ali à sua porta e morresse de culpa e de pena dela.

— Ó menina, o que é que tem? Está bem?

— É claro que não está!

As vozes misturavam-se na sua cabeça sem que ela as entendesse completamente. Um sim arrastado foi a sua única resposta.

— Não podemos deixá-la aqui...

— Mas não sabemos de onde ela é.

— Daqui não é! Eu conheço toda a gente daqui e esta moça não é de cá, isso vos garanto.

— Vamos levá-la ali — acabou por concluir um dos transeuntes, apontando para uma porta.

— Para a casa da tí' Maria Berta? Mas ela tem má fama, não podemos levar para lá a rapariga. Coitada! Não basta estar a morrer, ainda tem de ficar falada?

— Mas essas pessoas são as que acodem nestas horas!

A ouvinte meneou a cabeça em concordância.

As vozes chegavam a Amália como vindas de um sonho distante, mas que finalmente se concretizava. Tentara matar-se tantas vezes, umas motivada pela incompreensão e a rejeição, outras inspirada pela Greta Garbo, na *Dama das Camélias*, e então bebia vinagre e punha-se nas correntes de ar. Queria ser como ela, como ela era no filme, tuberculosa... queria ter um grande amor como o dela. Um amor grande e contrariado, e que de tanta contrariedade se tornava ainda maior. Amália nunca conseguiu apanhar tuberculose, mas conseguiu o amor que não podia ser, porém era, pequeno, muito pequenino. E agora ia morrer, tal como Greta. Era a sua derradeira satisfação.

A tí Maria Berta aceitou-a e foi pior o calvário da cura do que o efeito do veneno. Amália tomava colheres de azeite quente que a senhora diligentemente lhe ministrava de hora em hora e já não sabia se a má disposição que sentia era resultado do veneno ou do purgante. Ficou assim por três dias e, no meio dos vômitos que tiravam de dentro de si o veneno que não escorrera pelos dedos no chafariz, jurou que esta era a última vez que se matava.

Não morreu, mas a sua honra continuava tão manchada quanto antes da tentativa vã de suicídio e a vontade nula de se casar com o guarda-fiscal. O Chico era um sonho perdido, a fábrica de rebuçados uma realidade nada doce e as cartas do senhor Soriano tinham acabado como todo o desejo não retribuído acaba por desvanecer.

Entardecia paulatinamente, enquanto Amália passava a roupa a ferro. Ouviu baterem à porta, mas continuou na sua tarefa sem levantar os olhos das rugas que desfazia da roupa.

— Boa-noite. — Aquelas duas palavras pronunciadas pela visita, quando a mãe lhe abriu a porta, fizeram Amália levantar o olhar do ferro e puseram o seu coração a bater mais depressa. Passara já tanto tempo, mas continuava a reconhecer aquela voz.

— Senhor Soriano! — chamou Amália, mesmo antes que ele tivesse tempo de se apresentar a D. Lucinda que continuava à porta mas não o mandava entrar.

Os pais de Amália olharam-no logo de viés e por todos os seus gestos, expressões e poros saía-lhes a pergunta retórica: “Este é que é aquele do fado?”

D. Lucinda sentou-se, mexendo os lábios como se mastigasse alguma coisa que tivesse na boca. Albertino ficou de pé, de braços cruzados. Soriano, apesar daquele comportamento, não se mostrou constrangido. Amália ficou parada, com o olhar a saltitar de um para outro ao mesmo tempo que desejava que o chão se abrisse e a engolisse. Isso não ia acontecer, por isso sentou-se, expectante com aquilo que teria trazido Soriano a sua casa. Albertino e Lucinda aguardavam, em silêncio e com rostos austeros, que ele falasse, e este não se fez rogado.

— Tenho enviado muitos recados e postais para a Amália — disse, direccionando, por momentos, o olhar para ela. — Mas não tenho obtido respostas — concluiu, encarando os donos da casa.

— A nossa filha é uma moça de família, não é para andar por aí a cantar fado — respondeu, prontamente, Albertino.

— E de noite! — acrescentou Lucinda.

— Compreendo, mas estão enganados quanto ao fado. Sabem, tenho uma casa aberta todas as noites e já lá vi muita coisa, mas há duas que nunca vi: uma pessoa perder-se por causa do fado e uma voz como a da sua filha. — Os braços de Albertino descruzaram-se nesse momento sem que desse por isso e Soriano continuou. — Estou a mentir... — Os sobrolhos de Albertino franziram-se. — Não são duas as coisas que nunca vi, são três. Nunca, desde que dirijo uma casa de fados, vim atrás de um artista. Foram sempre eles a virem atrás de nós. Porém, como já vos disse, nunca antes ouvi uma voz como a da sua filha e, por isso, estou aqui para vos pedir que a deixem ir e deixem que outros tenham o prazer de a ouvir. Ela tem uma voz bonita e uma voz bonita é como um passarinho: não nasceu para estar presa. Não a engaiolem dentro da vossa casa. O fado é uma profissão como outra qualquer e, como noutra qualquer profissão, há nela quem se porte bem e quem se porte mal. A Amália trabalha numa fábrica de rebuçados, não é? — Albertino e a filha acenaram afirmativamente, mas Lucinda manteve-se imóvel. — Acham que ela tem futuro a embrulhar rebuçados?

— É um trabalho honrado! — atalhou de imediato Lucinda.

— Sem dúvida, mas é também um trabalho que não leva a lado nenhum! Ela vai fartar-se de trabalhar e nunca sairá da cepa torta como...

— Como nós? — interrompeu a anfitriã.

Soriano acenou afirmativamente com a cabeça e disse:

— O que eu quero dizer é que se não deixarem a vossa filha ir cantar agora, se a deixarem perder esta oportunidade que lhe estendo, estão a dar-lhe cabo do futuro. E isso é uma coisa que nenhum pai quer para um filho.

Lucinda e Albertino nada disseram, mas a primeira olhou para Soriano avaliando-o. Mirou-lhe as roupas impecavelmente engomadas, Lucinda dava valor a isso, e percebeu que eram caras. Era um janota, estava bem vestido, falava ainda melhor e dizia bem da filha. Lucinda estava impressionada. Impressionava-a que um homem tão bem-parecido e tão bem vestido elogiasse a filha. Albertino apenas acariciava o bigode.

Subitamente, Lucinda levantou-se, mas as únicas palavras que saíram da boca dela foram: — Albertino, anda! — com um menear da cabeça a reforçar a sua ordem.

Os dois desapareceram no corredor e Amália ficou a esboçar um sorriso que aos poucos foi amarelecendo. Calculava que os pais voltassem com uma resposta negativa, mas saber que o senhor Soriano se dera ao trabalho de ir a sua casa para os convencer a permitirem-na cantar deixava-a contente e orgulhosa. O Retiro da Severa era um lugar afamado, onde cantavam fadistas como o Alfredo Marceneiro, mas ainda assim

queriam-na a ela. Saber isso era a satisfação máxima e a única que teria, concluiu.

— Sim, deixamo-la ir — comunicou Lucinda, ao mesmo tempo que a sua voz despertava Amália da pequena satisfação que imaginava contentá-la.

— Posso?

— Pode?

— Sim, já o dissemos! — confirmou Albertino.

— Mas se soubermos que se passam lá coisas esquisitas, bem pode aqui vir com roupas feitas de ouro e bordadas a diamante que ela já daqui não sai! — informou Lucinda para que não restassem dúvidas.

Os ensaios começavam no dia seguinte. Já se tinha perdido muito tempo com postais e recados, era preciso recuperá-lo. Amália entrou no Retiro da Severa mais nervosa do que na última vez, mesmo estando agora a casa sem clientes. Apenas lá estavam os músicos: Armandinho, Jaime Santos e José Marques a tocarem guitarra e Santos Moreira, Abel Negrão e Alberto Correia a ensaiarem à viola. Sabia que eles eram os melhores nos seus instrumentos e por isso temia não estar à altura deles com o seu. Toda ela tremia e receava que acontecesse o mesmo com a sua voz.

Soriano foi recebê-la à porta. Não costumava fazê-lo, mas sabia que Amália era um animal arisco e agora que conseguira fazê-la entrar de novo no Retiro da Severa, não queria perdê-la.

— Venha cá, quero apresentá-la aos guitarras e aos violas — disse, puxando Amália, que estava reticente em mexer-se, pelo braço.

Olhou para eles como quem olha para divindades. Soriano afastou-se para que ela pudesse entrosar-se com os restantes artistas do Retiro.

Santos Moreira desviou o olhar das cordas, mas ficou a dedilhá-las enquanto olhava para Amália. Ele sorriu-lhe e ela correspondeu-lhe timidamente e ganhou coragem para lhe fazer um pedido.

— Gostava que me ouvisse. Gostava de saber se vale a pena tentar a carreira de fadista.

O viola parou de tocar o instrumento e olhou-a com mais atenção. Era uma rapariga que prometia vir a ser uma linda mulher, de cabelos longos que a faziam parecer um anjo. Aquilo que via agradava-lhe, ficou curioso em descobrir como seria a sua voz. Voltou a dedilhar a introdução do Fado Menor, mesmo sem saber o que ela cantaria e disse-lhe:

— E eu gostava de a ouvir.

Ela tinha feito o pedido e ele fora atendido, mas agora estava com medo. Na fracção de segundos que levou para começar a cantar, todo um

mundo de possibilidades lhe passou pela cabeça: *E se ele não gostar? E se cantar mal? E se o senhor Soriano ouvir a opinião de Santos Moreira e já não me quiser cá por causa disso?* Arrependeu-se do pedido e preferiria estar noutro lugar qualquer que não ali, mas agora tinha de cantar. Fechou os olhos para não ver o viola e para se sentir menos envergonhada e começou, acompanhada por Santos Moreira:

*Não sou mulher piegas nem medrosa,
Detesto o pessimismo, podeis crer
Sou meiga, sou sensível, carinhosa
Mas prefiro quebrar do que torcer.*

Abriu as pálpebras e a realidade que tinha esquecido enquanto cantava voltou a bater-lhe com toda a pujança anterior. Se Santos Moreira não gostasse, continuava a ser a sua preocupação. Fixou um ponto por trás do viola, para parecer que olhava para este, mas não se perceber o seu embaraço.

— Então, como fui? — arriscou, pois Santos Moreira nada dizia e a espera estava a tornar-se uma tortura maior do que descobrir que ele não gostara.

— Como foi? — respondeu o viola, denotando no tom de voz admiração por Amália não saber a resposta à sua própria interrogação. — Você é uma cantadeira excepcional!

Amália respirou fundo, dando-se conta de que desde que formulara a sua pergunta se esquecera de o fazer.

— Penso mesmo que você poderá vir a ser tão admirada quanto a Ercília Costa.

— “Não diga isso, senhor Santos Moreira. Ser como a Ercília é de mais para as minhas forças”⁶ — respondeu confusa e espontaneamente, concluindo que de facto fizera mal em pedir a opinião a Santos Moreira. Ele era um dos melhores violas de Portugal, senão mesmo o melhor, mas tinha dificuldade em avaliar correctamente uma cantadeira.

— “Nunca ninguém cantou o fado como a menina!”⁷ — disse Armandinho, que parara de tocar guitarra e se aproximara de Amália.

Amália sentiu o coração gelar. Armandinho era um dos guitarristas mais respeitados no mundo do fado. Poderia tanto ele quanto Santos Moreira estar errados?

⁶ Na revista *Eva*, Fevereiro de 1951, p. 8.

⁷ Comunicação pessoal de Raul Nery. Embora não tivesse conseguido apurar o momento exacto em que Armandinho o terá dito, terá sido no início da actividade de Amália Rodrigues no Retiro da Severa.

— Amália! — chamou-a Soriano, desviando a atenção da fadista das palavras dos músicos. — Há uma coisa que ainda temos de resolver — disse o director já no escritório. — Na realidade, são duas: a assinatura do seu contrato, — começou, apontando para duas folhas pousadas na sua mesa, — e a sua roupa.

— A minha roupa? O que tem a minha roupa?

Soriano respirou fundo e respondeu:

— Não a tem.

Os olhos de Amália esbugalharam-se num misto de espanto e indignação.

— Não tem roupa de fadista — explicou. — Não tem sapatos, nem xaille!

— Mas a roupa que tenho é esta e o dinheiro não me chega para outra.

— Bem sei, Amália. Bem sei. Não se preocupe, vai amanhã com a minha mãe e a minha mulher comprar dois ou três vestidos e um par de sapatos e logo vamos descontando do seu ordenado conforme puder.

— Do meu ordenado?

— Claro, então, se vem cantar aqui, terá ordenado, como poderá ver pelo seu contrato. Leia-o e, se concordar com ele, assine-o.

Leu-o e assinou-o sem perceber toda a extensão do que o documento dizia. Cantaria apenas dez noites por mês e ganharia quinhentos escudos por isso. Concordava, com certeza, com essas condições.

Saiu do Retiro da Severa alegre. Não era um sentimento ao qual estava habituada, nem sentia o coração disparado no peito, como outras pessoas no seu lugar sentiriam, mas estava bem. À parte o seu aspecto esquelético, ainda por causa da tentativa de suicídio com veneno para ratos, sentia-se bem. Já não precisava de embrulhar rebuçados, só tinha de fazer o que fazia melhor e que lhe valera, por ironia, muitos rebuçados desde os quatro anos. Só tinha de cantar.

— Amália?!

Estacou e o seu coração disparou. A alegria não lhe causava grandes vertigens, mas a voz de Chico sim. Sentiu passos cada vez mais intensos aproximarem-se, o antebraço foi puxado impetuosamente e ficou frente a frente com ele. Estava defronte de Francisco que julgara nunca mais ver. Jurara até, mesmo que ele a procurasse, não o ouvir. Mas ele estava diante de si, agarrava-a e falava-lhe e ela nada podia fazer para o impedir. Na verdade, nem queria.

— Como estás? — perguntou. Sem esperar pela resposta, continuou: — Estás tão magra, tão pálida... — Ergueu a mão para lhe acariciar a face mas, instintivamente, ela desviou o rosto. — Estás magoa-

da... — Amália baixou o olhar, sem perceber se o que ele dizia era uma pergunta ou uma constatação. — Tens razão. Portei-me mal contigo. Muito mal, mesmo. Mas estou aqui para me emendar, para consertar os meus erros.

Ela tentou soltar-se e virar costas, mas ele apertou, entre os seus dedos compridos, o braço dela ainda com mais força.

— Gosto mais de ti do que da outra!

Sentiu a mão dele afrouxar e aproveitou o momento. Puxou o braço e conseguiu soltar-se, virou-lhe costas e afastou-se.

— Amo-te, Amália!

As pernas dela paralisaram-se.

— Amo-te. Perdoa-me!

Estava parada e o tempo parecia ter parado também. Convencera-se que não o queria ver mais, mas ele dizia-lhe as palavras que queria ouvir. A sua família continuava com a ideia fixa de a casar. Ela não queria casar com Chico sendo ele obrigado, mas também não queria ser obrigada a casar-se com o guarda-fiscal. Portanto, se tinha de ser, que fosse assim. Virou-se devagar e teve a sensação que decorrera uma eternidade para voltar a estar frente a frente com Chico.

Ele era lindo. Os seus olhos negros pareciam dois poços fundos onde ela se afogava sempre que os encarava. Tinha sido amor à primeira vista quando se conheceram. Como podia resistir-lhe agora? Seguraram as mãos em silêncio. Ela apertava-lhas como quem se agarra a uma bóia de salvação e o seu silêncio disse-lhe o que a sua voz não conseguia pronunciar.

O Retiro da Severa estava meio lotado. A luz amarelada emanada dos candeeiros a petróleo e o fumo desprendido da ponta dos cigarros e solto dos lábios tornavam o ambiente difuso. Dali, por trás de Armandinho e de Abel, vestidos de traje curto, calças cinzentas, alamares e faixa negros, sentia-se como se estivesse por trás de uma trincheira, protegida dos perigos. Estava acompanhada pelos melhores, numa das casas mais afamadas de Lisboa e isso era uma responsabilidade que nem o seu vestido amarelo e verde às riscas, de manga curta, peitilho de renda e gola redonda podia disfarçar. Era o melhor vestido que alguma vez tivera, tinha os melhores acompanhantes que se podia desejar, mas nem conseguia segurar as duas pontas do xaile à cintura como as fadistas faziam. Armandinho e Abel começaram a dedilhar, ela inclinou-se ao choro das guitarras e toda uma tristeza a invadiu. “Gostava de cantar a angústia. Não gostava daquele fado choradinho das pessoas que estão a morrer ou não têm dinheiro para comer. Não lhe agra-

dava esse género.”⁸ Contudo, não tinha outros versos para cantar senão uns que não gostava assim tanto:

*“Com alma e galhardia,
Gemidinho até mais não
Era assim a Mouraria,
Nos tempos que já lá vão...”*⁹

De olhos fechados, pensava que, assim que pudesse, compraria versos melhores para si. Cantou a seguir o fado de *Amália Rebordão* e depois o “*Não sou mulher piegas nem medrosa...*” e o repertório esgotou-se.

— Cante outro!

— Mais um fado, Amália!

— Mais um!

Deu um passo adiante no palcozinho onde se encontrava e, petrificada por ter de falar para a audiência, informou-os:

— Não tenho mais. Só tenho estes três fados. Só sei estes.

— Então cante-os outra vez!

Várias vozes concordantes obrigaram-na a fazê-lo, mas após repetir os três fados, havia quem ainda não estivesse satisfeito e continuasse a pedir mais. Saiu, quando a deixaram, para a cálida noite estrelada de Julho. Dizia-se que havia uma guerra lá fora, lá longe na Europa, mas ela só sentia uma enorme paz.

Em pouco tempo, o Retiro da Severa passou a estar lotado sempre que Amália cantava. A publicidade do boca em boca pegou como um rastilho de pólvora entre o público e também na família da fadista, deixando muitos elementos de falar com Lucinda e Albertino por terem permitido que a filha cantasse o fado. Lucinda ainda ponderou tirar Amália do Retiro da Severa, mas em breve ela estaria casada e já não precisaria da autorização da mãe, por isso deixou ficar tudo como estava.

— “Tu agasalha essa garganta, que ainda hás-de vir a ser uma Ercília Costa ou uma Berta Cardoso”¹⁰ — aconselhava Armandinho a Amália, fazendo-a sorrir perante a simpatia e exagero do guitarrista.

Podia ter sido feliz naquele momento, pois as pessoas gostavam de si e davam-lhe valor e atenção como nunca tivera, mas contentava-se em ser apenas bem-disposta. E isso já não era mau.

⁸ Afirmções que a própria deu em entrevista na revista *Rádio & Televisão*, a 5 de Dezembro de 1970, p. 18, para explicar que tipo de fado lhe agradava.

⁹ Alguns dos primeiros versos que Amália cantou in *Donas de Casa*, nº 142, Maio de 1970, p. 98.

¹⁰ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 45.

“Quem quer laranjas?”¹¹ — ouviu de uma janela da sua rua quando, mais bem vestida do que toda a vida andara, saía para o Retiro da Severa.

Troçavam dela no bairro. Estugou o passo para deixar depressa Alcântara e a sua maledicência para trás. Tinha assinado contrato com o Luso e com o Solar da Alegria, pois não cantava todos os dias no Retiro da Severa e, se antes podia trabalhar mais de vinte e cinco dias por mês a embrulhar rebuçados, agora podia cantar mais de dez. Tinha assinado com mais duas casas; isso era sinal de que as pessoas gostavam de si, animou-se.

— O senhor Soriano quer falar contigo, Amália — confidenciou-lhe ao ouvido Armandinho, mal ela entrou no Retiro.

— Boa-noite, senhor Soriano. O Armandinho disse que queria falar comigo.

— O que é isto, Amália? — perguntou Jorge Soriano, com ar severo, sem a cumprimentar e atirando para a frente da sua mesa um panfleto.

Amália reconheceu de imediato a sua fotografia. Pegou no folheto e logo ao primeiro relance percebeu que se tratava de publicidade do Solar da Alegria a anunciar a sua estreia.

— Ó Sr. Jorge, não leve a mal, mas como só trabalho aqui dez dias, pensei aproveitar os outros dias do mês.

— Aproveitar os outros dias do mês? — repetiu ele, abrindo uma gaveta e retirando de lá um outro papel. — Lembras-te disto?

— É o meu contrato.

— Não o leste quando o assinaste? Disse-te para o leres!

— Li, sim — respondeu espevitada. — Dizia que eu trabalharia dez dias por mês e ganharia 500\$00 por mês.

— Está certo, mas também diz que és uma artista privativa do Retiro da Severa. — Perante o ar confuso de Amália, Soriano perguntou-lhe: — Sabes o que artista privativa quer dizer? — A rapariga abanou a cabeça em

¹¹ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 45.

resposta. — Significa exclusividade. Significa que não podes cantar noutro lado. Este contrato que assinaste não te deixa cantar noutro lado, percebes? — Desta vez, Amália abanou a cabeça afirmativamente. — Então, vai. Vai lá cantar onde o contrato te permite, que é aqui.

Foi e cantou, mas dias depois chamaram-na à Inspecção dos Espectáculos. Apenas queria cantar mais para ganhar mais. Não sabia nada de artistas privativos, ainda que tivesse assinado um contrato que dizia que era uma. Contudo, quando o contrato do Retiro da Severa acabou, aceitou a oferta do Solar da Alegria e assinou com eles, também um contrato de artista privativa, mas desta vez a ganhar 800\$00.

A vida estava a acontecer-lhe demasiado depressa. Havia alguns meses embrulhava rebuçados e descascava fruta numa fábrica e agora já tinha trocado de casa de fado e até cantava numa revista. Não tinha feito nada para que isso acontecesse. Não procurara ninguém, mas os convites não paravam de aparecer, pensava, enquanto ensaiava no Teatro Maria Vitória a revista *Ora Vai Tu!*

— Mais alto, Amália! — pediu-lhe o maestro Frederico Valério. — Puxe mais pela garganta.

Amália obedeceu. Viera substituir Ercília Costa que por sua vez substituíra Hermínia Silva como atracção da peça. Sentia uma grande responsabilidade, pois se já não fosse suficiente o peso dos nomes que a precediam, ainda se somava o facto de a sua actuação ter sido anunciada como: “Estreia em teatro da novel cantadeira Amália Rodrigues, a grande revelação da canção nacional.”¹² Para além de tudo isso, era dirigida pelo maestro Frederico Valério. Não sabia se estaria à altura de tanta responsabilidade e expectativa.

— Você tem uma voz muito especial — disse o maestro, ficando por momentos a olhar para a jovem, como se estivesse a vê-la por dentro.

Amália baixou os olhos, sentiu-se inquirida. Não gostava de cantar assim, sendo avaliada. O maestro abanou a cabeça, como que a confirmar algum pensamento, e continuou o ensaio.

A fadista saiu apressada do Teatro Maria Vitória. Além dos preparativos para o casamento, tinha uma actuação nessa noite no Solar da Alegria. Por isso, quase sem dar conta, chegou o dia que desejara tanto. Ou, melhor, que em tempos desejara tanto, pois agora já não sabia. Francisco tinha-a desiludido, tinha dito e feito coisas muito más e ambas lhe indicavam que ele não era o tipo de pessoa que desejava para si. Porém, este casamento era o tipo de reparação que desejava para si e para a sua família. Sentia que devia isso aos pais e aos irmãos, mas aos outros

¹² Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 286.

também, àqueles que andavam por aí a preocupar-se com a vida alheia. Casou e foi a correr para o teatro. Assim que ficasse de folga, faria a boda do casamento como ostentação última da sua reparação. Estava disposta a aguentar o casamento. Contudo, sentia que ele estava condenado a não durar.

— Tens aqui um fado novo, Amália — disse o senhor José Miguel, dono do Solar da Alegria, estendendo uma folha de papel à fadista. — Chama-se *Ronda dos Bairros*. Vais cantá-lo daqui a pouco.

José Miguel afastou-se de Amália, deixando-lhe o fado nas mãos e o queixo caído. Ela olhou para o relógio de parede, para ver se não estava a fazer confusão, mas a sua esperança morreu à nascença. Faltava uma hora para começar a actuar e nesse tempo tinha de aprender um fado novo. Resignada, percebeu que o melhor era começar o quanto antes. De trás do palco, chegavam-lhe os resquícios da voz do fadista antes de si, assim como os acordes da guitarra e da viola que nada tinham a ver com a sonoridade da letra que decorava.

— Amália, anda! É a tua vez.

Levantou a cabeça da partitura que lhe tinham dado, sarapantada. Já passara uma hora?, perguntou-se num murmúrio. Tornou a olhar para o relógio de parede e este aniquilou-lhe novamente a esperança.

— É a tua vez! — voltaram a lembrar-lhe.

Olhou de relance para a letra, fechou os olhos e benzeu-se, esperando que Deus e Nossa Senhora do Carmo a ajudassem. Entrou em palco; a casa estava cheia. Colocou-se por trás dos guitarristas e pôs uma mão em cima do ombro de cada um. Começaram os primeiros dedilhares e Amália fechou os olhos. Já não via ninguém e nesse momento poderia cantar o que quisesse.

*“Sentindo-me fadista e reforçando a amarra
que prende no meu peito a sensibilidade.
Sobraçando contente uma velha guitarra
De noite percorri os bairros da cidade...”*

Sentiu-se crescer e tornou-se mais confiante.

*“Senhora da Saúde, a santinha benquista
Parece que escutou a trova que eu cantei
Senti-me mais mulher, senti-me mais fadista
Na velha Mouraria aonde o fado é REIIIIIII...”*¹³

¹³ Excerto da letra de *Ronda dos Bairros*.

As pessoas levantaram-se, aplaudindo-a de pé, arrebatadas pelo grito com que Amália terminara o fado. Pareceu-lhe que a Senhora da Saúde escutara a trova que cantara, ajudando-a a não se enganar na letra e galvanizando-a para aquele grito final.

— D. Amália?

— Sim? — Virou-se e viu um senhor baixo, roliço e de chapéu na mão.

Reconheceu-o, vinha quase todas as noites vê-la cantar.

— Chamo-me José de Melo. — Apresentou-se, trocando o chapéu de mão e estendendo-lha. — Costumo vir aqui ouvi-la. Venho quase todas as noites.

— Já reparei — disse, sem saber se deveria esboçar um sorriso ou se este poderia ser tomado de forma errada.

— Quanto é que a senhora Amália ganha aqui?

— Desculpe?

— Não, eu é que peço desculpa, mas deixe-me explicar-lhe. Já reparou que nas noites em que aqui canta a casa está cheia? — Amália acenou afirmativamente. — Então e já notou que o preço dos bilhetes sobe nesses dias? Nos outros dias, aqueles em que você não canta, os bilhetes custam vinte e cinco tostões, mas nas noites em que Amália vem, eles sobem para sete escudos e quinhentos.

— Não sabia disso... — respondeu, sentindo-se tonta. — Eu fico contente de ver a casa cheia, nem penso no dinheiro — acrescentou, tentando redimir-se da primeira resposta, mas sentindo-se ainda mais idiota.

— E então, diga-me lá, quanto é que ganha por cantar aqui?

— Ganho oitocentos escudos por mês — disse, desta vez não se sentindo tonta com a resposta.

— “Então vá para casa, que isso vai ganhar a menina por dia.”¹⁴

O senhor é louco, pensou. É impensável ganhar tanto dinheiro numa noite a cantar fado.

— Vá para casa — repetiu ele. — Que se não ganhar isso noutro lado, também não ficará sem ganhar. Eu pago-lhe os oitocentos escudos que está aqui a ganhar por mês.

Amália estava perplexa. Apertou a ponta do xaile na mão e ficou sem saber o que dizer. Ninguém fazia uma proposta destas inocentemente.

— Esteja descansada, dona Amália, que não há aqui paixão nenhuma — disse, como que adivinhando os pensamentos da cantadeira. — Tenho mulher, duas filhas e uma vida tranquila — contou, levando a mão ao bolso

¹⁴ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 47. Episódio com José de Melo inspirado na mesma referência.

interior do paletó e tirando de lá a carteira. — Vê? — perguntou, mostrando uma fotografia, com os bordos estragados, dentro da carteira. — São a luz dos meus olhos — confidenciou, ao mesmo tempo que passava o indicador sobre os rostos das meninas no retrato. — Além disso, sou empregado — acrescentou, voltando a colocar a carteira no bolso do casaco. — Posso bem pagar-lhe o ordenado. — Amália continuava sem perceber tanta generosidade. — Veja bem, ouvi-la cantar é um bálsamo para a minha alma, alvoraça-a com sentimentos díspares. Sinto tristeza e alegria, saudade e aconchego. Não sei se sentir tudo isto assim é bom, mas eu gosto. Gosto tanto dessa sensação que me causa revolta que estejam a explorá-la. É essa a minha motivação, a qual deveria estar a perguntar-se desde o início da conversa. Não quero que a explorem. É isso.

— Mas tenho contrato assinado — respondeu simplesmente, lembrando-se da confusão que fora no Retiro da Severa quando resolvera assinar com outras casas e não querendo de novo ser chamada à Inspeção de Espectáculos.

— Está certo. Está certo. Então faça assim: quando o contrato findar, não o renove e diga-lhes que daí em diante é tudo com o José de Melo e quem a quiser contratar vá falar comigo.

— Mas e se não forem?

— Vão, dona Amália. Acredite que vão.

A fadista continuava na dúvida.

— Não acredita em mim, pois não? — perguntou retoricamente. — Então leia isto! — pediu, estendendo-lhe um jornal que trazia debaixo do braço.

— O que é isto?

— Leia, por favor. Não, melhor, vou eu lê-lo para si:

“Onde quer que se encontre Amália Rodrigues cantando, logo uma multidão de apreciadores de bom fado a vai escutar, cativada por aquela vozinha sã, essencialmente castiça e tocada milagrosamente do saudosismo antigo que, a despeito das canções modernas, ainda é a graça que enche os corações e completa as almas, hoje em dia a viverem quase que totalmente esvaziadas do bom sentimento fadista.”¹⁵

Continuava a olhar para o senhor José de Melo, mas agora era o embaraço dos elogios que não a deixava dizer nada. Não fazia ideia que soubessem quem ela era e que falassem de si em jornais.

¹⁵ Na revista *A Canção do Sul*, 1 de Março de 1940, in Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 241.

— Vê?! É por isto que virão ter comigo ou irão até ao fim do mundo. Dá no mesmo. Ninguém quer ficar sem uma voz assim.

Ainda desconfiada, Amália pegou em *A Canção do Sul* e leu ela mesma o que o senhor José de Melo acabava de lhe ler.

— É de Março... — deixou Amália escapar.

A publicação tinha já alguns meses. No entanto, o senhor José de Melo guardara-a como a algo muito precioso. A fadista despediu-se dele sem saber o que pensar, do próprio e da sua proposta. Ganhar oitocentos escudos por noite seria simplesmente um escândalo. Alfredo Marceneiro ganhava cerca de cinquenta escudos por noite no Retiro da Severa. Pensando melhor, não seria um escândalo ganhar oitocentos escudos por noite, seria *impossível*. Resolveu tirar isso da cabeça. Porém, quando o contrato no Solar da Alegria terminou, fez como o senhor José de Melo lhe havia dito.

O empreiteiro começou por pedir duzentos e cinquenta escudos por noite, mas vendo que os empresários do Retiro da Severa, do Solar da Alegria e do Luso se digladiavam para ter Amália nas suas casas, subiu para quatrocentos, depois para quinhentos. Ganhou o Luso, com um conto de réis por noite. Actuaria apenas quatro vezes por mês, em vez das quinze do Solar da Alegria, mas ganharia cinco vezes mais do que lá.

— Um conto de réis é muito — admitiu Amália ao empresário do Luso. — Olhe, dê-me só setecentos e cinquenta escudos e fica bem assim — propôs, envergonhada por ir ganhar tanto. — Não conte nada ao senhor José de Melo e ficamos assim: todos satisfeitos.

O empresário do Luso concordou sem pestanejar e Amália sentiu-se melhor consigo mesma. Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto e Alberto Costa eram os fadistas que ganhavam mais, variando entre os trinta e os cinquenta escudos por noite. Eles eram os mais bem pagos, porque eram os melhores. Não cabia na cabeça de Amália ganhar tanto, sobretudo quando se dava conta de que acabava de chegar ao fado e aqueles eram valores consagrados. Setecentos e cinquenta escudos continuava a ser muito, pensou, mas era menos de mil e isso retirava-lhe algum do mal-estar que sentia. Contudo, o seu plano não durou muito. O senhor José de Melo soube e foi ao Luso exigir que lhe pagassem o que era devido. De facto, ele tinha razão e já que haveria escandaleira quer se tratasse de setecentos e cinquenta escudos quer de mil, então que fossem os mil. Os artistas do Luso começaram a pedir mais e a resposta do empresário foi positiva, mas não a que eles queriam:

— Pago, sim, senhor. Se me encherem a casa com o preço dos bilhetes mais alto, eu também vos pago um conto de réis por actuação. Está bem?

Não estava, mas os artistas saíram do escritório do empresário derrotados e sem argumentos. No fundo, era o público quem pagava a Amália.

Queria dizer-lhe que cantou bem, Amália — começou o senhor José de Melo, fazendo-a arrepiar-se de terror com a ideia de o ter desiludido — mas seria repetitivo — continuou, sorrindo. — Contudo, já não encontro mais adjectivos diferentes com os quais a possa brindar. Por isso, lembrei-me de trazer, mais uma vez, *A Canção do Sul*, pois traz outro artigo de João Reis sobre si.

A fadista sorriu e estendeu a mão para aceitar a publicação.

— Oh, não! Por favor, Amália, deixe-me ler-lho. — Ela acenou, complacente, em concordância. — “A Voz da Natureza... A Voz do Mar” — começou, lendo o título, mas limpando a garganta logo a seguir.

“Que fluido maravilhoso nos fustigou a alma quando mais uma vez ouvimos, agora mesmo, a dulcíssima voz de Amália Rodrigues. O nosso espírito, insatisfeito pelo belo, então, perdia-se no esplêndido ambiente do Café Luso (...).

Amália Rodrigues cantava, mas entregava a alma a cada um dos seus ouvintes, num desdobramento bíblico? Não! Num encantamento mágico de senhora e dona dos melhores acordes divinos. (...)

Como foi aquilo, não o sabemos! Não o saberemos, nunca o saberemos. Quem pode entrar nas práticas do destino, quando ele encobre, com seu manto, os eleitos?

Como foi aquilo! (...)

A voz de Amália Rodrigues é nostálgica como uma ausência, é vibrante como uma lágrima e é saudosa, muito saudosa...

Não há adjectivos que a coloquem acima do seu valor.

Mais uma vez a homenageamos, hoje, conscientes de que a alma do fado está pairando no coração desta fadista que apesar de toda a sua classe artística, tem uma grande virtude feminina: — a modéstia. (...)

O fluido mágico da sua voz fustigou-nos a alma e deixou-a, a

vibrar, mas legou-nos um eco de agradável música. Nesse eco ouvimos alternadamente ora o ciciar do Oceano, no seu mistério intransponível, ora o ruído das ondas a enrolarem-se sobre as areias — num beijo intraduzível. Ouvimos tudo quanto a natureza nos dá de mais belo: — o mar. E o mar não nos diz os seus segredos... É a natureza em todo o seu mistério. E a voz de Amália Rodrigues é bem a voz da natureza, é, sem dúvida alguma, a voz do mar... É um mistério... um dos maravilhosos mistérios fadistas...”¹⁶

Amália pegou nos jornais com as suas mãos e releu o que acabara de ouvir da boca de José de Melo. O verdadeiro mistério, o maravilhoso mistério fadista, pensou, era o sucesso que tinha. Acontecera desde o primeiro dia e nunca sentiu que fizesse nada por isso.

¹⁶ Na revista *A Canção do Sul*, 16 de Março de 1941, p. 3.

Falava-se, falava-se muito e em diversas línguas. A cotoveleira de um paletó modesto quase roçava a manga de um fato de bom corte. E também havia mulheres, mas não eram portuguesas. As senhoras e meninas lisboetas já dormiam àquela hora, ou, pelo menos, estavam em casa. As estrangeiras é que acompanhavam os maridos e os namorados aos divertimentos nocturnos, assim como também riam e fumavam em público. Havia um à-vontade que os refugiados da guerra que grassava lá longe na Europa traziam para Portugal e que, aos poucos, ia contaminando os portugueses como uma doença má. Amália começara a cantar em público havia apenas três anos e, contudo, conseguia já notar uma diferença. O espírito desassombrado dos refugiados começava a contaminar os lisboetas, embora de maneira lenta. E tinham mudado, rapidamente, os frequentadores das casas de fado. Agora havia mulheres a vê-la. Era verdade que a maioria era estrangeira, mas já não era apenas aplaudida por homens.

Lado a lado com o ruído das conversas, ecoavam copos e tilintavam talheres roçando em pratos com petiscos à portuguesa. Uma gargalhada mais estridente, em resposta a uma piada de um empregado, sobrepunha-se à algraviada. O desporto sentava-se ao lado das finanças, estas junto às artes e à beira da aristocracia. Havia de tudo no Retiro dos Marialvas, ricos e pobres, mas no dia em que Amália cantava, estes não vinham devido ao elevado valor das entradas.

De uma mesa, entoava-se um gemido, um ai e todo um fado. As luzes não baixaram, como para os artistas de palco, mas todas as mesas em volta pediam silêncio às outras.

— É a Natália Correia — disse alguém num murmúrio que se propagou de boca em boca por todas as mesas com a velocidade de um rastilho de pólvora.

Era uma promissora jovem escritora, que bem podia mudar o rumo da sua carreira e talvez fizesse sucesso como fadista. Acompanhava-a um senhor encasacado, provavelmente um diplomata, e uma senhora de *sari*, talvez mulher deste. Aplausos ecoaram com grande estrondo dando lugar,

de novo, à cavaqueira de antes. Natália Correia tornou a sentar-se, meneando antes a cabeça em agradecimento a um elogio que lhe atiraram.

A luz diminuiu e instantaneamente se sentiu um recolhimento no público. Acabaram-se as graçolas e as conversas findaram. Mesmo antes das guitarras e da voz de Amália, como que numa antecipação desta, a sala já estava cheia de nostalgia. Amália atravessou o estreito palco na penumbra, colocando-se por trás dos músicos como quem se posiciona atrás de um escudo. Fechou os olhos, esperando que os guitarras começassem.

A sua voz, cheia de uma suavidade trágica, prendia os clientes do Retiro dos Marialvas. Eles fitavam-na com um olhar perdido e escutavam-na com uma atenção profunda, fazendo renascer sentimentos de perdas e tristezas antigas e recentes. Levavam, de quando em quando, o copo de vinho verde aos lábios e a tragédia parecia menor. Soaram as palmas e o salão voltou a encher-se de conversas e de luz.

Havia, contudo, um par de olhos que permanecia fixo no ponto onde Amália cantara havia instantes. Era um olhar com uma profundidade tamanha que parecia que podia ainda perscrutá-la. Alguns dos olhares femininos estavam, no entanto, presos nele. Era um homem alto, loiro, bonito e bastante conquistador. Levou o copo de conhaque à boca e esvaziou-o. Amália não voltaria a actuar nessa noite e o Retiro dos Marialvas acabara de perder o encanto para si. Ricardo Espírito Santo levantou-se e saiu.

Os mornos raios de Sol do fim de uma manhã de inverno espalhavam-se nos rostos de Amália e Celeste, disfarçando as olheiras e os traços de cansaço de uma noite de fados, cantados e ouvidos, e de fumo, inalado e expelido. Sentavam-se em duas cadeiras de pinho, abandonadas sem mesa no pátio, e, por vezes, abriam os olhos como que para verificarem que os galhos, delgados e despídos da velha árvore plantada no centro do quintal, continuavam a balouçar-se tristemente. Ocasionalmente, um pardal esvoaçava.

A modorra das duas irmãs foi esmorecendo. Vozes de mulheres que voltavam com o seu peixe da praça, de homens a deitarem-se em adivinhações sobre os golos que o Benfica e o Sporting fariam naquela tarde, e o ruído do rolar dos arcos dos gaiatos na calçada delinearam-se até se tornarem completamente independentes uns dos outros. O quintal da casa dos pais de Francisco, em Algés, era agradável, concluiu Amália ao mesmo tempo que o chilrear intenso de um pardal chamava por outro. E as duas irmãs entregaram-se ao rememorar das histórias da noite passada e de outras mais distantes entre gargalhadas que encobriam os ruídos da rua.

— Lembras-te quando quisemos fugir de barco? — perguntou Celeste.

— Que idade teríamos? — indagou Amália, em jeito de resposta.

— Eu devia ter uns catorze e tu dezasseis.

— Pois foi... — disse, acompanhando com o olhar o balouçar da árvore nua. — Queríamos viajar clandestinas de barco para qualquer lado, para sermos emigrantes como víamos no cinema.

— Mas não era pelo dinheiro...

— Claro que não! — interrompeu Amália. — Era pelo sonho. Era pela aventura.

Celeste irrompeu em gargalhadas, contorcendo-se na cadeira como se lhe doesse a barriga.

— Saímos de casa às seis, vestidas com as roupas dos manos para que não se metessem connosco e... — começou Celeste, incapaz de acabar pelo ataque de riso.

— E às seis e meia já estávamos novamente em casa! — concluiu Amália pela irmã, deixando-se contagiar pelo ataque de gargalhadas.

— Um homem farta-se de trabalhar e não pode dormir um pouco mais ao domingo? — gritou Francisco, abrindo a porta e atirando-a contra o muro do quintal, por pouco não a partindo. As risadas das irmãs terminaram abruptamente. — Sou torneiro mecânico, não ganho a vida a cantar e a passear.

— Oh, não faças escândalos, já passa do meio-dia! — ripostou Celeste, com as faces vermelhas de tanto rir. — E o que te está a dar sono não foi o trabalho durante a semana, mas a pinga a mais ontem à noite!

— Cala-te! Já aturo as manias de uma que pensa que é fadista, não estou para aturar as de outra! — atirou, olhando encolerizado para a cunhada como se ela carregasse uma grande culpa. — Cala-te, já disse! Não estás em tua casa! — repetiu, quando Celeste abriu a boca para revidar.

Ela levantou-se de rompante, atirando para o chão a manta que lhe cobria as pernas, olhou para a irmã antes de falar, e disse, encarando o cunhado com os olhos a faiscarem de cólera:

— Eu saio, não precisas de me pôr na rua!

E saiu, sem acrescentar mais nada nem olhar para trás.

— Se ela vai, eu vou com ela! — replicou Amália, atirando também a sua manta para o chão e seguindo a irmã.

Francisco ficou a olhar para as mulheres que partiam, com um sentimento de perda a minar-lhe a sensação de vitória sobre elas. Pensou em correr atrás de Amália, mas qualquer coisa dentro de si paralisava-lhe os movimentos.

— Até à noite ela volta... — murmurou, sem confiança, para se consolar.

— Nunca mais ponho os pés naquela casa! — disse Amália já na rua, de braço dado com Celeste.

Apoiava-se no braço da irmã para não se sentir desamparada na decisão que tomara.

— Não digas isso, Amália! A discussão nem sequer foi contigo!

— Foi pior, foi contigo!

— Até logo à noite já fizeram as pazes, pois não é caso para mais.

— Talvez seja... Eu não sou a única na vida dele.

Os olhos de Celeste faiscaram de cólera.

— Então fizeste bem, sim.

Apesar do lusco-fusco, o táxi ainda não acendera as luzes. Queria poupar no gasogénio, embora o pé, nervoso, carregasse no acelerador. Amália

agarrou-se ao puxador interior da porta, sentindo-se balouçar desamparada no carro.

— Não é preciso ir tão depressa! — disse Amália, em tom de admoestação.

— Claro que é! — retrucou Celeste, antes que o taxista pudesse responder e ao mesmo tempo que o irmão Filipe tirava o relógio do bolso e verificava nervosamente a posição dos ponteiros. — Com essa tua despreocupação ainda perdemos o comboio, Amália!

— Amália? — questionou o motorista, olhando pelo espelho retrovisor para as suas passageiras. — Não é, por acaso, a menina que canta no Retiro dos Marialvas? — perguntou, meneando a cabeça na direcção delas.

— Olhe mas é para a frente! — ralhou Celeste, imitando a irmã e agarrando-se ao puxador para não se desequilibrar quando a viatura mudou de direcção.

O cilindro metálico de gasogénio, colocado na traseira do carro, parecia que ia desequilibrar a viatura e virá-la, sobretudo nas curvas ou mudanças de direcção.

— Tenho ouvido falar muito em si, aqui no meu carro, e tenho feito muitas corridas para o Retiro dos Marialvas para deixar lá gente que a vai ouvir.

Amália olhou para trás, preocupada, mas pouco mais alcançava do que o reservatório enquanto desciam a Avenida da Liberdade. Àquela hora a artéria estava praticamente deserta e o condutor aproveitou para acelerar mais um pouco.

— Nas noites em que canta tenho mais clientes! — acrescentou sorrindo, alheio às preocupações de segurança das suas passageiras.

— O Rossio! — gritou Filipe, apontando para a frente.

O taxista travou a fundo defronte da fachada da estação. A luz que as oito portas em arco do edifício emanavam fazia-as parecer maiores, assim como aumentavam a sensação de atraso de Celeste.

— Já acenderam as luzes!

A inquietação de Celeste era tão intensa quanto a despreocupação de Amália. Entraram a correr na estação, enquanto Filipe colocava as malas das irmãs num carro de bagagem e se precipitava atrás delas. Os três giravam os pescoços à procura de alguma informação que lhes indicasse para que plataforma deveriam dirigir-se. Carruagens imponentes e ainda brilhantes, quando comparadas com as suas congéneres das outras linhas, deram-lhes a informação de que precisavam. Um rapaz magro, no início da plataforma, fitava-os com os seus olhos grandes a tornarem-se ainda maiores pela curiosidade que aquele trio lhe suscitava. Um outro jovem, que já tinha uma mão no ar, acenando um adeus para alguém no interior

da carruagem e a outra segurando uma bengalinha que lhe aumentava o ar afectado, também desviou a sua atenção para aqueles passageiros retardatários. As carruagens trepidavam com o trabalhar do motor. Duas pessoas debruçavam-se sobre as janelas abertas, agitando freneticamente os braços.

— Olha o Armandinho e o Santos Moreira! — gritou Celeste, a hiper-ventilar, vendo o guitarra e o viola da irmã.

O chefe da estação, magro e aprumado, com o boné de galão muito direito na cabeça e o uniforme sem um vinco, levantou a bandeirola no ar, levou o apito à boca e, em simultâneo, deixou cair o braço e soprou com ímpeto no assobio. Um silvo penetrante cortou o ar, sobrepondo-se aos apelos dos três irmãos que rogavam para que o comboio esperasse. Apenas nesse instante o empenhado chefe de estação os vislumbrou, mas era tarde de mais, a locomotiva e as carruagens deslizavam já devagar sobre os *rails*.

Naquele momento, Amália acreditou que perderia o comboio e encheu-se de pena pelo seu guitarra e viola. O passaporte deles era o dela, pois viajavam com um passaporte colectivo em seu nome. Que seria deles na fronteira quando os *carabineros* lhes pedissem os documentos? Este pensamento injectou-a de energia e correu ainda mais. O irmão atirou por cima da sua cabeça uma das malas para o interior do comboio e o rapaz magro, de olhos grandes, tinha, afinal, também o coração e os braços grandes e fez o mesmo com outra das malas que Filipe levava no carro de bagagem. Os braços do guitarra e do viola estendiam-se agora à porta da carruagem, Amália deu um salto, confiando naqueles dois homens como em tantas outras noites em que se apoiara neles para cantar. Celeste entrou logo a seguir, com uma mala a raspar-lhe pela cabeça. As duas irmãs acenaram um adeus furtivo a Filipe, de rosto reluzente pelo suor, que, da plataforma, as via afastarem-se. Finalmente, elas puderam deixar-se cair nos primeiros assentos livres que encontraram.

— Sempre vamos para Madrid... — suspirou Amália. Apesar do seu desinteresse pela viagem, estava dentro do comboio.

Era a primeira vez que viajava para o estrangeiro e ia em primeira classe, mas isso não lhe suscitava qualquer emoção, ao contrário da irmã, do guitarra e do viola, talvez porque Francisco não ia com ela. Tinha vários admiradores, alguns até muito importantes, pensou, mas o marido nunca a fora buscar. Preferia outras. *Ele nunca me foi buscar*, removeu. E ela nunca voltara. Desviou o olhar para a janela, para a paisagem que desfilava sem detença diante dos seus olhos e estes começaram a fechar-se.

Dormia pesadamente quando em Valência de Alcântara se efectuou a troca de locomotiva, acordando só na estação de *Chamartín*, em Madrid,

porque a irmã, que dividia o compartimento-cama com ela, a abanou freneticamente.

— Chegámos, Amália! Acorda! — gritava Celeste, com a voz a tremer-lhe pela emoção de estar num outro país e atarefada a verificar se tinha já os seus pertences nas mãos.

Amália não se conseguia deixar contagiar. Contudo, quando o táxi entrou no *Paseo del Prado*, teve a certeza que fizera bem em aceitar o convite do ministro em Madrid, Teotónio Pereira, para ir cantar à embaixada.

Era a primeira vez que ia cantar para pessoas que não percebiam o português. Era certo que um português sempre entende o espanhol, mas a recíproca não era verdadeira. Sobre o palco, perscrutada por olhos que tinham ouvido vagamente falar dela, era o apoio de Armandinho e de Santos Moreira que não a deixava sentir-se desamparada. Eles eram uma espécie de rede para um acrobata. Confiava neles. Também era verdade que muitas vezes no Luso, no Retiro da Severa ou no dos Marialvas e noutros sítios onde cantava, estavam lá muitos estrangeiros. Porém, era diferente. Eles iam ao Bairro Alto, a uma capelinha do fado, porque queriam. Estes estavam ali ainda para ver se gostavam, porque o Ministro Teotónio Pereira pretendia mostrar um pouco da cultura portuguesa. Não teria outra oportunidade para lhes agradar.

A garganta, a língua e o palato estavam secos. Começou a cantar e pareceu-lhe que demorava uma eternidade. *O que estou eu aqui a fazer há tanto tempo?*, interrogou-se ao repetir a segunda parte do fado. *Eles não percebem o português*, reiterou para si. Lembrou-se, então, de encurtar o fado e não repetir a primeira parte. A segunda também não, decidiu. O fado tornou-se então mais fluido. Até então repetia-se tudo; Amália mudou isso naquele instante.

Quase todas as noites, Amália recebia um enorme *bouquet* de rosas vermelhas no Teatro Apolo, mas nenhum deles enviado por Francisco. Vinham com um cartão assinado sempre com o mesmo nome: Ricardo Espírito Santo. Não sabia quem era. Porém, sabia gostar de flores vermelhas e esse Ricardo, se não o sabia, então adivinhava-o. Gostava de flores vermelhas, pensou, gostava de ir ao campo e ver muitas papoilas a fazerem contraste com o verde das ervas.¹⁷ Nem ao menos uma papoila o Francisco lhe enviava, removeu. Nem nunca a fora buscar, suspirou, deixando cair a mão que

¹⁷“Gosto dos dias em que vou para o campo e vejo muitas papoilas a fazer contraste com o verde das ervas” in artigo de *Rádio & Televisão*, 5 de Dezembro de 1970, p. 12.

lhe escovava o cabelo negro de azeviche, sabendo que como o marido não a fora buscar, ela não podia voltar. Tornou a suspirar.

Abandonou o camarim e logo à saída percebeu um burburinho. As colegas corriam, alvoraçadas, de um lado para o outro, soltando risos nervosos.

— Está aí o Ricardo Espírito Santo...

— Para quem será que ele veio?

— Costumo receber flores com esse nome — contou Amália, em simultâneo com a interrogação da colega.

Os risos e os olhares interrogativos acabaram, o mistério também.

— Não sei quem é — respondeu a fadista em jeito de defesa ao ver recair sobre si vários olhares agastados. — Nunca o vi.

— É um homem muito importante.

Amália encolheu os ombros.

— Deve ter vindo por ti.

A fadista entrou em palco sabendo que estava na assistência um Ricardo Espírito Santo, que vinha com um grupo muito grande e provavelmente estaria lá para a ver. Apenas esperava que essa responsabilidade não lhe secasse ainda mais a boca. Não gostava muito de teatro e de revistas, concluiu. A proximidade do público era muito grande. Gostava era de experimentar o cinema, reflectiu, pois não havia espectadores.

No fim do espectáculo, nos bastidores, Amália voltou a sentir um alvoroço. Olhou para trás e apenas viu um ramo enorme de rosas encarnadas. Eram bonitas, pensou, indiferente à desordem que aquele *bouquet* andante estava a causar. Não conseguia ver o rosto de quem o trazia. Apenas distinguia uma cabeleira loira por trás das flores, mas nenhum rosto.

— É ele — murmurou alguém nas suas costas.

— Boa-noite, D. Amália — cumprimentou-a, baixando as rosas e deixando a descoberto uns olhos meigos num rosto claro e de traços ternos. — Sou o Ricardo Espírito Santo — apresentou-se, segurando na mão de Amália e encostando os lábios naquela.

Tinha lábios de veludo, verificou Amália ao sentir a boca dele nas costas da sua mão.

— Sou um dos seus maiores admiradores. — Completou a apresentação, libertando a mão da fadista.

Amália ficou espedada, sem saber o que dizer, enquanto nas suas costas cochichavam: “E também é banqueiro.” Ele atraía os olhares femininos do teatro como o pólen as abelhas. Contudo, em Amália parecia ter o efeito contrário, pois o embaraço obrigava-a a desviar o olhar.

— São para si — disse Ricardo, estendendo as flores à artista.

— Obrigada — pronunciou, finalmente, agarrando o ramo.

Ricardo Espírito Santo sorriu.

— Julguei que para ter o prazer de ouvir a sua voz, teria sempre de pagar bilhete.

— Já o tenho visto no Retiro dos Marialvas — começou Amália, obrigando-se a falar para não tornar o momento insuportável. — Só não sabia quem era.

O banqueiro tornou a sorrir. Um sorriso daqueles, nuns lábios e rosto tão ternos, encimados por cabelos loiros, fazia-o assemelhar-se a um anjo, reflectia Amália.

— Vou lá só por sua causa. Quando cantou no Luso, também lá fui algumas vezes ouvi-la. Se cantasse em Paris ou em Roma, também lá iria. — Amália ruborizou e o banqueiro sentiu-se galvanizado a continuar. — Para a ouvir, nenhum esforço é demasiado — confessou, voltando a pegar na mão da fadista, mas provocando-lhe um estremecimento desta vez, e depositando-lhe novo beijo. — Até amanhã, no Retiro dos Marialvas.

— Mãe! Mãe! — gritou Amália, assim que trespassou a ombreira da porta de sua casa.

Lucinda apareceu no corredor, em camisa de dormir branca, e ar estremunhado.

— O que foi, rapariga? Até parece que vais tirar o teu pai da força!

— Mãe, — repetiu Amália, com uma voz levemente afogueada, — hoje conheci um senhor muito importante.

— E então? — perguntou, esfregando um olho e sem qualquer indício de contágio do entusiasmo que infectava a filha.

— Mãe, ele é um senhor muito rico e importante e diz que eu canto muito bem.

O rosto de Lucinda modificou-se, perdeu os traços de sonolência e os seus olhos tornaram-se interessados. Compreendia a filha: uma pessoa pobre sentia-se mais valorizada quando alguém importante lhe dava valor. Lucinda sentia-se um pouco mais importante também.

1944

A entrada do Café Luso refulgia de luz, assim como as artérias principais e as vitrinas das lojas. Em breve, a iluminação nocturna seria apagada, os motoristas de táxi deixariam os faróis apenas com uma fina brecha para que jorrasse uma ténue barra de luz de forma a que, do alto, os pilotos alemães não detectassem uma área habitacional. As montras seriam “adornadas” com tiras de papel coladas nos vidros para impedir que, em caso de bombardeamento, as vitrinas não se transformassem em estilhaços mortíferos, e as estátuas das praças e rotundas da capital protegidas com sacos de areia em seu redor. Mas isso era para breve, não era agora. Agora a ilusão andava de braço dado com a realidade, as duas tão juntas que não se conseguiam discernir. A Europa era um palco de guerra, mas os holofotes estavam sobre Lisboa, iluminada pela luz dos candeeiros da rua, das janelas das casas e das montras ricamente recheadas. Os seus actores, lisboetas, espiões e refugiados, representavam o seu papel: fingiam ser felizes. Na ilusão de felicidade, à qual todos tão fortemente se agarravam, uns sentiam-se desconfortáveis, mas a maioria estava feliz. Lisboa estava feliz. Os casinos pululavam de refugiados ricos e espiões, os hotéis também, o Café Luso estava cheio.

A Travessa da Queimada estava apinhada de gente. O granito cinzento das pedras da calçada tornara-se invisível. Não havia um centímetro quadrado livre. As pessoas que não tinham conseguido lugar no Luso não arredavam pé da travessa. Esperavam o milagre de uma mesa vagar. Eram vinte e duas e trinta. Amália deveria ter começado a cantar havia meia hora. Talvez se demorasse mais um pouco, alguns espectadores se aborrecessem de esperar e acontecesse o tão esperado milagre, matutavam alguns. Se não conseguissem uma mesa, talvez pudessem, ao menos, vê-la entrar. Ao menos isso, repetiam amiúde desde o número 10 da Travessa da Queimada, ladeira abaixo até ao enfiamento com a Rua da Atalaia. Mais próximo do Luso, os ânimos eram outros e os murmúrios passavam a alterações ao mesmo tempo que, da bilheteira, os telefones não paravam de tocar.

— “Não há mesas. Lotação esgotada. Não se respeitam marcações”¹⁸
— respondiam os funcionários secamente, quer a pessoa estivesse defronte delas ou do outro lado da linha.

Por isso, mais perto da entrada, os ânimos estavam exaltados. Quem reservara a sua mesa atempadamente queria-a agora.

— Quando a Amália cá vem cantar, é sempre isto! — resmungou alguém, vendo mais uma vez caídos pelo chão os seus planos de entrar no Luso e assistir à fadista.

Uma avenida abriu-se por entre a multidão apinhada na travessa. Qual Mar Vermelho, as pessoas afastavam-se para deixar passar quem aí vinha. Olhares perscrutaram o breu da noite, com a esperança a dar-lhes a certeza que era Amália quem chegava. Era, contudo, apenas o seu prolongamento. Era o seu guitarra, Fernando Freitas.

Junto à porta do Luso, Fernando Freitas olhou para trás e um esgar traiu a admiração que aquele espectáculo lhe provocava. Era sempre assim, mas continuava a causar-lhe espanto que Amália mobilizasse tanta gente todos os dias que ali cantava. Os olhos semicerraram-se enchendo de pequenas rugas o contorno do olhar e o rosto encovou-se quando tragou a última passa do cigarro.

— E ela, quando vem? — gritou um dos que esperavam com a paciência a esgotar-se.

Fernando Freitas atirou o cigarro para o chão e esmagou-o com a sola do sapato. Ergueu o olhar e disse, com ar indiferente:

— Lá para a meia-noite. Ela está a jantar com umas pessoas amigas.

A turba ficou descontente e ainda mais ruidosa. Era essa a sua intenção. Podia ser que se cansassem de esperar em vão e fossem andando, pensou, desaparecendo no interior do Luso.

Tal como a multidão dava a entender da rua, não havia uma mesa vazia. Uma camada de fumo branco encimava as cabeças e um ciciar de vozes enchia o ambiente, tornando-o quente e vivo. Nos ecrãs de cinema e nos jornais diziam que havia guerra, mas ali apenas havia Amália. Ou melhor, apenas havia a expectativa da sua chegada.

As antigas cocheiras e adegas do Palácio de S. Roque viviam agora uma outra existência para a qual não tinham sido concebidas. Estavam cheias de luz e de gente. A média luz dera lugar a uma claridade enevoadada de fumo e os cavalos e as garrafas de bom vinho a gente do fado, a actores e a pessoas importantes. O Embaixador de Espanha e a esposa, o Conde de Sobral, o Conde de Sabrosa e o Barão de Hortega espalhavam-se pelas mesas que preenchiam o espaço outrora ocupa-

¹⁸ Na revista *Eva*, Outubro de 1944, p. 12.

do pela adega. Entremeavam-nos mesas de artistas, como Carmencita, Estrela Faria ou Maria Teresa de Noronha. Também lá estavam poetas, José Bruges de Oliveira e Linhares de Barbosa, que fazia as letras para os fados de Amália.

Cantava um fadista no palco e a sala estava electrizada. Não era, contudo, pela voz dele, mas pela expectativa da chegada de Amália. Chegavam a ser nervos toda aquela expectativa. Subitamente, uma ovação e uma salva de palmas anunciaram a chegada da fadista. Amália acabava de entrar e de todas as mesas chamavam-na, acenavam-lhe. Seria impossível para aqueles admiradores, que a esperavam havia horas, acreditarem que ela passara os últimos cinco dias a telefonar para o Luso para saber como estava a casa, convencida de que cantaria num lugar vazio¹⁹. Amália passou pelas mesas meneando a cabeça e esboçando um sorriso tímido, na tentativa de corresponder a todos os chamamentos.

As palmas redobraram de tom quando Amália subiu, finalmente, ao estrado, debaixo da estrutura arqueada da sala. O entusiasmo e a admiração do público, que cobriu o ambiente de palmas, enchiam agora o estrado de flores.

O guitarra e o viola já se encontravam nos seus lugares, começando os primeiros acordes, e o murmurar do público em êxtase, mesmo antes de Amália abrir a boca, baixou de tom.

A acústica singular da sala, devido ao tecto arqueado, tornava a voz de Amália ainda mais especial. Os braços e as pernas dos ouvintes tremiam, a pele tornava-se de galinha e, por instantes, uma lágrima aflorava num ou noutro rosto, transformando o paraíso que era Lisboa em tempo de guerra num lugar um pouco menos luminoso, muito mais melancólico e, por isso, triste.

Num intervalo da sua actuação, Amália aproximou-se do jornalista que estivera com ela no Tavares, enquanto jantava antes de vir para o Luso, para lhe falar de fado.

— Eu não percebo nada de fado... — disse o homem, sem conseguir disfarçar o embaraço.

— “Talvez nem goste. Há muita gente que não gosta de fado.” — A avaliar pela enchente da casa e da travessa, ninguém o suspeitaria, pensou o jornalista para si. — “É natural. Da maneira como a maior parte da gente o canta e com versos horríveis... Nem é possível gostar... Mas cantado com naturalidade, com bonita letra... é uma linda canção, como qualquer outra.”

— “Assim até eu gosto...”

¹⁹ Na revista *Homem Magazine*, Novembro de 1995, p. 61.

— “E toda a gente gosta, creia...” — Estava mais do que convencido por aquilo que via, cogitou o jornalista. — “Eu adoro-o.”²⁰

Eu adoro-a, pensou o periodista, ainda sob o efeito do feitiço que Amália lançava sobre os seus ouvintes em palco e fora dele. Metade de Lisboa estava apaixonada por ela. Oh, o que estava ele a pensar? Toda a Lisboa estava apaixonada por ela. E ele, claro, não era excepção, mas deixou-a regressar ao palco sem nada lhe dizer.

Amália acabou o seu número no Café Luso com o *Fado Agradecimento* e Lisboa voltava a sentir o clima de festa. Tudo estava de novo olvidado e a festa começava agora para ela. Abandonou o Luso à uma e meia da manhã e foi para o Café Negresco, seguida da sua *entourage*. As pessoas seguiam-na, ávidas por a proximidade àquela mulher poder torná-las, por simbiose, um pouco mais interessantes, menos banais.

A guerra fazia impressão a Amália. Não a lia nos jornais, porque não os lia, mas via-a no cinema antes do filme. E, tal como nas fitas ficava danada com os maus, sentada na sala de cinema ficava arrelhiada com os alemães e os japoneses. Mas agora, sentada no Negresco, juntava o seu fumo aos dos outros fumando cigarro atrás de cigarro com a mesma despreocupação dos restantes. Apenas uma coisa na sua atitude a distinguia dos outros, que se agarravam à ilusão de felicidade. Ela não se iludia, sabia que não era feliz e sorria. Sorria com um sorriso triste.

— Vamos para o Tokai? — perguntou retoricamente, pois já se levantava e todos os outros a imitavam, os que tinham vindo com Amália e os que já estavam no Negresco e pretendiam juntar-se à procissão. Ninguém queria estar longe dela. Mais do que montras ou ruas luminosas, era Amália quem tornava brilhante Lisboa. Era ela quem os mantinha à tona, agarrados à balsa de felicidade que estar perto dela representava, enquanto o resto do mundo, da Europa, mergulhava no desespero. Mais do que o ouro dos judeus, as suas obras de arte ou os diamantes, era ela o maior tesouro.

No Tokai, tal como no Negresco, era conhecida de todos. Eram quase três da manhã, mas não via em nenhum rosto uma figura cansada, apenas uma cavaqueira ruidosa em cada mesa, assim como uma nuvem alvacentada do fumo dos cigarros e dos charutos por cima das cabeças. A música vinda do palco, da artista que actuava naquela noite, chegava-lhe como um ruído indefinido misturado com a vozaria dos presentes que não prestavam qualquer atenção à actuação. Todo aquele ambiente, que sorvia à entrada de cada bar, era a vida nocturna de Lisboa: intensa e fortemente despreendida.

Com os cotovelos apoiados na mesa, uma figura farta expelia de bochechas inchadas o fumo do seu charuto. Ele falava com intimidade com

²⁰ Diálogo entre aspas retirado de um artigo da revista *Eva*, Outubro de 1944, p. 39.

as duas mulheres que o acompanhavam na mesa. Amália calculou que seriam, provavelmente, a mãe e a esposa dele. O olhar do sujeito cruzou-se por instantes com o dela, mas rapidamente Amália desviou a sua atenção noutra direção. Noutra mesa, mais fumo e mais gargalhadas, dois homens de pele e cabelos claros, alemães ou ingleses, bebiam o seu conhaque. *São ingleses*, palpitou Amália, mais por achar os alemães maus e não descansar enquanto os maus não eram apanhados nos filmes e não querer ver a sua cena manchada por vilões que ninguém estava interessado em apanhar. Voltou a olhar para o homem anafado, acompanhado das duas mulheres; ele não olhava agora para si, mas na conversa à qual se entregava com as suas acompanhantes, pareceu-lhe poder ler nos seus lábios o seu nome. Sentou-se numa das muitas mesas vazias do Tokai e, de repente, o estabelecimento ficou cheio. Notou alguns olhares, de longe e de perto, a contemplá-la com devoção. Retirou um cigarro da cigarreira e vários pequenos pontos luminosos cintilaram em seu redor de um sem-fim de fósforos e isqueiros que se acendiam para si.

Olhou para o lado, expelindo uma comprida nuvem de fumo e viu o homem gordo, que notara assim que entrara, dirigir-se para a sua mesa.

— Boa-noite — saudou, estendendo-lhe a mão. — Sou o Cônsul da Venezuela. — Amália apertou-lhe a mão, ficando com a sua molhada de suor. — Peço desculpa, mas não é por acaso a Amália, a Amália Rodrigues?

— Sou — respondeu, apagando o cigarro no cinzeiro ao mesmo tempo que expelia a última golfada de fumo.

— Eu sabia... — replicou com um olhar vago. — Sabe, cheguei há uma semana... — continuou, com o mesmo olhar vago, mas agora como se recordasse alguma coisa. — Consegui escapar ileso, eu e a minha família: a minha mulher e a minha mãe — disse, apontando num gesto amplo para a mesa onde estivera sentado. — Enfim, como dizia, cheguei há uma semana e procurei logo a companhia de artistas que para tristezas já bem basta a guerra e ouvi logo falar em si. Quando você entrou, há momentos, disse logo para a minha mãe e para a minha mulher: “Entrou agora a Amália Rodrigues.” Elas não acreditaram, pois eu nunca a tinha visto, mas eu teimei: “Eu sei que há uma Amália Rodrigues em Portugal e só pode ser esta mulher que entrou!”²¹

— Mas se nunca me viu, se não sabia como eu sou, como pode ter tido tanta certeza? Achou que eu tinha cara de Amália, foi?

— Não — respondeu o cônsul com um sorriso benévolo. — Achei que tinha alma de Amália Rodrigues. — O rosto de estupefacção da fadista in-

²¹ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 56.

centivou-o a continuar a sua explicação. — Quando entrou, os seus olhos, os seus gestos, o seu andar, tudo transbordava de um magnetismo tão grande que fazia com que fosse impossível tirar os olhos de si. Mas quando falou, ainda que apenas para dizer boa-noite, a sua voz completou o feitiço. Sabe, Amália... permite-me que eu a trate assim? — O acenar afirmativo da mulher foi o suficiente para continuar. — É muito difícil um homem não se apaixonar por si quando a vê.

— Oh, tolices! — respondeu de imediato para disfarçar o seu constrangimento. — Olhe, beba mais um conhaque, que lhe ofereço eu.

O cônsul sorriu e aceitou a oferta, mas depressa se criou um silêncio que constrangia sobretudo Amália. Imaginar que aquele homem sabia quem era ela, mesmo sem a conhecer, fazia-lhe confusão. Depois, a explicação para o facto foi praticamente uma declaração de amor.

— Venha ver-me ao Teatro Apolo, estou lá mais uns dias com a revista *Rosa Cantadeira*. Também entra a Hermínia Silva, penso que irá gostar dela, é a nossa melhor fadista.

— A melhor fadista de Portugal é você, Amália, mais ninguém.

— Ó homem, a Hermínia é um génio da música popular! — retrucou com veemência, defendendo o seu ídolo. — A nossa última representação é daqui a uns dias, a 12 de Junho — disse, encerrando o assunto.

— Lá irei — prometeu o cônsul, afastando-se.

— Vamos para o Nina, Amália? — perguntou Santos Moreira, que a tinha acompanhado do Negresco para o Tokai.

O Tokai estava cheio de espanholas, de refugiados e de animação. O Nina, se não estivesse tão animado e cheio, ficaria depois da chegada de Amália. A noite lisboeta era uma festa que não acabava nunca.

— Não, ficamos aqui — disse. — Ande, venha dançar este *pasodoble* comigo.

Santos Moreira aceitou e levou-a de braço dado até ao meio do salão. As pessoas afastavam-se à sua passagem, como se se tratasse de uma divindade, na qual não se pudesse tocar, apenas admirar.

Apesar do dia quente, por vezes, uma aragem súbita, proveniente de alguma corrente de ar do teatro, causava em Amália um pequeno arrepio. Ela soprava violenta e ruidosamente o fumo do seu cigarro. Era o último dia de representação de *Rosa Cantadeira* e isso punha-a nervosa. Tentava recordar a si própria que havia mais de dois meses que fazia aquela peça, não havendo, portanto, razões para estar nervosa logo no último dia.

— Pare de fumar, Amália! Até parece as chaminés da CUF! — gritou-lhe Frederico Valério.

— Boa-tarde, senhor Valério — respondeu, meio atabalhoada, Amália.
— Era só um cigarrinho. . .

— Sim, só um de cada vez! Ó rapariga, você tem uma das melhores vozes de Portugal. . . oh, o que estou eu a dizer, tem a melhor voz de Portugal, por favor não a estrague. São os cigarros, são as saídas à noite até de madrugada. . . Não quer dormir de noite, não durma! Mas estar em restaurantes, *boîtes* e outros sítios ao quentinho e depois sair às tantas da manhã para o frio é que não pode ser! Ao menos espero que me abafe bem essa garganta com um cachecol!

— Claro que sim — mentiu, imaginando-se com um cachecol ao pescoço em pleno Verão.

— É por isso que não gosta de dar notas altas!

Lá ia começar mais uma discussão por causa das notas altas, pensou Amália.

— Não, é porque eu não gosto de ser obrigada a cantar no máximo! — respondeu, sentindo vontade de pegar no maço de tabaco e retirar um novo cigarro, mas refreou-se.

— É mandriona!

— Posso dar um grito, se não for obrigada. Sai-me e vou por ali fora, mas se tiver de o fazer duas, três vezes, já não sei como devia sair.

— Sai lindamente, Amália!

— É alto de mais, Sr. Valério!

— É lindo, Amália!

Ainda bem que na semana seguinte começava *Ó Viva o Costa* e as músicas não eram do Valério, pensou Amália, arrependendo-se no mesmo instante do seu pensamento. Ela gostava dos fados do maestro, não gostava assim tanto era das letras, mas essas não eram dele. Detestava o *Fado do Ciúme*²², detestava o “Já estás perdoado/de tudo o que me chamaste”. Havia algo na letra que lhe era demasiado familiar para gostar. Alegrou-se, era a última representação da *Rosa Cantadeira*, não cantaria mais o *Fado do Ciúme*.

Contudo, tinha de admitir, o *Fado do Ciúme* tinha sido um primeiro assalto a Portugal. O fado era sobretudo de Lisboa e um pouco do Porto, o de Coimbra era outro, mas agora começava a ser de todo o Portugal. Apesar de a crítica dizer que já não era fado o que cantava, o povo de norte a sul do país começava a identificar-se com a sua forma de cantar o fado. Amália sorriu, lembrando-se que quando começara a cantar, também havia quem

²² Uma curiosidade: em *Amália*, de Vítor Pavão dos Santos, p. 71, Amália diz detestar o *Fado do Ciúme*. No entanto, na entrevista que concedeu em Maio de 1970 à revista *Modas e Bordados* diz que adorou aquele fado e adorou aquela letra.

dissesse que não era fado o que cantava. Agora que o maestro Frederico Valério aparecera, o que cantava antes passara a ser fado e o que cantava agora é que não era. Tornou a sorrir, cogitando que viria o dia em que diriam que aquilo que cantara depois de Frederico Valério não era fado, mas o que cantara dele sim. As pontas do sorriso de Amália subiram quase até às orelhas ao pensar: *Eu vou fazendo os fados serem fados à medida que os vou cantando.*

Depois de *Ó Viva o Costa*, veio *A Senhora da Atalaia* e, por fim, Amália pôde finalmente aceitar o convite para ir ao Brasil. Apesar da animação nocturna de Lisboa, da música sem parar até de manhã, das fortunas jogadas e perdidas no Casino Estoril, dos *Cadillacs* estacionados em frente aos estabelecimentos de diversão nocturna e da grande encenação em que todos pareciam participar para fingir que não havia guerra, esta, numa ou noutra altura, fazia-se notar. Foi com apreensão que aceitou o convite para ir para o Brasil; apesar de ela própria ter sido actriz na peça colectiva “Somos muito felizes em Lisboa”, não ignorava os fantasmas que deambulavam nas casas de diversão nocturna que frequentava. Eram pessoas que se vestiam e agiam como se ainda vivessem noutros tempos, tempos para sempre extintos. Mas agora que Amália tinha de apanhar o *Cliper*²³ para atravessar um oceano, o espectro da guerra pareceu-lhe menos etéreo. Ela tinha medo de voar; não era uma apreensão comum a quem nunca o fez, mas um medo muito mais pungente, o receio de um bombardeamento.

Além da *Luftwaffe*, tinham falado a Amália das *cumulus nimbus*, nuvens gigantes que podiam “puxar” aviões para baixo. Contudo, findo o voo, os seus medos apenas se adensaram. Fora a primeira vez que andara de avião, era a primeira vez que ia ao Brasil e, mais do que ser a primeira vez que ia ao Casino Copacabana, era a primeira vez que uma artista portuguesa cantava lá. Eram muitas primeiras vezes para uma só vez, pensou.

O Casino Copacabana era uma das salas de espectáculos mais importantes do Brasil, recordou ao dirigir-se para o palco para ensaiar, onde uma orquestra inteira se encontrava, ensaiando também. Sem os seus saltos, sentia-se pequena. Apenas trazia o xaile pelos ombros e apertou-lhe as pontas com força. Subiu para o palco e...

— Ai, minha mãe, minha mãe! — começou a cantar em coro a orquestra.

Amália não os encarou, sabia que faziam troça dela, mas resolveu igno-

²³ O *Cliper* era um hidroavião de longo alcance, provido de quatro motores, que foi produzido pela *Boeing* entre 1938 e 1941. Foi um dos maiores aviões do seu tempo.

rá-los. Apertou ainda com mais força as pontas do xaile, levou as mãos ao peito, encostando-as uma na outra, fechou os olhos e cantou:

*“Se não esqueceste
O amor que me dedicaste,
E o que escreveste
Nas cartas que me mandaste,
Esquece o passado
E volta para meu lado,
Porque já estás perdoado
De tudo o que me chamaste...”*²⁴

Um silêncio tinha-se abatido dentro do Copacabana. Amália abriu os olhos, sentindo-se vinda de um outro tempo, e só nesse momento encarou a orquestra. Não gostava do *Fado do Ciúme* e julgara que não teria mais de o cantar, mas sabia que era uma boa réplica à mofa da orquestra. Os traços de zombaria desapareceram dos rostos dos músicos. Alguns tinham a boca aberta de espanto, mas todos estavam rendidos. O passado estava esquecido, Amália agora tinha os músicos do seu lado e eles estavam perdoados de tudo o que lhe tinham chamado...

²⁴ Excerto da letra de *Fado do Ciúme*.

Tinha sido há um ano a inauguração do complexo desportivo do Estádio Nacional. Não pudera assistir na altura, mas vira no cinema, quando fora assistir ao filme *A Menina da Rádio*. Era um conjunto de infra-estruturas desportivas que respondia, sobretudo, aos desejos da Federação Portuguesa de Futebol e à do Ténis. O desporto não a interessava muito, concluiu, rebuscando a mala em busca da cigarreira, mas, ainda assim, os amigos tinham conseguido convencê-la a ir ao primeiro aniversário do complexo desportivo. Tirou um cigarro e levou-o à boca.

— A menina precisa de lume?

Amália retirou o cigarro da boca e olhou na direcção da voz. Tirou os óculos de sol a seguir. Era um rapaz lindo. Engoliu em seco e emendou-se a si própria, era o homem mais bonito que alguma vez vira. O cavalheiro baixou a mão que segurava o isqueiro e deu um passo adiante, ficando mais próximo de Amália. Ela sentiu a força nas pernas faltarem-lhe e lembrou-se de fechar a boca que permanecia aberta. Lá de baixo chegava-lhe o som vago do ressaltar de uma bola, precedido por um gemido. Mais próximo, conseguia perceber a cavaqueira ruidosa dos presentes, num tumulto intangível. Levou a mão à cabeça, sentindo-se, por um instante, tonta.

— Sente-se bem?

Sentia-se, apenas acabava de ser atingida pela seta do Cupido.

— Chamo-me Eduardo Ricciardi — apresentou-se ele, estendendo-lhe a mão. — Talvez já tenha ouvido falar em mim — acrescentou, quando Amália lhe apertou a mão que estendia.

— Não... Peço desculpa, mas nunca ouvi falar. Chamo-me Amália, Amália Rodrigues.

Eduardo sorriu, esforçando-se por controlar a afectação.

— A menina Amália não deve gostar de desporto, mas olhe que eu gosto de fado.

Amália sorriu e baixou os olhos constrangida.

— Já não quer lume?

— Diga?

— Arrependeu-se de fumar? — perguntou, apontando para o cigarro que Amália ainda segurava entre os dedos. — Faz muito bem. Estraga-lhe a voz, a voz do mar... Não foi isso que disseram um dia da sua voz?

— Peço desculpa, se o desiludo... — começou, levando o cigarro aos lábios, — mas apenas me esqueci de fumar, não me arrependi.

— Acho bem — concordou, com um sorriso maroto e voltando a acender o isqueiro. — É bom não nos arrependermos das coisas que queremos.

— Mas dizia-me que talvez tivesse ouvido falar em Eduardo Ricciardi. Porque é que deveria ter ouvido falar em si?

— Sou um dos grandes valores do ténis nacional, mas suponho que também nunca ouviu falar em José de Verda, António Casanovas ou Frederico d'Orey, pois não?

Amália fez acompanhar o seu menear de cabeça com uma longa baforada alvadia.

— Se não aparece no cinema, se apenas vem em jornais, eu nunca ouvi falar. Eu não leio jornais.

— Só cinema, ein?

Ela acenou afirmativamente.

— Aposto que torce sempre pelo bom moço, para que fique com a rapariga no fim.

Amália voltou a acenar afirmativamente.

— Sabe que eu sou muito bom... no ténis. Acha que isso já me qualifica? Tenho hipóteses de ficar com a rapariga no fim?

— Deixe-me ver... Se é mesmo muito bom, penso que sim.

— E onde é o fim?

— No Tokai ou no Negresco, se for mesmo muito bom...

Ele sorriu.

— Sou — concluiu, afastando-se com a aproximação dos amigos de Amália.

— Sabes quem ele é?

— Sei, é o bom da fita.

— Ein? — Preferindo não esperar por uma melhor explicação, a rapariga continuou: — É o Eduardo Ricciardi, uma das...

— Uma das promessas do ténis nacional. Eu sei.

— Ele é um D. Juan, Amália. E pareceu-me muito interessado em si. Ele devorava-a com os olhos.

— Não sei... não lhe olhei para os olhos.

...

A guerra acabara e com ela a pausa que os refugiados tinham feito às suas vidas. Já não se gastavam fortunas estrangeiras na roleta e no bacará, os hotéis já não se dividiam em hotéis para ingleses e hotéis para alemães. Contudo, Lisboa continuava a ser uma festa. Amália chegara sozinha ao Negresco, mas rapidamente a sua mesa ficava cheia daquelas pessoas que a seguiam para todo o lado. Normalmente, divertiam-na e entretinham-na, mas hoje exasperavam-na. Tinha o olhar inquieto, ora se pousava em alguém cujo traço lhe parecia familiar, ora saltava para a entrada quando pressentia a chegada de um novo cliente. Recusara por várias vezes convites para dançar, tangos, valsas ou sambas, nada a fazia saltar da cadeira a não ser...

— Eduardo! — exclamou, levantando-se em simultâneo, e aceitando de imediato a mão que ele lhe estendia.

— Por vezes, o bom rapaz chega atrasado, sobretudo quando ainda teve de passar pelo Tokai antes... — disse, tomando-a nos seus braços e levando-a ao ritmo da orquestra para o meio da sala. — Podemos ir embora, agora? — perguntou, com as feições subitamente alteradas.

— O que foi?

— Nada. Está ali o Ricardo Espírito Santo.

— Onde? — perguntou, virando a cabeça.

— Não olhe, Amália!

— O que foi? — insistiu.

— Nada. A filha dele é casada com o meu irmão. Não gostava que ele me visse aqui, só isso. Vamos?

Amália meneou a cabeça em concordância.

— Venha!

Eduardo acenou a um táxi e este parou de pronto diante deles.

— Para onde peço ao motorista para nos levar? — perguntou Ricciardi, com a porta do carro entreaberta.

— Para a Rua de S. Bernardo, para a minha casa.

Eduardo sorriu em concordância.

Gostava do Eduardo, do Pitta, como os amigos e ela o chamavam. Contudo, pouco depois de o conhecer, estava de volta ao Rio de Janeiro, quando o que lhe apetecia era estar perto dele. Pelo menos estava hospedada no Copacabana Palace Hotel. Era o mais luxuoso hotel do Rio, mas não era isso que a encantava. Nem tampouco o facto de ser o refúgio de milionários e celebridades que tentavam encontrar um lugar paradisíaco e pacífico, longe da tragédia da Segunda Guerra Mundial. O hotel encantava-a porque fora o local onde o filme *Flying Down to Rio*, do seu querido Fred Astaire, tinha sido rodado. Descia as escadas, usava o elevador e comia no restaurante do

hotel sempre a imaginar-se a repetir os mesmos passos de Fred Astaire. Vira o filme no cinema Promotora, uma das vezes em que os bilhetes não tinham esgotado. Felizmente, os filmes ficavam em cartaz várias semanas e por vezes conseguia vê-los. Em adolescente, todos os sábados à noite, ela e os irmãos tentavam convencer o pai a dar-lhes dinheiro para pagar os ingressos do cinema. Entre todos, arranjavam um sem-número de argumentos, mas quando o pai ficava convencido, já era tarde. Quando finalmente conseguiam as moedas, corriam para o cinema, mas como era sábado e os ingressos muitos, raramente conseguiam entrar. Os bilhetes estavam esgotados e lá voltavam silenciosos e cabisbaixos para casa, mas na semana seguinte tudo estava esquecido e repetia-se a mesma cena. Por vezes, arranjavam os bilhetes. Embora não fossem seguidos e muito menos nos melhores lugares, lá conseguiam entrar. Foi numa dessas vezes que Amália vira o *Flying Down to Rio*. Era a primeira vez que Fred Astaire dançava com Ginger Rogers e foi, provavelmente, o momento em que Amália se apaixonou por ele.

Agora podia refazer os passos de Fred Astaire no hotel, senão os reais, pelo menos os imaginados por si. Era uma forma de se sentir mais próxima dele, pensou, já na Avenida Atlântica, onde ele também andara. O bairro de Copacabana era sossegado, tinha pouco tráfego, muitos cinemas e ainda mais comércio.

— Juro pela saúde da mãe que não compro mais nenhum vestido! — jurou Amália, olhando para Celeste, ambas com várias sacolas de roupa nas mãos.

A resposta de Celeste não passou de um encolher de ombros e um levantar ligeiro de sobrolhos. As duas irmãs saíram, com a mais velha a maldizer aquele bairro com tantas lojas. Tinha um bom contrato, mas com tanto dinheiro gasto em vestidos naquelas lojas de artigos de luxo, arriscava-se a voltar para Portugal com menos dinheiro do que aquele com que ali tinha chegado. Precisava de acabar com isso, pensou, ao mesmo tempo que um vulto numa montra lhe chamou a atenção. Virou-se. Era o vestido mais bonito que vira na vida, mesmo mais bonito do que os últimos cinco que comprara havia minutos apenas e dos quais já tinha tido a mesma impressão.

— “Ó Celeste, compra tu que não juraste!”²⁵

A rapariga voltou a encolher os ombros e a levantar o sobrolho, mas entrou e comprou o vestido.

— Agora vou ter de comprar uma mala — disse Amália, olhando para os sacos que ela e a irmã carregavam.

Chegou ao palco do Copacabana cansada, mas logo nos primeiros

²⁵ Luís Machado, *Conversas à Quinta-Feira*, p. 252.

acordes que cantou, o ritmo de samba sacudiu a fadiga e levou para longe a ténue sensação de culpa que tinha por ter comprado, ainda que por intermédio da irmã, mais um vestido.

*“O fado, canção bizarra
Pôs a samarra
Todo trecheiro
E lá foi com a guitarra
Até ao Rio de Janeiro.
Fez-se um fadista atrevido
Tão destemido
E de tal marca
Que até já é conhecido
P’lo fadistão da Fuzarca.
Com sambinhas e modinhas...
Abacate, Vitamate, Guaraná, Maracujá, E caruru.
Com cocada, Batucada
Para ti, abacaxi e goiabada
O fado é bom p’ra xuxu.”²⁶*

Ainda tinha o curucucucurucucu da música na cabeça quando os panos baixaram e saiu do palco.

— Já sei, já sei, senhor Valério — começou Amália mal viu o maestro.
— Podia ter subido mais.

— Se já sabe, é porque devia mesmo ter subido mais!

— Amália! Amália! Amália!

— Mesmo assim o público gostou — revidou.

— Sabe bem que ele gosta sempre de si. Vá, volte lá. Nem que seja para a verem mais um bocadinho, pode ser que se acalmem.

Amália obedeceu.

A plateia do Teatro República, no Rio de Janeiro, estava de pé, aplaudindo-a sem parar. À noite, na segunda sessão da revista *Boa Nova*, toda aquela euforia se repetiria, assim como no dia seguinte. Agora os brasileiros já não achavam que o fado era “Ai, minha mãe, ai, minha mãe”. Estavam rendidos a ele.

Nuvens escuras carregavam o fim de dia carioca e adivinhava-se uma chuva intensa.

— Nossa Senhora de Copacabana, não permita que seja uma chuva

²⁶ Excerto da letra de *Fado Carioca*.

daquelas que faz as pessoas ficarem sem casa... — pediu Amália, ao mesmo tempo que passava diante da Nossa Senhora e entrava no túnel que dava acesso à Avenida de Copacabana.

Olhou para trás instintivamente, para um último vislumbre da figura, mas apenas alcançou as luzes brancas dos faróis dos carros que vinham atrás. Todas as segundas-feiras à noite, quando se dirigia para o Casino Copacabana para actuar no único dia de folga do teatro, antes de entrar no túnel, a visão da Nossa Senhora, que lhe parecia ali tão sozinha, atormentava-a.

Atravessou o corredor de acesso ao camarim com um cigarro aceso entre os dedos. Não lhe apetecia fumar, mas, com uma mão ocupada e por vezes os lábios também, sentia-se protegida das pessoas que a abordavam sempre com tanto para lhe dizer. Trocou o vestido que usava por um daqueles que lhe tinham feito de propósito para o casino e teve de largar o cigarro para entrar em palco, tendo-o substituído pelos seus sapatos de salto de quinze centímetros que a faziam mais alta e também lhe davam uma sensação de segurança. A sala estava esgotada, mas do alto dos seus sapatos, de dentro do xaille e por trás do seu guitarra e viola, era inatingível.

— Bravo! Bravo! — gritavam-lhe os cariocas eufóricos, uns que nunca a tinham ouvido cantar antes, outros que voltavam, fielmente, todas as segundas para a ouvir.

Atiravam-lhe ramos de flores fazendo parecer que a chuva que se adivinhava, havia pouco, nos céus do Rio, estava a desabar dentro do Casino Copacabana.

— Cinco vezes, Amália?! Aceitaste a réplica por um *encore* por cinco vezes! — repetia em tom de admoestação Celeste, caminhando ao lado da irmã e de Frederico Valério em direcção ao camarim.

— É para o maestro não dizer que sou mantana... — respondeu Amália.

— Sabe bem que não é a isso que me refiro, mas lá que tem preguiça nas notas altas, tem! Em vez de poupar a sua voz nessas notas, deveria era poupá-la não atendendo a tantos *bis*.

— Vês, é como te digo — replicou Celeste, vitoriosa.

— Oh! — exclamou Amália, abrindo o camarim.

— Oh!?! Não digas “oh”, sabes que tenho razão. Oh... — disse, por seu turno, Celeste, ao franquear a entrada do aposento.

A chuva de flores do palco causara uma enchente no camarim. Não havia um centímetro quadrado livre.

— Olha-me só para esta corbelha de flores, Amália! É quase do teu tamanho! — verificava Celeste, deslizando por entre os ramos e arranjos, tentando não derrubar nenhum.

— Vêem, é por isso que tenho de atender ao público quando me pede mais, pois ele dá-me tudo.

O maestro tentava não se mexer, receoso de causar algum desastre, contrastando com Celeste, que não parava de analisar todas as flores.

— O que vais fazer com isto tudo? Posso ficar com este? — perguntou Celeste, apontando para um arranjo.

— Não.

— Oh, mas tens tantas! Um ramo a mais ou a menos não te fará falta!

— Fica para a próxima. Estes já têm dona. Maestro, por favor, arranje-me alguém que me ajude com estas flores — pediu Amália.

— Ó Amália, não precisa de alguém, precisa é de um batalhão para a ajudar com isso tudo!

— Que seja então, mas arranje-o lá, se me faz o favor.

Pouco depois, o maestro voltava com quatro empregados do casino, devidamente uniformizados e com um sorriso estampado no rosto por poderem ajudar Amália Rodrigues.

— Afinal, não foi preciso um batalhão, maestro.

— Mas será preciso mais que um carro para levar isto para o hotel.

— As flores não vão para o hotel.

— Então?

— O táxi que siga o carro onde vamos e logo verá onde parar.

O alcatrão ostentava uma capa de humidade que brilhava sob as luzes dos seus holofotes: os faróis dos carros e a iluminação dos candeeiros de rua. O motorista disse que a chuva fora miúda. Amália sorriu, tinha sido como pedira a Nossa Senhora de Copacabana.

— Pare já aí à frente, por favor — pediu Amália, inclinando-se para diante para apontar e os dedos quase roçando o bigode do motorista.

— À saída do túnel?

— O mais perto que consiga de Nossa Senhora de Copacabana.

O motorista lançou-lhe um olhar esguio pelo espelho retrovisor, ao mesmo tempo que acenava em concordância.

— O que vais fazer, Amália? — perguntou Celeste, que fizera a viagem até aí em silêncio. — Vais parar a esta hora da noite? Isto não pode ficar para amanhã?

— Olhe a garganta... — advertiu o maestro, olhando pela janela do carro e adivinhando, pelas nuvens densas separadas por pequenos espaços escuros e sem estrelas, o vento que soprava.

— Não se preocupe, que eu ponho o xaile assim — disse, tirando o xaile dos ombros, enrolando-o para ficar mais estreito e colocando-o em volta do pescoço. — Um xaile de fadista serve para tudo, agora até é um cachecol!

O maestro golpeou o ar com a mão como se assim pudesse vergastar a teimosia da fadista que já abria a porta para sair.

— Faz-me uma impressão ver aqui a Nossa Senhora tão sozinha — contou Amália, ajoelhando-se defronte da imagem e depositando um dos ramos que retirara da bagageira do carro. — Obrigada. Obrigada por tudo o que me tem dado — agradeceu num murmúrio, benzeu-se e levantou-se. — Quero deixar aqui todas as flores que me deram hoje — informou, retirando vários ramos de dentro do carro que a trouxera.

O maestro e a Celeste, assim como os motoristas de ambos os carros imitaram-na.

— Agora já não parece tão só, pois não? — perguntou, sorrindo à sua obra. — Gosto tanto de flores... — Uma tosse interrompeu-lhe a frase.

— Vê? Vê o que lhe digo? Mas a Amália não me faz caso.

— Anda, vamos para o carro — pediu Celeste. — Amanhã temos *matiné* e *soirée* no Teatro República.

— Tome — pediu Frederico Valério, antes de Amália entrar na viatura, estendendo-lhe umas partituras. — É um fado novo que eu e o Amadeu do Vale fizemos para a revista que vai fazer a seguir.

— *Ai, Mouraria*... — Amália leu o título.

— Sim, é a história de alguém que fala de uma rua e de uns amores...

— Que teve e já não tem? — arriscou Amália. — Vocês são como eu, — continuou quando o maestro anuiu com um meneio, — gostam destas histórias!

— Queria dar-lhe ainda hoje, para que lesse antes de dormir.

— Isto não é uma história de encantar — replicou, brincando.

— Mas é um fado para você encantar — respondeu-lhe, entrando na brincadeira. — Vá, agora entre, ainda tem de dormir.

As duas irmãs seguiram em silêncio pelas ruas do Rio, cada uma com o rosto colado à janela do seu lado, vendo a cidade que refulgia melancolicamente por causa da chuva que já não caía. Amália ergueu o rosto de repente, como se se tivesse esquecido de fazer uma coisa premente. Desdobrou as partituras que ainda guardava no colo e aproximou-as da janela, na tentativa de a iluminação nocturna ser suficiente para lhe desvendar, ao menos, alguns dos versos.

— Não consegues ver nada assim — admoestou-a Celeste. — Estamos quase a chegar.

Assim que entrou no quarto, Amália sentou-se na beira da cama para descobrir a canção toda, enquanto Celeste foi tomar banho.

“*Ai Mouraria*
da velha Rua da Palma,

*onde eu um dia
deixei presa a minha alma,
por ter passado
mesmo a meu lado
certo fadista
de cor morena,
boca pequena
e olhar trocista.”²⁷*

Amália deixou cair as partituras no colo assim que terminou a primeira estrofe. Uma dor pungente no peito obrigou-a a levar a mão ao coração e, tal como há pouco as ruas, os seus olhos também refulgiam por causa da humidade.

— Boa-noite, está a ligar para a portaria — ouviu Amália do outro lado do auscultador.

— Queria fazer uma chamada internacional, por favor — informou a fadista, com a mão que segurava o auscultador a tremer-lhe.

— Para onde?

— Para Portugal.

— Diga-me o número por favor.

Amália hesitou nesse instante. Olhou na direcção da casa-de-banho e percebeu que a água ainda corria da torneira. Desdobrou um papel amacucado e ditou o número de telefone à funcionária. Aguardou.

— Estou?

Por pouco Amália não deixava cair o auricular ao ouvir aquela voz grossa e maviosa do outro lado da linha.

— Estou? — insistiu. — Estou?

— Pitta... — disse, numa voz que não conseguiu evitar que lhe saísse trémula.

— Amália?

— Sim, eu...

— O que é que lhe passou pela cabeça para ligar para minha casa? Além disso, sabe que horas são? A mamã já dorme...

— Queria falar consigo, por um instante... sinto a sua falta... — Do outro lado, o silêncio era gélido, capaz de tornar o fogo frio. — Está lá? — perguntou, na esperança que a justificação para a ausência de palavras fosse a perda da ligação.

— Eu também — confirmou Eduardo. — Mas é melhor desligar, são quase três da manhã aqui!

²⁷ Excerto da letra de *Ai, Mouraria*.

— Oh, desculpe — pediu genuinamente. A saudade deixara-a desorientada e completamente esquecida do fuso horário.

— Adeus, Amália.

— Adeus.

Deixou cair o auscultador sobre as pernas, amarrotando as partituras. O telefone parecia guinchar, soltando sonidos agudos e repetitivos.

— Põe o telefone no gancho, Amália — rogou Celeste, com uma toalha de turco enrolada na cabeça. — Ele não te ligou nenhuma, não foi? — perguntou, sentando-se na beira da cama, ao lado da irmã, recolocando o auscultador no gancho e pondo-lhe uma mão no ombro.

— São as más palavras... Eu não gosto de más palavras.

— Também já não é cedo aqui, já é quase uma da manhã... Hoje saímos mais cedo, mas já é tarde.

— Distraí-me com isto — confessou, agarrando nas partituras e estendendo-lhas. — Confundi-me as ideias, foi o que foi.

Celeste leu em silêncio o fado que a irmã lhe mostrava.

— O Valério podia ter esperado até amanhã para te dar isto.

— É para a nova revista.

— Sim, mas não vai estrear já amanhã.

— Com o tempo tão ocupado que temos, é como se fosse!

“...*Ai Mouraria*
dos rouxinóis nos beirais,
dos vestidos cor-de-rosa,
dos pregões tradicionais...”

As mãos de Amália, junto ao peito, colavam-se uma na outra, com o xai-le pelo meio, paralisadas pelo momento de comunhão entre si e a plateia. A humidade que lhe aflorou aos olhos durante a interpretação transformou-se em lágrimas e a mesma emoção era perceptível no público. Era a estreia de *Rosa Cantadeira*, no Teatro República, no Rio de Janeiro. O maestro Frederico Valério e Amadeu do Vale tinham-lhe acrescentado este fado. Era, por isso, também a estreia do *Ai, Mouraria*. Ondas de emoções assolavam o peito de Amália, umas geradas pela própria emoção do público, outras, não menos fortes, pelo rosto de Eduardo que lhe aparecia sem parar enquanto cantava o fado. Permaneceu imóvel, a olhar para a plateia, num momento de comunhão total e, quanto mais se apercebia dessa união, mais Amália se emocionava e o rosto de Eduardo foi-se diluindo, perdendo força para o público. Virgínia Soler e Celeste começaram a cantar e a emoção do momento dissipou-se.

— Esplêndido, Amália! Muito bem — elogiou o maestro no fim da opereta.

— As minhas palavras, na sua voz, ganham sempre uma força que não consigo imaginar que terão quando estou a escrever a letra — disse Amadeu do Vale.

O rosto de Amália ainda carregava os traços do compungimento que sentira em palco; apenas meneou a cabeça em assentimento e agradecimento, esforçando-se por manter um sorriso, ainda assim ténue.

— Anime-se! — pediu o maestro. — Que é já amanhã que vai gravar os seus primeiros discos como tanto queria.

O sorriso de Amália abriu-se e os traços de tristeza amansaram-se. Havia anos que desejava ter a sua voz gravada e vendida naqueles círculos negros de goma-laca como a Hermínia, o Marceneiro ou a Berta Cardoso. Diziam-lhe, logo nos primeiros tempos: “Vais dar um bigode na Berta.”²⁸ Nunca percebeu o que queriam dizer, ou preferiu não o perceber, pois não gostava de competir com ninguém. Quando começou, a Berta Cardoso era a grande vedeta do fado e tinha discos gravados. Ter discos gravados era uma medida de popularidade e sucesso. Além disso, Amália gostava de imaginar a sensação que seria passar no Bairro Alto ou no Chiado e ouvir a sua voz saída da campânula dourada de uma grafonola. O mais certo era não sentir grande coisa, deu-se conta, pois nunca fora dada a deslumbres. Contudo, o senhor José de Melo dizia-lhe que não, que se tivesse discos seus, as pessoas deixariam de ir ouvi-la. Para quê saírem à rua para irem ouvir o que já tinham em casa, dizia-lhe ele, recordava-se Amália no carro, a caminho do estúdio. Porque é que deveriam ir ouvi-la depois de terem discos seus gravados, ela não sabia, mas tinha a certeza de querer continuar a ouvir ao vivo o Marceneiro e a Hermínia mesmo agora que já tinha as suas gravações.

Sentiu uma mistura de timidez e receio invadi-la. Dali a nada estaria defronte de um microfone, numa sala com uma parede de vidro, e do outro lado um homem com auscultadores avaliaria o que ouvia para ajustar os graves e os agudos. Naquele momento, nada podia parecer-lhe mais impessoal: cantar num cubículo com uma parede de vidro a separá-la da meia dúzia de gatos-pingados que era o seu público. O fado não se canta, é um acontecimento fruto de um determinado momento e Amália não sabia o que ia acontecer-lhe. O fado também é um sentimento e ela estava ansiosa e apavorada.

— Achas que estás a fazer o certo, Amália? — perguntou Celeste, enquanto a irmã despiu o casaco e lho entregava para ela guardar.

— Estás a falar do quê? Do senhor José de Melo?

— Sim, ele não queria que tu gravasses e tem sido muito bom para ti...

²⁸ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 55.

— Oh! — exclamou Amália, encolhendo os ombros. — Ele está tão longe! Um oceano inteiro está entre nós, como é que ele vai saber disto? Além disso, o problema dele era que as pessoas deixassem de me ir ouvir ao vivo porque já me ouviam em casa. Ora, nenhum brasileiro, com ou sem disco, sairia daqui para me ir ver ao Luso ou ao Solar, pois não? — respondeu em tom de brincadeira.

— Deves ter razão... — concordou, pensativa, sem alcançar o gracejo da irmã.

Amália entrou na sala de gravação aliviada pelo sorriso que a conversa com a irmã lhe provocara. Colocou os auscultadores nos ouvidos de onde ouvia o acompanhamento da orquestra. Estava completamente sozinha na sala de gravação, sem o guitarra e sem o viola. Não podia sentir-se mais sozinha e desamparada defronte ao microfone. Fechou os olhos e, sem que conseguisse compreender ou explicar, um acontecimento sucedia e o fado nasceu:

*“Como disserem das minhas,
As penas das avezinhas,
De leves levam ao ar!
As minhas pesam-me tanto,
Que, às vezes, já nem o pranto
Lhes alivia o pesar!”*

As palavras entravam nos seus sentimentos e os sentimentos nas palavras, tornando-se indissociáveis uns dos outros. Descobrira, na viagem de avião que a trouxera para o Brasil, numa das páginas do jornal que distribuíram aos passageiros, aquele verso: *As Penas*, de Guerra Junqueiro. Leu e releu-o vezes sem conta, até que, parecendo paralisada defronte da mesma página havia demasiado tempo, o maestro Valério lhe perguntou:

— Está bem? Já não falta muito...

— Faz-me um fado, maestro?

— Não é isso que eu lhe tenho feito?

— Faz-me um fado para este poema? — perguntou, estendendo-lhe, timidamente, o jornal.

— Umm... *As Penas*... — comentou, coçando o queixo perante a agonia de Amália que temia a rejeição da sua escolha. — Não faço — acabou por dizer, deixando o queixo de Amália descaído.

— Mas maestro... — tentou replicar.

— O melhor fado para estes versos já existe. É o *Fado Bacalhau*. Talvez lhe possa fazer um arranjinho ou outro, mas estes versos ficavam mesmo bem era sobre o *Fado Bacalhau*!

Amália recostou-se no seu lugar e voltou a ler o poema. Aqueles versos mexiam consigo e soube que dariam um bom fado mesmo não sendo aquilo que se costumava cantar e considerar fado. Não gostava daqueles versos de histórias de faca e alguidar, e não era isso que o maestro e Amadeu do Vale lhe faziam. Sabia também ser essa a razão por que diziam que não era fado o que cantava. O fado que gostava de cantar não era aquele que se ouvia tradicionalmente, mas era aquele pelo qual as pessoas pareciam ter esperado.

Agora congratulava-se a si própria por incluir este poema nos fados que gravava.

As gravações demoraram alguns dias e a ansiedade de ver, finalmente, um disco seu a rodar num gira-discos, ainda que fosse apenas no Brasil, aumentava.

— Tens de te acalmar, já mandei fazer um chá de flores de perpétuas roxas para ti — informou Celeste.

— As folhas de perpétuas roxas não são para os nervos, são para a voz! — respondeu, com uma ponta de exasperação.

— Bem sei! Mas como não há nada que te acalme, ao menos protejo-te a voz — replicou, lançando à irmã um olhar de censura.

Ao fim do dia, Amália sentia como se já tivesse bebido baldes de chá de perpétuas roxas e se a sua voz estava protegida, como pretendia Celeste, temia agora, a meio da sua actuação, ficar aflita para ir à casa-de-banho. Tinha sido convidada para actuar na festa para o Getúlio Vargas e só lá estavam os nomes maiores da música brasileira. *Os nomes maiores da música brasileira e eu*, pensou Amália, tirando um cigarro da cigarreira e levando-o à boca. Tinham-na chamado para cantar um fado apenas e isso punha-a nervosa, preferia cantar quatro ou cinco. A sua voz, a própria Amália, só crescia, só começava a ser Amália, a partir do terceiro ou quarto fado. Assim, se lhe tivessem pedido para cantar quatro ou cinco fados, pelo menos um deles estava garantido sair em condições. Mas era só um e isso atormentava-a. Pedira a Celeste para ir ver como estava a correr o espectáculo, mas parecia-lhe que ela saíra havia uma eternidade do camarim e nunca mais voltara.

O movimento súbito da maçaneta da porta, mais do que assustá-la, trouxe-lhe o conforto das novidades que a irmã traria.

— Então?

— Está tudo a desenrolar-se dentro do previsto, os artistas estão a entrar religiosamente à hora marcada.

Amália olhou para o relógio de parede.

— Já falta pouco...

Celeste acenou afirmativamente.

— O Dorival Caymmi está a cantar agora, depois entra o Braguinha e a seguir és tu.

Amália franziu o sobrolho.

— O que foi?

— Não queria entrar depois do Braguinha.

— Então, mas porquê? Já sabias que era este o alinhamento e concordaste com ele.

— Mas fiz mal. O Braguinha canta samba e eu vou cantar fado logo a seguir? Ninguém vai gostar de me ouvir.

— Claro que vão. Anda! — pediu-lhe Celeste, puxando a mão da irmã.

A escuridão da plateia, pontualmente iluminada por uma luz amarela mortíça que Amália via do palco, tornava o lugar ainda maior. Vultos de cabeças, rostos e ombros estendiam-se num mar sem fim. Ao fundo, e a toda à volta, imponentes varandins em balcões dourados conferiam mais algum brilho à escuridão, mas a mesma sensação de grandeza vertiginosa. Os seus saltos altos e a roupa com dourados faziam-na parecer parte integrante do Teatro Municipal, como uma pintura do Eliseu Visconti ou uma escultura dos irmãos Bernardelli.

O viola e o guitarra soltaram os primeiros acordes e Amália cantou:

*“Ai Mouraria
da velha Rua da Palma...”*

Amália escrutinava a fila da frente com o olhar.

*“Onde eu um dia,
deixei presa a minha alma,”*

Nada. Voltou a perscrutar com o olhar a primeira fila, mas agora em sentido inverso.

*“Por ter passado,
mesmo a meu lado
certo fadista
de cor morena,
boca pequena
e olhar trocista.”*

Lá estava ela, alegrou-se Amália ao descobrir o rosto da irmã.

“Ai Mouraria

*do homem do meu encanto
que me mentia,
mas que eu adorava tanto.”*

Amália abanava a cabeça para a irmã, certa que não estava a cantar bem.

*“Amor que o vento,
como um lamento,
levou consigo...”*

Celeste sacudiu a cabeça em resposta, para dizer que sim, que estava a cantar bem.

*“Mas que inda agora,
a toda a hora,
trago comigo.”*

Amália continuava a menear a cabeça em negação, fixando Celeste.

*“Ai Mouraria
dos rouxinóis nos beirais,
dos vestidos cor-de-rosa,
dos pregões tradicionais.”*

Celeste abanava a cabeça cada vez com mais veemência para confirmar que tudo estava bem.

*“Ai Mouraria
das procissões a passar,
da Severa em voz saudosa,
da guitarra a soluçar.”*

Os gemidos das cordas dos instrumentos cessaram em simultâneo com a voz de Amália, os olhos dela continuavam fixos em Celeste. Os lustres do Teatro Municipal acenderam-se e as cabeças das irmãs, uma a dizer sim e a outra não, continuavam em movimento. Contudo, sem ninguém dar por nada, tinha-se estabelecido uma ligação entre o público e a fadista. Salvas de palmas reverberavam nas paredes do teatro e, pela primeira vez, Amália permitiu-se fechar os olhos. Já não precisava de ver a irmã para saber a sua opinião, bastava-lhe ouvir o público.

De olhos fechados, a emoção era a mesma. As palmas, as lágrimas, o calor, tudo se mantinha. Era como se existisse uma corrente que ligasse todos os públicos de todas as actuações que fazia no Brasil. Cantara na véspera para o Presidente, cantava hoje para os mais afortunados que podiam entrar no Casino Copacabana, e cantaria no dia seguinte no Teatro República para o povo.

— Tenho um presente para si, Amália — começou Atalaia, empresário do Copacabana, quando se juntou à fadista no seu camarim, mantendo as mãos escondidas atrás das costas enquanto ela o fixava intensamente, tentando atravessar-lhe o tronco com o olhar.

— Hoje já recebi muitos presentes — disse, abrindo os braços num gesto que abarcava todo o camarim.

— Mais flores para a Nossa Senhora de Copacabana... — retorquiu ele, sorrindo. — Mas um presente como este não tem. Nunca lho deram.

— Olhe que já recebi muita coisa... — Amália fez uma pausa, não só nas palavras como na linha de pensamento, semicerrou os olhos e continuou: — Não me diga que traz aí um dos discos que gravei nos estúdios da Continental? — perguntou, pondo-se de pé num pulo.

Ele sorriu e trouxe as mãos para a frente, ostentando em cada uma delas um disco de 78 rotações. Amália puxou um dos discos da mão de Atalaia e retirou-o da capa. O seu nome escrito com caracteres brancos sobressaía no azul-mar do rótulo redondo do disco.

— É o *Fado do Ciúme*... — disse, ao ler o lado A. — E *Olhos Verdes* — continuou, ao virar o disco. — Um fado e um flamenco!

— Como a Amália gosta.

— Assim é que deve ser, senão as pessoas cansam-se. Os brasileiros gostam de mim porque não lhes canto dez fados de seguida, se não começariam todos a lamentar-se “Ai, minha mãe, minha mãe” — justificou-se, rindo e passando o disco a Celeste e tirando, agora com mais calma, o outro das mãos de Atalaia. — Este é o de *Perseguição* e de *Penas*.

— Não precisa de mos devolver — informou Atalaia quando Celeste lhe entregava o disco. — Estes são da Amália. Quer que eu arranje uma grafonola para os ouvir?

— Não é preciso — respondeu, sem hesitações, Amália. — Não me quero ouvir. Não gosto de me ouvir. Basta-me ter os discos.

— Como preferir... Mas não sabe o que perde por não ouvir Amália — retrucou, sorrindo meigamente. Após uma pequena pausa que se criou, o empresário aproveitou para mudar de assunto. — A sua temporada aqui no Copacabana está a chegar ao fim...

— Faço esta semana as últimas actuações da *Rosa Cantadeira*, depois vou para São Paulo.

— Gostava que pudesse ficar mais... — confessou, segurando nas suas mãos as de Amália.

— Daqui a duas semanas parto para São Paulo — disse-lhe, retirando as suas mãos das dele. — Se tudo correr bem, volto para Portugal em Fevereiro do ano que vem e depois logo se vê. Mas em qualquer altura posso voltar ao Brasil.

Atalaia saiu com um ar de tristeza que não conseguiu disfarçar. As irmãs voltaram a pegar nos discos, com o mesmo interesse de uma criança que acaba de ganhar um brinquedo.

— O que é isto? — perguntou Amália, ao pegar num dos discos e ver cair ao chão alguma coisa.

Celeste baixou-se e apanhou o objecto, expondo-o na palma da mão.

— Uma ficha? — interrogou-se Amália, pegando na moeda lilás de plástico. — É de cem cruzeiros...

— O Atalaia deve tê-la deixado cair... Vamos jogar?

— Que disparate — respondeu Amália, encolhendo os ombros.

— Sabes o que se diz: azar ao amor, sorte ao jogo! Tens tido sorte ao amor?

Amália tornou a encolher os ombros, mas por fim lá concedeu:

— Sim, podemos experimentar.

Os olhares viravam-se à sua passagem, mas, apesar disso, as duas foram até à bancada da roleta.

— Já vi jogarem isto no cinema — contou Amália.

— Tu e o cinema... — resmungou Celeste. — Por causa disso já andaste a beber vinagre para seres como a Greta Garbo.

— Tu também quiseste ser passageira clandestina num barco!

— Ao menos nesse filme que viste eles ganhavam alguma coisa?

— Não... mas eu também não morri... — respondeu, referindo-se aos filmes de Greta Garbo e a todas as vezes que se colocara em correntes de ar e bebera vinagre.

— Então, vá. Vamos jogar na roleta. Que número?

— O 6, que é o número de letras de Brasil. — Perante a expressão de desaprovação da irmã, Amália justificou-se: — Este país tem-me dado muito dinheiro a ganhar... e a ti também.

— E a cor? — perguntou Celeste.

As duas irmãs olharam uma para a outra e disseram em uníssono:

— O negro!

Amália apostou e ficou com as mãos unidas, como numa prece, a aguardar que a roleta parasse. Celeste roía as unhas à espera do mesmo.

— 10 vermelho! — gritou o *croupier*, recolhendo as fichas.

— Oh! — voltaram a dizer em simultâneo as irmãs.

— Anda, também não tenho sorte ao jogo — disse, conformada, Amália.

A caminho do hotel, o motorista fez a paragem habitual junto à Nossa Senhora de Copacabana e, como num ritual, todos desceram e ajudaram a colocar os ramos e as corbelhas junto à imagem.

Permita-me cantar para sempre, sempre com esta voz e sempre com o público a gostar muito de mim, pediu Amália, ajoelhada aos pés da imagem, enquanto os ramos novos se amontoavam sobre os antigos que por sua vez estavam sobre outros ainda mais antigos. Amália levantou-se e olhou para as flores que ela, a irmã e o motorista acabavam de depositar aos pés da Nossa Senhora.

— Parece que estão aqui flores que não fui eu que pus...

— Sabes lá! São tantas.

Continuou a olhar em volta e viu um coto apagado de uma vela. Era o farol para o pedido encontrar o caminho até à Nossa Senhora. Amália pegou no papelinho dobrado em quatro que estava junto à vela.

“Nossa Senhora, ajude-me a ter uma boa hora”, leu e uma lágrima afloorou-lhe, emocionada com o pedido daquela futura mãe.

— O que foi, Amália?

— Nada. Emocionei-me por ver que mais pessoas seguem o meu exemplo e vêm dar flores à Santa, assim ela nunca mais ficará aqui tão só.

São Paulo era uma cidade mais escura do que o Rio de Janeiro, foi esta a primeira impressão que Amália teve ao percorrer as ruas paulistas, ou então as saudades de Lisboa eram maiores do que suspeitava. A cidade estava em obras, casas velhas, e outras não tão velhas mas que estavam a empatar, estavam a ser demolidas. Andaimos, maquinaria e verdadeiros exércitos de trabalhadores eram facilmente encontrados por quem olhasse por um momento pela janela do carro.

— O que é isto? — perguntou Amália ao motorista, olhando para um edifício, ainda em construção, já com várias dezenas de metros, mas que continuava a crescer.

— É mais um arranha-céus. A cidade está a ficar cheia deles — disse, num suspiro melancólico. — E de viadutos — acrescentou, apontando em frente. — Já não há ruas estreitas, e as que ainda existem em breve se transformarão em avenidas. A casa onde nasci já foi demolida — contou, olhando de soslaio pelo espelho retrovisor para encontrar Amália. — Qualquer dia vou-me embora daqui!

— Estas casas são bonitas! — retrucou Amália, ao descer a Avenida Ipiranga e vislumbrar os velhos casarões centenários, com as suas janelas enormes.

— Ah, pois são! — Suspirou. — Mas quanto mais tempo ficarão aí? — Encolheu os ombros e respondeu à sua própria pergunta: — Não sei.

A melancolia e o descontentamento do motorista contagiaram Amália. Olhava pela janela e apenas via uma cidade a perder o seu viço, o seu charme, para dar lugar a uma outra cidade, mais moderna, mas não necessariamente mais bonita.

— Começo a ficar cansada — confessou.

Celeste tirou os olhos da janela e, depois, as mãos que mantinha encostadas ao vidro, como se pudesse segurar as imagens que via.

— Em Lisboa não é muito diferente, também andas de um lado para o outro.

— Mas é Lisboa. É a nossa terra.

— Ou é o Eduardo Ricciardi?

Amália estalou a língua.

— Sim, também é o Pitta.

— Tens falado com ele?

A fadista encolheu os ombros numa resposta dúbia.

— Já chegámos. É aqui a rádio Excelsior.

Amália apressou-se a sair, grata pela interrupção do motorista. Estava defronte de um daqueles arranha-céus que vira no trajecto; olhou para cima e pareceu-lhe que o fim do edifício entrava nas nuvens.

— É grande — comentou com Celeste, ao mesmo tempo que a imagem da Basílica da Estrela lhe aparecia na cabeça, pois esse, até aqui, fora o edifício mais alto que vira.

A cidade de São Paulo podia estar a perder o seu charme, mas tinha ainda algum encanto, concluiu Amália várias semanas após a sua apresentação à cidade. Ao fim de tantas viagens do quarto de hotel para a rádio e vice-versa, já se acostumara à novidade da paisagem e começara a vê-la com outros olhos, concluía, olhando pensativa pela janela de um escritório a setenta metros de altura.

— Amália! Amália, está a ouvir-nos?

— Perfeitamente. A Companhia Antártica Paulista oferece-me duzentos mil cruzeiros por mês para eu ficar aqui durante um ano a fazer-lhes publicidade.²⁹ Eu ouvi — respondeu, com ar vitorioso mas desinteressado.

— E damos vinte e sete mil cruzeiros mensais à sua irmã para ficar a fazer-lhe companhia.

As duas irmãs entreolharam-se. Celeste sabia qual era a resposta da irmã e seria a mesma se, ao invés de duzentos mil cruzeiros por mês, lhe oferecessem um milhão.

— Estamos há mais de sete meses aqui, é muito tempo. Chegou o momento de eu me ir embora.

— Pois, depois vens cá outra vez — incentivou Celeste.

— Mas esta oferta é para agora, não é para outra vez que cá venha — contrapôs um dos directores de publicidade da empresa. — E o que oferecemos a si e à sua irmã são valores muito elevados, não pense que os subiremos.

— Ainda bem que não, pois não gostaria de ser obrigada a repetir-me.

O *Vera Cruz* passava a barra e embora uma camada fina de névoa flutuasse sobre o Tejo, era possível ver o recorte cinzento de Lisboa balouçar-se no horizonte. Amália veio à amurada e imediatamente apertou o casaco contra si. Sorriu à frialdade do fim da manhã.

²⁹ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 78.

— Está frio — resmungou Celeste, juntando-se à irmã. — Ainda há duas semanas andávamos de manga curta...

— Pois eu já tinha saudades do meu casaco de pele de raposa — disse Amália, contemplando Lisboa a aproximar-se.

Partira para o Brasil de avião e voltava de barco; podia ser uma viagem mais demorada, mas aquela entrada na barra recompensava qualquer agrura e demora da viagem.

Ao contrário de São Paulo, que mudava de dia para dia, Lisboa estava igual, averiguava Amália durante o trajecto até à sua casa e encontrando uma sensação de conforto nisso.

— Qual é a primeira coisa que queres fazer? — perguntou Celeste.

— Quero contar ao senhor José de Melo que gravei discos lá e...

— Achas que isso é boa ideia? Ele não ficará zangado contigo? — interrompeu-a Celeste.

— E que não deixaram de me ouvir lá. Por isso, se houvesse discos meus aqui, provavelmente também não deixariam de me ouvir cá — continuou Amália, ignorando a pergunta da irmã.

— Ah, mas aqueles discos não chegam cá! — descansou-a Celeste.

— Oh, claro que não. É muito longe.

Não era só Lisboa que estava igual, a família também. Nada de novo tinha acontecido nas suas vidas, estavam paradas e intactas tal como os *bi-belots* que repousavam sobre os móveis da casa de Amália.

— Sabes a novidade? — Os pescoços de Amália e Celeste esticaram-se para apreender a grande notícia, que julgavam inexistente. — O avô agora anda nas lojas da Baixa a perguntar se têm discos da neta! — contou Filipe, divertido. — Mas ele não diz o teu nome, apenas pergunta se têm discos da neta.

— Vejam lá bem! Se têm discos da neta! Como se toda a gente tivesse obrigação de saber que ele é avô da Amália Rodrigues!

— Mas toda a gente sabe quem é a minha neta! — ripostou o avô.

— Claro, avô — concordou Vicente. — Só não sabem quem você é! — disse, tornando pegada a risada.

— Mas eu não percebo nada do que vocês estão a contar — interpôs Amália. — Que discos é que o avô vai à procura? Eu não tenho discos gravados!

— Então, não tens? Gravaste uns poucos lá no Brasil e estão todos cá à venda!

— Ainda chegaram primeiro que tu!

Amália olhou para a irmã apavorada. Gravara no Brasil sem o conhecimento do senhor José de Melo porque achava que eles nunca chegariam cá. Pretendia contar ao agente, mas queria fazê-lo no seu tempo. Agora, tudo se apressara e até o seu avô andava a comprar discos seus.

— Há um lado bom nisto tudo — disse Celeste, na tentativa de acalmar a irmã.

— Qual? Vou passar por trapaceira aos olhos do senhor José de Melo e ele foi a única pessoa que me ajudou verdadeiramente!

— O lado bom é que o único motivo pelo qual ele não te deixava gravar era com medo que deixassem de te ouvir. Ora se o avô vai à rua para comprar os teus discos e tem a artista em casa, porque não haverá muita gente a fazer o contrário?

— Sair à rua para me ouvir mesmo tendo o disco em casa? — disse Amália, mais como resposta do que como pergunta.

A fadista não discordava de Celeste, mas preferia voltar a cantar em público e verificar se a casa se enchia antes de encarar o senhor José de Melo. Pouco tempo depois da sua chegada, recebeu o convite do maestro Frederico Valério para integrar o elenco da revista *Estás na Lua!* que estava prevista estrear a 18 de Maio. Aceitou o convite, contudo Ercília Costa teve de a substituir a 25 de Junho, para que Amália pudesse tomar parte da rotação do filme *Capas Negras*. Finalmente ia entrar no cinema. Desejava-o havia muito e já chegara a pensar que esse desejo nunca se realizaria. E ainda cantava, de forma esporádica, no Café Luso. O mais espantoso era que não só as pessoas não tinham deixado de querer vê-la ao vivo, como ainda queriam mais discos seus, a avaliar pelo assédio que continuava a ser alvo por parte das editoras discográficas. Finalmente, ganhou coragem para ir falar ao senhor José de Melo.

— Tens andado desaparecida.

Amália encolheu os ombros.

— Entre a revista e algumas noites de fado no Luso, não me sobra muito tempo.

— Mas para as noitadas no Tokai e no Nina, acredito que sim. Ainda dás cabo dessa tua voz, Amália!

— Sou nova. Gosto de festa. Tenho de me divertir — ripostou.

— Tu não és uma pessoa como as outras, por isso tens obrigações diferentes. A tua voz é especial, tens o dever de a proteger.

Amália anuiu contrariada.

— O senhor José de Melo tinha razão quando disse que me exploravam no Solar da Alegria e que aquilo que eu ganhava por mês passaria a ganhar por noite — afirmou, desviando o assunto.

— Sim — concordou, acendendo o seu charuto. — Onde queres chegar?

— Eu confiei em si e estava certo. Eu queria muito gravar discos e não o fiz porque o senhor José de Melo era contra, acreditava que isso me prejudicaria. Contudo, no Brasil surgiu a oportunidade de o fazer. Eu estava longe

e achei que não se soubesse cá e assim fazia a vontade aos dois: teria discos gravados e as pessoas continuariam a vir ver-me às casas de fado em Lisboa.

— Achaste que o Oceano Atlântico era grande o suficiente para os teus discos nunca cá chegarem.

Amália balbuciou algo semelhante a um sim, mas acabou por ganhar coragem e dizer:

— Afinal as pessoas não deixaram de me ouvir por eu ter discos, pois os que gravei no Brasil também se vendem aqui e as pessoas continuam a ir ouvir-me.

José de Melo ficou por um longo momento a saborear o seu charuto e a expelir uma nuvem de fumo escura, meditando nas palavras de Amália.

— “Tá bem! Tu és uma ladrona, consegues tudo! Grava lá!”³⁰ — acedeu.

³⁰ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 169.

Pitta era muito bonito, pensava Amália, deitada ao lado dele e observando-o enquanto dormia. Tinha achado, em tempos, o Francisco, o seu ex-marido, bonito. Na realidade, ainda era casada com ele, mas isso era um pormenor burocrático que contava resolver em breve. Porém, o Ricciardi tinha um outro nível de beleza. Era uma beleza das estátuas, pensou, lembrando-se de quando visitara o *Museo del Prado*, da primeira vez que viajara para o exterior, e do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, na sua última viagem ao Brasil. Não entendia nada de pintura, escultura ou antiguidades, mas gostava daquilo que elas lhe transmitiam, uma beleza muda que, no entanto, não se quer calar. O rosto de Pitta, o tronco, os membros, faziam-lhe lembrar as esculturas gregas, do Período... O guia do *Museo del Prado* tinha-lhe dito o nome... do Período Severo. Era isso, o Período Severo. Nesse Período, as esculturas representavam, não raramente, os atletas vencedores dos Jogos. Ele também era um atleta e tinha as mesmas linhas perfeitas das esculturas a delinear-lhe o corpo. Até a dormir, ostentava a mesma expressão séria e distante das estátuas, reparou. Por vezes, mesmo acordado, tinha a frialdade do mármore.

Ainda assim, decidira viver com ele e não havia nada de mais belo do que os raios de Sol, coados pela cortina, a espalharem-se com brandura sobre Pitta.

— Bom-dia, meu amor... — disse Amália, mansamente, quando Eduardo abriu os olhos.

Seguiu-se um longo bocejar que colocou, por momentos, as feições de Ricciardi longe da perfeição das estátuas.

— Estava a observar-me enquanto dormia?

Ela acenou afirmativamente, acariciando-lhe o peito, mas, subitamente, ele deu um pulo que o sentou na cama.

— Que dia é hoje?

— Dezasseis — respondeu-lhe Amália com um sorriso malicioso, certo de que ele se lembrara da estreia, nessa noite, do filme *Capas Negras*, no Cinema Condes.

— Sim, mas que dia da semana? É sexta?

Acenou afirmativamente, mas o seu sorriso tinha esmorecido, convencida de que, pela resposta de Pitta, não podia ser o que achara.

— Tenho uma partida de ténis marcada para as duas da tarde, no Estádio Nacional, com o Domingos d’Avillez.

— Calma, ainda são onze — disse, num tom que não augurava nenhuma quietude.

— O que foi? O que fiz desta vez?

— Nada.

— Típico! — atirou ele, num sopro e rolando os olhos. — Quantas vezes terei de perguntar até me dizer? — perguntou, começando a vestir-se.

— Não é nada... Apenas julguei, quando o vi tão aflito para saber que dia é hoje, que se lembrara de que é a estreia de *Capas Negras*.

— Por amor de Deus, Amália! — bufou, abotoando os últimos botões da camisa, mas enganando-se nas casas. — Nem você vai à sua própria estreia! — Agarrou nas chaves de casa e do seu carro. — Não me mace, Amália — disse, saindo e batendo a porta atrás de si.

Ela ficou a olhar para a porta, esperando que ele voltasse atrás e lhe pedisse perdão pelas más palavras. Os passos dele, que ouvia a afastarem-se descendo as escadas, mudaram subitamente de direcção e percebeu que subiam os degraus. O seu coração disparou. Ouvia as passadas tornarem-se mais intensas até pararem do lado de lá da porta, a chave a escorregar na fechadura e a maçaneta a rodar. Levantou-se, pronta a atirar-se nos seus braços.

— Você faz-me a cabeça louca! — disse-lhe ele, olhando-a de soslaio. — Esqueci-me da raquete! — informou, voltando a sair logo depois com aquilo que viera buscar.

Amália sentou-se novamente na cama, ligou o rádio e rodou o botão para acertar a frequência.

*“Volta meu querido,
Mas volta como disseste,
Arrependido
De tudo o que me fizeste...”*

Amália desligou o aparelho, não gostava de se ouvir e também não gostava deste fado.

Não foi ver a apresentação de *Capas Negras* nem na sua estreia nem em nenhuma das trezentas e cinquenta exibições das vinte e duas semanas consecutivas que esteve em cartaz. Não conseguia ver-se, mesmo sabendo que o filme era um recorde nacional de bilheteira e, em grande parte, por sua causa. Desculpava-se a si própria e perante os outros com a falta de tempo

por causa das gravações do *Fado, História de uma Cantadeira*, que diziam ser a sua própria história e ela não o desmentiu.

A noite já tinha caído por completo quando o carro negro atravessou a Ponte D. Luís, contudo ainda eram seis da tarde. Um nevoeiro espesso, vindo do mar, subia o rio e os pilares da ponte, envolvendo tudo à sua volta. Algumas luzes amareladas, da própria ponte ou de algum veículo mais próximo, trespassavam, por vezes, o manto branco que embrulhava a noite. O carro rolava como se andasse dentro de um sonho. Sentiu o silvar estridente da locomotiva que passava por baixo e o trepidar da ponte e percebeu que não estava dentro de um sonho. Era apenas vítima do assalto de velhas memórias e eternas inseguranças. A primeira vez que fora cantar ao Porto, numa viagem que fizera com o elenco do Retiro da Severa, regressara com o cognome “a princesinha do fado”. Agora temia voltar de lá fracassada.

O mês de Novembro chegava ao fim e Amália seguia para o Coliseu do Porto, para a estreia de *Fado, História de uma Cantadeira*. Gostava do cinema desde a primeira vez que se lembrava de ter entrado numa sala. Era o pai que costumava levá-la em criança e, mais tarde, ia com os irmãos, quando conseguia bilhete, lembrou-se com a recordação a arrancar-lhe um ténue sorriso do rosto. Contudo, não se lembrava de os momentos que a separavam da entrada na sala de cinema não serem de excitação e contentamento. Levava o coração pesado e apreensivo. Admirava as grandes estrelas de cinema, adorava a Greta Garbo, mas agora que ela própria fora elevada a essa qualidade, era como se esse estatuto tivesse perdido importância.

À medida que o tempo que a separava do início do filme diminuía, aumentava o seu desconforto. As luzes já estavam apagadas, mas ainda se ouviam alguns sussurros enquanto mostravam notícias do mundo. Subitamente a tela tornou-se negra e Amália sentiu-se gelar.

*“Fado é sorte
E do berço até à morte,
Ninguém foge, por mais forte
Ao destino que Deus dá...”*³¹

Cantava ela na tela ao lado de Virgílio Teixeira que a acompanhava à guitarra. Sentiu um breve alívio quando os caracteres capitais e brancos de FADO lhe esconderam o rosto no ecrã.

Ouvia-se e tinha a sensação que os diálogos tinham estragado o filme.

³¹ Excerto da letra de *O Fado de Cada Um*.

Lembrava-se de já ter tido essa sensação aquando das filmagens, de existirem palavras que não gostava e por isso não as dizer. Passava-lhes por cima como se não existissem. Tinha vergonha. Tudo o que lhe parecesse natural saía-lhe bem, o resto não. No fundo, não era actriz e nunca tinha sido dirigida. Devia ter começado com pequenos papéis, mas não a tinham deixado. Era a Amália Rodrigues, tinha de ser a primeira figura.

A cena do mercado embarçou-a. As outras vendedoras pareciam naturais ao colocarem os seus aventais, mas ela não. Ela não punha o avental como as outras. Tinha um ar de provinciana, nem era capaz de pôr a mão na anca. Animou-se com a cena em que o Virgílio Teixeira lhe ensinava a cantar fado, fora inventada por ela e houve quem achasse que era o melhor do filme.

Não gostara dos diálogos de *Fado* e quando lhe apresentaram o argumento de *Eram Duzentos Irmãos*, do mesmo autor, ficou com a mesma impressão, também não gostava desse guião. Eram as palavras. Havia palavras que não gostava e que não queria dizer. Por isso não as diria, decidindo também não fazer o filme.

Colocou a almofada por cima da cabeça, tentando ignorar as fortes troadas na porta. Ergueu ligeiramente o pescoço e, por entre os olhos entreabertos, espreitou os ponteiros do relógio da mesa-de-cabeceira.

— Tão cedo... — murmurou, percebendo que eram onze horas. — Quem será? — Todos os seus amigos sabiam que não valia a pena bater na sua porta antes da uma.

As batidas não paravam e ela resolveu levantar-se, com uma preocupação a tomar-lhe conta dos sentidos e sem perceber porque é que a empregada não abria a porta.

— Maestro!? — disse, ao descobrir um Frederico Valério com olheiras e ar cansado do outro lado da porta.

— Amália... — respondeu, num tom de quem pede desculpa. — Tinha de vir cá mostrar-lhe uma coisa.

— Um fado? — arriscou.

Ele acenou afirmativamente, dirigindo-se para o piano e começando a tocar logo de seguida, como se sentisse a necessidade urgente de pôr para fora a música que compusera durante a noite. Os fados do Valério eram um êxito, por mais que alguns críticos dissessem que aquilo que ele escrevia não era fado. A verdade é que “cada um que saía do forno, era pão cozido, pão comido”³². A maioria dos êxitos do maestro que Amália cantava tinha

³² Expressão da própria Amália ao referir-se ao êxito das composições do maestro Frederico Valério no documentário *The Art of Amália*.

nascido na revista e na opereta. Ele não era o género de compositor de se levantar durante a noite com uma inspiração aflitiva que o obrigasse a ir para o piano. Não. Ele satisfazia encomendas. Pediam-lhe músicas para revistas e ele fazia-as ou não. Contudo, as composições do maestro ligavam na perfeição com a forma de cantar de Amália, ao que não era alheio o facto de aquele ter percebido toda a extensão vocal da artista e procurar realçá-la com a sua música. Por isso, agora, além de lhe pedirem uma música para esta ou aquela revista ou opereta, acrescentavam que era para Amália. Sentiam o maestro ligado a Amália e tinham razão.

As composições de Valério e a voz de Amália eram uma espécie de casamento talhado no Céu. Daí o compositor, que apenas escrevia por encomenda, ter aberto uma excepção e por vezes fazer uma canção para satisfazer os pedidos silenciosos que Amália lhe fazia com os olhos gulosos.

O sono tinha-lhe passado completamente, mesmo tendo-se deitado há poucas horas. A alegria por o maestro ir a sua casa mostrar-lhe uma música que fizera para ela destruíra-lhe o sono. Ela era a única pessoa que tinha esse privilégio, pois o maestro nunca escrevera para ninguém em específico antes. Abeirou-se do piano, o maestro deu-lhe a letra, escrita por José Galhardo, e deu-lhe o tom. Ela, lendo, cantou:

*“Amália,
quis Deus que fosse o meu nome.
Amália...”*³³

Quando o piano e a voz de Amália se calaram, maestro e fadista ficaram a olhar um para o outro. Ela tinha nos olhos, que usualmente olhavam para Frederico Valério pedinchões como forma de encomendar³⁴, o brilho da gratidão. Além da gratidão, eles mostravam também uma certeza: “O maestro era uma oferta que Deus Nosso Senhor lhe quisera dar.”³⁵ Mais uma.

A neblina tornava a luz da manhã mortiça e o mar infundável parecia acabar logo ali. Apertava-se no seu casaco olhando o céu e imaginando que terra e que gente a esperaria para lá da névoa que tornava estreito qualquer horizonte. Enfim, sabia que ia para o México, mas estava apreensiva com a recepção que teria.

³³ Excerto da letra de *Fado Amália*.

³⁴ No programa *E o Resto São Cantigas*, Amália afirma, referindo-se às músicas que o maestro fez para ela: “Os meus olhos eram uma maneira de encomendar.”

³⁵ Afirmção de Amália no documentário *The Art of Amália*.

Sentiu um vulto encostar-se à amurada do navio, mesmo ao seu lado, mas não ligou, os seus medos enredavam-na de mais para que se preocupasse com mais alguma coisa.

— Vai correr tudo bem, Amália — reconfortou-a Santos Moreira, o viola, sem olhar para ela, fixando, ele também, o vazio.

— E se os mexicanos não gostarem de fado?

— Aquele toureiro que a contratou não garantiu que sim?

— O Paco Gorraez? Ele sabe lá! — respondeu, com a insegurança a fazê-la duvidar de tudo.

— Ora, Amália. Não diga isso, o homem desde que se retirou do toureiro, não se tornou agente artístico? Ele há-de perceber da fruta!

Amália encolheu os ombros, desvalorizando a argumentação do viola. Santos Moreira respirou fundo. Partilhava os mesmos receios que ela, mas não pretendia que o descobrisse.

— O Paco não lhe disse que o fado tinha todas as condições para agradar em cheio ao público mexicano? Ele não disse *em cheio*? — acentuou Santos Moreira.

— Sim... — concordou Amália, com pouca convicção. — Quando o Paco me ouviu cantar no Café Luso, numa das últimas vezes que estive em Portugal, disse que não descansaria enquanto não me levasse ao México...

— E cumpriu! — lembrou o viola. — Isso deve querer dizer que quando o homem diz que uma coisa é assim, é porque é.

Passos cada vez mais próximos fizeram Santos Moreira olhar para trás, enquanto Amália continuava ocupada a fitar o horizonte que se alongava à medida que a névoa se dissipava. Sabia que quando o nevoeiro se levantasse por completo, a parede branca dando lugar a uma azul, nada se podia ver para além de ambas. Apesar disso, continuava a olhar.

— Jaime... — disse o viola.

— Então, a fazerem planos sem mim?

O rosto fechado de Santos Moreira fez com que o de Jaime Santos se tornasse apreensivo.

— Ela está com medo... — confidenciou o viola ao guitarra, baixando o tom de voz.

— Eu também — confessou prontamente Jaime Santos, perante o olhar de reprovação de Santos Moreira. — Eu também, mas eu sei que “só há uma voz que entende a minha guitarra, e a minha guitarra só se entende com uma voz: a de Amália Rodrigues. São gémeas, pronto, é o que é.”³⁶ E isso

³⁶ Jaime Santos terá proferido estas afirmações numa entrevista na revista *Eva*, Setembro de 1954, p. 22. Detalhes da ida para o México em *O Século Ilustrado*, 14 de Junho de 1947, pp. 14, 15 e 22.

dá-me confiança para enfrentar qualquer palco e qualquer público — disse, colocando a mão no ombro da fadista.

Ela sorriu. Era a primeira vez que Santos Moreira a via sorrir desde que se juntara a ela na amurada e a desaprovação inicial em relação às palavras do guitarra desapareceu de imediato.

— É bonito isso que diz — respondeu em forma de agradecimento. — Vamos então dar fado aos mexicanos — afirmou Amália, já mais segura.

— E eu aposto que vão passar a gostar mais de fado do que gostam das suas rancheiras³⁷! — declarou, animado, Santos Moreira.

Paco Gorraez cumpriu a sua palavra ao mais ínfimo detalhe, percebeu Amália, quando no palco do Son Souci, a *boîte* para a qual tinha sido contratada, as palmas, logo após o seu primeiro fado, reverberavam dando a sensação que as paredes da mesma caíam. O empresário tinha razão quando achara que o fado seria do agrado dos mexicanos e Santos Moreira estava certo em acreditar nele. Amália virou-se para trás fugazmente, para um olhar de soslaio para o viola e o guitarra, e sorriu-lhes. Eles acenaram levemente, sem nunca pararem de dedilhar os seus instrumentos, os três agradecendo-se mutuamente aquele sucesso.

³⁷ Canção tradicional do México, equivalente ao fado para os portugueses, ou ao flamenco para os espanhóis.

Chegara ao Café Luso muito antes da hora da sua actuação. Por vezes, gostava de o fazer. Sentar-se à mesa com um punhado de amigos, beber o seu capilé e contar e ouvir algumas larachas.

— Ó mestre, — começou, dirigindo-se a João Núncio, — não fale em retirar-se, que as corridas de toiros sem si não seriam a mesma coisa. Hei-de vê-lo a tourear até aos setenta anos.

O toureiro riu-se, imaginando que aos setenta já estaria a gozar há muito de um merecido descanso.

— Pena que eu não possa ouvi-la quando a Amália tiver setenta — retribuiu João Núncio o elogio.

— Eu não cantarei até tão tarde — respondeu, certa também do seu descanso nessa altura.

— Pena é que eu não possa acompanhá-la até essa altura... — partilhou Jaime Santos, depois de matutar em toda aquela conversa. — Já não terei idade para isso — disse, suspirando.

O guitarra de Amália olhava para os dois com os seus olhos imensos a parecerem ainda maiores de tanta admiração. Não era todos os dias que se podia partilhar a mesma mesa com o mestre do toureio e a rainha do fado.

— Aquele não pára de olhar para cá — reparou Santos Moreira, mudando completamente o rumo da conversa.

Amália olhou sem disfarçar para a direcção que o seu viola indicava e descobriu o conde. O aristocrata aproveitou aquele momento de quase-atenção que Amália lhe dava e aproximou-se.

— Por favor, queria dar-lhe uma palavrinha apenas — pediu-lhe o conde.

— “Por amor de Deus! É assim tão urgente?” — perguntou Amália, com um certo incómodo por saber que estava a ser observada havia algum tempo.

— “É francamente urgente” — respondeu, certo que quando Amália conhecesse o assunto, também o acharia.

— “Sente-se, faça favor!”

— A princesa manifestou uma enorme vontade de jantar consigo no Machado.

A perplexidade que sentia por não perceber onde estava a urgência daquele pedido notou-se no seu rosto. Contudo, respondeu:

— “Oh! Não sei se poderei ir, pois estava a combinar um jantar com estes amigos...”

— “Mas a princesa insiste...”

A teimosia do conde exasperava-a, mas era sobretudo a falta de sensibilidade para perceber que estava a interromper uma cavaqueira de amigos que a irritava mais. Cravou os olhos no conde de uma forma que o fez estremecer, mas não recuar, e disse:

— “Muito bem! O meu *cachet* são cinco contos.”

— “Perdão, Amália. Não é para cantar...”

— “Não é para cantar?! Nesse caso passo a levar dez contos” — respondeu prontamente.

— “Como?”

— “É que para cantar qualquer pessoa me pode contratar. Para me exibir, nem todos. Logo o preço é por força mais elevado.”³⁸

O conde afastou-se. À medida que a noite avançava e os lisboetas regressavam às suas casas, a Travessa da Queimada ia despertando apressadamente. O Café Luso, nas noites em que Amália lá cantava, era o ponto de convergência de toda a Lisboa. A sala ampla ficou exígua e as iluminações fortes tornaram-se mortijas quando Amália subiu ao palco. Não havia brilho, chama ou luz que conseguisse rivalizar com ela. Perto de Amália, todos os brilhos se tornavam foscos. Uma parte dos amantes de fado, a maioria, ia ao Café Luso para a ouvir, a outra parte peregrinava nos outros lugares onde se cantava esta canção na tentativa de encontrar uma voz que pudesse ser melhor que Amália. Volvidos quase dez anos desde a sua aparição, nem uma que se lhe iguallasse tinha sido descoberta. Porém, os invejosos continuavam na sua labuta.³⁹

As ex-adeegas e as ex-cocheiras do ex-Palácio de São Roque voltavam a conhecer o *glamour* de outras épocas e tornavam a encher-se de gente de bem: aristocratas, milionários e artistas. Depois da sua actuação, Amália seguiu com a tertúlia de amigos para a casa dos Condes da Torre, onde se jogaria canasta.

Amália perdia muita coisa. Na realidade perdia tudo. Nunca sabia

³⁸ Na revista *Eva*, Janeiro de 1952, p. 17, assim como todo o diálogo entre aspas.

³⁹ No artigo da revista *Eva*, Abril de 1950, p. 19, o jornalista menciona que há dez anos que os “anti-amalistas”, sobretudo as “anti-amalistas”, procuravam nas casas de fado uma voz melhor que a da Amália.

onde tinha colocado as jóias, nunca se lembrava onde deixara a letra de um fado. Contudo, havia algo que nunca perdia: uma parada de canasta. Sempre que havia uma partida em casa dos Condes da Torre ou na de outro amigo qualquer, lá estava ela. Além de não perder o acontecimento, não gostava de perder o jogo. Tinha um horror a perder quase tão grande quanto ao de entrar em palco. Por isso, não gostava de jogar a pares, preferindo estar dependente apenas de si para a vitória. Detestava sentir que a sua sorte estava nas mãos de outrem.

A parada de canasta daquela noite sorria-lhe. Estava a jogar com cinco jogadores e não perdera uma única vez. Quem se aproximasse dela podia perceber que a sua concentração era tal que não havia nada que a perturbasse. Nem mesmo quando uma das jogadoras, resabiada por mais uma derrota, lhe disse:

— “Isso é que é sorte! Mas, também, deixe lá que quem tem sorte ao jogo é infeliz nos amores...”⁴⁰

Amália tinha os olhos fixos nas cartas que lhe tinham calhado, intermitindo, por vezes, o olhar entre as restantes jogadoras, pensando na próxima jogada. A fadista ouviu o chiste sem pestanejar nem desviar o rumo da sua atenção, dir-se-ia que nem o tinha ouvido. Contudo, a sua resposta contrariou essa impressão:

— “Há horas para tudo, minha amiga. Agora prefiro ter sorte ao jogo.”⁴¹

Também havia horas para ser mais acutilante, mas agora era hora de jogar.

Julho, Paris

*“Um dia ele seguiu-me
Da água onde eu morava
Cumprimentou-me, fugiu-me
E a outro dia lá estava...”*⁴²

David Mourão-Ferreira estacou, surpreendido com o que dera por si a trautear. O trânsito continuou a rolar no *Boulevard Saint-Michel* indiferente à surpresa que abalava o jovem estudante. O Sena ao fundo, cinzento, e a silhueta de algumas barcaças escuras, quase imóveis sobre as águas, tra-

⁴⁰ Na revista *Eva*, Janeiro de 1952, p. 16.

⁴¹ Na revista *Eva*, Janeiro de 1952, p. 16.

⁴² Excerto da letra de *As Sardinheiras*.

ziam-lhe à memória o Tejo, Lisboa. Naquela altura, a estudar na Sorbonne, afastado havia longos meses de casa, sentia-se roído de saudades e qualquer coisa, ainda que remotamente parecida, evocava-lhe a sua terra.

— *As Sardinheiras*... — murmurou, com um casal de namorados a afastar-se dele, assustado ao perceber que falava sozinho. — Conheço a letra de cor e nem sabia... — continuou, estugando o passo para o *Quai des Grands Augustins*. — *As Sardinheiras*, de Amália Rodrigues — sussurrou, ainda perplexo.

Atravessou a rua e encostou-se ao pequeno muro com vista sobre o Tejo. Sena, era o Sena, emendou. *As Sardinheiras* voltaram à sua cabeça e tornou a trauteá-la sem dar por isso.

António Sérgio não gostava de fado e referia-se a ele como fadinho, para mostrar bem a sua repugnância com tal canção. David conhecia-o desde a infância e venerava-o como a um grande mestre. Uma brisa afagava a superfície do Sena, levantando-lhe pequenas ondulações de protesto. As barcaças moveram-se lânguidas e soturnas, mas ainda assim bonitas. Vasos de flores, um tapete, uma gaiola ou um estendal provavam que aquelas embarcações não eram féretros boiando sobre as águas. Imaginou que pessoas morariam ali dentro.

Caminhou mais um pouco e meteu-se pelas escadas até à beira do Sena. Na borda do rio, o caminho era empedrado e logo a memória das calçadas lisboetas o assaltaram.

*“Depois, nunca mais o vi
Nem do seu olhar a chama
Passou tempo, descobri
Que ele morava na Alfama.”*

Mais um verso de *As Sardinheiras* e David voltou a estacar, com a *Pont Neuf* na sua frente.

— “Afinal de contas eu gosto do fado, e gosto desta fadista. Paciência para as pessoas como o António Sérgio que acham que o fadinho era a canção dos vencidos.”⁴³

Contudo, uma coisa tinha de admitir a António Sérgio e fazia-o sem dificuldade. Naquele momento, ele era um vencido, sim. Um vencido pelas saudades do seu país.

⁴³ Luís Machado, *Conversas à Quinta-Feira*, p. 315.

Foi a rejeição que me marcou neste casamento⁴⁴, pensou ao ler os documentos que confirmavam o seu divórcio. Conseguira-o à revelia. Francisco já nem morava em Lisboa, aliás, já nem estava em Portugal. Fora para o Alentejo primeiro, para fugir à vergonha de ter sido abandonado pela mulher, mas agora estava em África. *A única desconfiança que eu tenho é de não acreditar que as pessoas gostem de mim*⁴⁵, continuava a reflectir. O Francisco, o Pitta... murmurou, estalando a língua. *Ricardo Espírito Santo trata-me bem*, ponderou, já sem olhar para os documentos que tornavam menos imoral, perante os olhares e as opiniões alheias, a sua vida em comum com Pitta. *Ricardo Espírito Santo é o homem que viu em mim o bicho maltratado e viu que por baixo desse bicho havia certa raça e tentou compreender a minha sensibilidade*⁴⁶, remoía quando uma lágrima se esborrachou nos documentos que acabava de receber.

Levantou-se subitamente e correu para a gaveta da cómoda. Abriu-a e remexeu o seu conteúdo, retirando lá de dentro um terço. Correu para a Igreja Paroquial das Mercês e em menos de dez minutos estava ajoelhada diante do altar-mor, de olhos fechados e mãos unidas junto ao peito.

— Por favor, faça com que eu goste do Dr. Ricardo Espírito Santo. Ele é bom para mim⁴⁷ — pedia, com dificuldade em articular as palavras por estar ainda ofegante. — Por favor, faça-me gostar do... — Amália parou a prece a meio, pois apesar do pedido que fazia, era o rosto de Pitta que via. Assim, nunca seria atendida. — Por favor, faça-me gostar da pessoa certa — suplicou.

Ouvira dizer tanta coisa de França, particularmente de Paris. Dizia-se que os bebés vinham de lá. Em criança, e já mais mulher, tinha as suas próprias

⁴⁴ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 39.

⁴⁵ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 39.

⁴⁶ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 86.

⁴⁷ Segundo a própria Amália in *Amália*, de Vítor Pavão dos Santos, na p. 86: "...eu até muitas vezes fui à igreja para Deus fazer com que eu gostasse dele [Ricardo Espírito Santo]."

ideias de onde viriam os bebês. Achava, mesmo quando se casou, que as crianças estavam dentro das mães, com as cabeças dentro das cabeças, os braços dentro dos braços e as pernas dentro das pernas.⁴⁸ Era uma ideia um bocado estúpida. Aliás, completamente estúpida, dava-se conta, divertida, vendo ao longe a famosa Torre Eiffel. Dizia-se também que Paris era a cidade do amor, dos apaixonados e deu-se conta que nunca ali iria com Pitta. Com o Ricardo Espírito Santo, talvez. Ele seguia a sua carreira e disse-lhe que um dia iria vê-la cantar no estrangeiro. Voltou a desejar gostar de Ricardo Espírito Santo. Gostar, não, pois ela já gostava dele. Amá-lo. Ela gostaria de amar Ricardo. *Ele é tão bom para mim*, admitiu, *ele é um senhor muito importante, que é bom para mim e me diz que canto muito bem. Quando se é pobre, isso conta muito. Eu já não sou pobre, mas é essa a minha origem e quando um pobre se aproxima de uma pessoa importante, sente-se um bocadinho mais importante.*⁴⁹ O que devia então sentir um pobre quando era convidado para cantar em Paris?, interrogou-se, com a leve impressão de que se subestimava.

António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação⁵⁰, convidara-a para umas festas do Turismo a decorrerem em Paris e depois em Londres. Eram eventos com cerca de cem pessoas, maioritariamente escritores e artistas. Pessoas importantes iriam ouvi-la em Paris e depois em Londres, pensou, recordando a sua mãe e se ela teria orgulho em si. Depois, veio-lhe à ideia Ricardo Espírito Santo, do qual tinha a certeza que sentiria orgulho em si. Lembrou-se também de Pitta e tudo em si esmoreceu. Esse não tinha qualquer orgulho em si, pois nada do que ela fazia parecia importar-lhe.

O Chez Carrère era uma *boîte* muito chique, ponto de encontro de gente célebre. O equivalente, talvez, à Brasileira e ao Nicola, mas debaixo dos céus de Paris que torna qualquer coisa mais sofisticada, pensou. As tertúlias tinham sido importadas para Portugal de Paris e ali, no Chez Carrère, respirava-se intelectualidade e ela apenas cantava o fado. Esperava que fosse o suficiente para eles.

O fumo dos cigarros tornava o ambiente menos nítido. Parecia que as silhuetas não tinham limites claros, eram uma espécie de sombra, de qualquer coisa que não era independente do lugar, antes fazia parte dele. O seu vestido negro, bordado a lantejoulas, e com o xaile branco pelos ombros,

⁴⁸ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 34.

⁴⁹ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 86.

⁵⁰ Organismo do Estado Novo responsável pela propaganda política, informação pública, comunicação social, turismo e acção cultural. A sua designação completa era: Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, mas era mais conhecido por Secretariado Nacional de Informação ou SNI.

tornavam os seus contornos fortes e claros. A sua figura era pujante e real. Só por si chamou a atenção dos presentes.

As sombras projectavam-se na parede: a de Amália, dos guitarristas e do público. Pousou uma mão nas costas da cadeira do viola e a outra na do guitarra. Pôs a cabeça para trás, fechou os olhos e o público desfaleceu com a sua exaltação. Ninguém percebia uma palavra do que ela cantava, mas liam no rosto crispado pela dor as legendas do fado. O seu fôlego inesgotável deixava o público sem ar.

— *Merci! Merci beaucoup!* — disse, perante as palmas efusivas de um público agradecido por tê-lo feito em instantes passar por vários estados de alma.

La belle Amália era o que diziam os jornais do dia seguinte e os depois desse. Não sabia ler francês, mas juntava as letras e lia as palavras como se fosse em português. Apesar de só saber dizer *merci beaucoup, bonjour e très joli*, conseguia descortinar o conteúdo dos artigos. Algumas palavras, conseguia entendê-las, a outras chegava lá por dedução. Em última análise, sabia que a crítica dizia bem dela. Em todos os artigos, pelo menos uma vez, chamavam-na: “*La belle* Amália”.

António Ferro estava orgulhoso da sua escolha para representar Portugal naqueles eventos e aproveitou a viagem de Paris para Londres para o comunicar à fadista.

— Sabe, Amália, mandei um ofício ao Professor Salazar a contar-lhe como tinha corrido a sua actuação em França.

— Ai, meu Deus! — exclamou Amália, receosa do que o Director do SNI pudesse ter dito ao Presidente do Conselho e já esquecida do sucesso que tinha pressentido em todas as palavras que não entendera nos jornais franceses.

Gostava do Salazar desde pequena. Sempre ouvira dizer lá em casa, à sua mãe, que Salazar era muito inteligente, era quem mandava e era muito importante. Viu a fotografia dele, pela primeira vez, quando tinha treze anos e achou-o muito bonito. Apaixonou-se por ele nesse momento e a partir daí dizia que gostava de se casar com ele. Foi a sua primeira ideia de príncipe encantado.⁵¹ Era uma ideia que se tinha desvanecido com o tempo, à medida que conhecera outros homens, mas continuava a não querer desiludi-lo.

— Calma! Escrevi que a Amália era uma grande senhora ao pé das senhoras e que fez um sucesso enorme. Não foi assim? Para que é todo esse medo?

Amália retomou a sua respiração normal, enquanto pensava nas palavras que o Director do SNI acabava de lhe dizer.

⁵¹ Luís Machado, *Conversas à Quinta-Feira*, p. 246.

— Acha que o posso conhecer? — perguntou Amália, sentindo um palpitar no coração que lhe fez recordar aquele dia, com treze anos, em que vira a fotografia do Presidente do Conselho.

— Desculpe?

— O Dr. António Ferro acha que me consegue um encontro com o Professor Salazar? — pediu, com os olhos suplicantes. — Gostava de o conhecer pessoalmente.

O Director do SNI sorriu com a mesma complacência com que o faria a uma adolescente.

— Posso tentar — anuiu.

Amália cantou no Ritz e voltou, poucos dias após a sua chegada a Londres, para Portugal. Entrou no elenco de *Sol e Touros*, mas apenas para cantar o *Fado do Silêncio*, do maestro Frederico Valério. Não dava pela vida passar, tão depressa ela passava. Começava a nascer dentro de si a sensação de que não vivia a vida, que ela é que a vivia a si.

Já com as passagens marcadas para o Rio de Janeiro, Leitão de Barros convidou-a para gravar o *Vendaval Maravilhoso*. Não lhe desgostava a ideia de fazer mais um filme, até porque a sua participação em *Sol e Touros* resumira-se a um fado. Contudo, temia este realizador, pois ouvira dizer que tratava mal os artistas e os chamava de burros. Isso fazia-a hesitar e a expressão do seu rosto denunciava-a.

— Há alguma coisa que me queira dizer, Amália? Alguma dúvida em relação ao argumento, talvez... — arriscou o realizador.

— Não é isso, senhor Leitão de Barros... — começou, mas a coragem faltou-lhe para continuar.

— Diga lá. É alguma exigência? Alguma condição? — avançou o realizador já temendo o pior.

— Sim — respondeu, convicta de agora ir até ao fim. Encheu-se de coragem e disse de uma assentada: — “Ó senhor doutor, não me chame burra, que eu não gosto nada que me ralhem.”⁵²

Ele sorriu, conhecia a fama que o precedia.

— Esteja descansada. Não o farei.

Amália aceitou o convite assim que o realizador anuiu ao seu pedido. Na realidade, se ele a chamasse de burra, não é que não tivesse razão, mas ela ficaria logo com um complexo muito grande e incapaz de reagir, pensou.

Vendaval Maravilhoso era uma grande aposta de Leitão de Barros, o mais prestigiado realizador do momento. Era o filme onde ele ia tentar

⁵² Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 83.

tudo e por isso fê-lo em co-produção com o Brasil. Era a primeira produção luso-brasileira, e o realizador desejava fazer uma película que fosse um sucesso nos dois países. Tudo isso fazia com que Amália se sentisse orgulhosa por ter sido escolhida, mas também subia muito a fasquia da sua responsabilidade. Leu o guião e gostou do seu papel. O filme contava a vida do poeta brasileiro Castro Alves e ela interpretava o grande amor deste e, invariavelmente, cantava.

As filmagens de *Vendaval Maravilhoso* decorreram entre Portugal e o Brasil e, tal como o realizador lhe prometera, nunca ralhou com ela ou lhe chamou burra. O filme estreara em São Paulo no início de Dezembro e estrearia em Portugal no fim desse mesmo mês. As críticas do outro lado do Atlântico não eram animadoras. De qualquer forma, Amália preferia não ver o filme apesar de lhe terem dito que atingira com a sua interpretação uma extraordinária força dramática e criara uma personagem diferente daquela que lhe era normalmente atribuída.

Não obstante ter regressado do Brasil por causa das filmagens de *Vendaval Maravilhoso* havia pouco, partiria dentro de dias para mais uma temporada no Rio de Janeiro e depois em São Paulo. Sorriu, a sua agenda fazia-a faltar às estreias do filme em ambos os países. A campainha do telefone interrompeu-lhe os pensamentos e aquela pequena alegria momentânea. Era o Director do SNI.

— Amália, lembra-se daquele pedido que me fez na ida para Londres? Teve vergonha de dizer que não, mas de facto não se lembrava.

— Sim... — disse, esperando não se comprometer.

— Pois então, o seu desejo vai realizar-se! Vou, depois de amanhã, a São Bento, falar com o Presidente e a Amália vem comigo.

Subitamente, Amália lembrou-se de toda a conversa que tivera no avião com o director. Sentiu de imediato um nervoso enorme, como se já estivesse diante do Presidente, e uma grande dor de barriga.

— Estou? Está lá? Está, Amália?

— Sim. Sim, com certeza. Muito agradecida. Lá estarei.

Não tinha roupa nenhuma para se apresentar diante do Presidente, pensou assim que desligou o telefone e passou vistoria ao seu guarda-fatos. Precisava de comprar um vestido novo, concluiu. Talvez um casaco também, acrescentou, passando a mão por aqueles que estavam pendurados no armário.

Os seus passos e os de António Ferro eram abafados pelo tapete vermelho na enorme escadaria de mármore. Amália tinha dificuldade em coordenar os seus pés para galgarem os degraus. No lugar da barriga, parecia-lhe ter

um enorme buraco. As escadas eram muito largas, e para subir pisando o tapete, não conseguia segurar-se ao corrimão. Olhou para cima, certa que ainda faltariam imensos degraus. Logo no primeiro relance reconheceu a silhueta de Ricardo Espírito Santo. Estacou. António Ferro imitou-a, um degrau mais acima.

— Boa-tarde, Dr. Espírito Santo — cumprimentou António Ferro.

— Boa-tarde — retribuiu, retirando o chapéu, apertando a mão do Director do SNI e desviando o olhar para Amália.

— Já conhece a nossa querida Amália?

— Você aqui? — perguntou Amália, ao mesmo tempo que António Ferro colocava a questão.

Ricardo Espírito Santo abriu um sorriso terno.

— Tinha hora marcada com o Presidente — num tom que parecia de justificativa.

— Claro que tinha! — disse, imediatamente, António Ferro. — O nosso querido Dr. Espírito Santo é amigo e conselheiro do Presidente. E, pelo que vejo, seu amigo também.

Amália meneou a cabeça em anuência. Ricardo Espírito Santo fazia-a, mais uma vez, sentir-se importante. Ela era amiga de um amigo de Salazar.

— Não vos roubo mais tempo — disse Ricardo, despedindo-se e descendo as escadas apressadamente.

Aquele episódio distraíra momentaneamente Amália do seu encontro com o Presidente, mas assim que voltou a encarar o fim da escadaria, tornou a sentir um buraco no estômago.

Dois soldados guardavam a porta da sala do Presidente. Tinham um ar sério e se reconheceram Amália, os rostos não o demonstraram. António Ferro, tal como Ricardo Espírito Santo, tinha hora marcada e a sua entrada foi franqueada de imediato. Amália sentiu as pernas ficarem ainda mais frouxas quando a porta se abriu, revelando o interior do escritório. Logo dali, percebeu o Presidente. Estava à sua secretária, com ar inabalável; o chiar das dobradiças da porta não lhe provocara qualquer estremecimento.

— Boa-tarde, senhor Presidente — disse o director, já defronte de Salazar.

Naquele momento, Amália admirou António Ferro, pois não percebia como aquele homem conseguia agir tão natural e levemente na presença do Professor Salazar. Ela trazia umas peles de marta ao pescoço e começou a enrolá-las com o dedo indicador.

— Esta é a Amália Rodrigues. A nossa artista maior.

A fadista começou a enrolar as peles no dedo mais nervosamente.

— Boa-tarde. Prazer em conhecê-la, minha senhora.

— Boa-tarde, senhor Presidente — disse Amália, com a voz trémula e

estendendo a mão para aceitar a que o Presidente lhe estendia. — Eu é que tenho todo o prazer em conhecê-lo.

— Ouvi dizer que faz o nosso fado e o nosso país fazer boa figura lá fora.

Amália sorriu nervosamente e encolheu os ombros. Faltavam-lhe as palavras, não sabia o que dizer e o indicador continuava a enrolar e a desenrolar-se nas martas.

— Pelo menos foi o que me disse o Ministro Teotónio Pereira, quando você esteve em Madrid e o que me disse agora o António em relação às suas actuações em Paris e Londres.

— Canto como sei e o que sei é que tenho de sentir o fado — respondeu, mexendo agora as peles de marta com todos os dedos da mão.

— Então deve estar a fazê-lo bem — disse-lhe o Presidente, acabando a conversa com ela e virando a sua atenção para António Ferro.

Amália ouvia-os falar sem que conseguisse compreender o que diziam. O nervosismo fazia-a bulir com as peles de marta e parecia ter-lhe tirado o entendimento. Até que, com as peles quase num fanico e desesperada, disse, num tom de voz que saiu um pouco mais alto do que desejava:

— “Senhor Presidente, mande-me embora, que eu já quase não tenho bichos.”⁵³

Sempre com a mesma expressão desde que Amália entrara, o Presidente meneou a cabeça para que saísse. Ela sorriu em agradecimento, despediu-se e saiu. Antes de franquear a porta, ainda ouviu Salazar dizer ao director:

— “Gostei de conhecer a criaturinha.”⁵⁴

Não sabia que era possível, mas Amália sentiu-se ainda mais nervosa. Sorriu ao passar pelos soldados, também eles com uma expressão inabalável.

Dezembro estava quente. Não, Dezembro estava infernal. Era estranha a ideia de um Natal quente. Era estranha a ideia de um Natal sem os pais e os irmãos. Era triste a ideia de um Natal sem Pitta. Não é que se estivesse em Portugal, passasse a noite da Consoada com ele. Ele estaria com a mãe, ela estaria com a sua, mas geograficamente estariam perto. Estariam na mesma cidade. Bem, talvez não na mesma cidade, uma vez que ela estaria em Lisboa e ele em Cascais, mas isso era quase estarem ao lado um do outro.

⁵³ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 158.

⁵⁴ Vítor Pavão dos Santos, *Amália*, p. 158.

Agora nem sequer no mesmo continente estavam. Nem sequer no mesmo hemisfério, emendou.

Viajava com todos os vidros abertos e a deslocação do ar criava uma aragem que, embora morna, lhe trazia alívio. As mulheres, e mesmo os homens, andavam com roupas como nunca se ousaria em Portugal: mais coloridas, mas, sobretudo, mais curtas. Contudo, isso não evitava que os seus corpos de ébano reluzissem. Viu o letreiro em néon, a piscar em branco e lilás, antes de o motorista parar. Temeu por esse momento, pois sabia que o calor se tornaria insuportável de um instante para o outro. O veículo abrandou e a canícula intensificou-se, atingindo o auge quando o motorista lhe abriu a porta. Olhou de novo para o letreiro de néon por cima da porta da *boîte* e soube que a sua salvação estava no interior. Apressou-se, sem correr, para a entrada. Atravessou a soleira da porta parecendo-lhe que atravessava uma fronteira. Do lado de lá, o ar frio embateu-lhe com a rapidez e o fulgor de um estalo. Um arrepio fê-la estremecer.

O camarim encontrava-se, mesmo antes de cantar, já cheio de flores. Sorriu ao vê-las. Pediu um chá de perpétuas roxas e ficou a aguardá-lo enquanto se maquilhava sozinha.

— Entre — pediu, quando duas suaves pancadas soaram na porta e, logo aí, notou que a sua voz não estava bem.

Sorveu pequenos goles de chá e o calor na garganta soube-lhe bem. Contudo percebeu que não melhoraria da rouquidão até à sua actuação.

Subiu para o palco com o coração a palpitar. Mais do que o habitual receio do público, temia não conseguir cantar. Começou com uma canção mais remexida, o *Fado Carioca*, seguiu-se um fado mais fado, o *Ai, Mouraria*, depois um mais vivo, o *Trepa no Coqueiro*, novamente um mais sério, *O Fado de Cada Um* e, mesmo a cantar rouca, já tinha o público nas mãos.

Tinha o público nas mãos, mas a voz estava no chão. Acabou a actuação ressentida do esforço e ainda nessa noite teve de chamar um médico ao seu quarto de hotel. No dia seguinte, tomou penicilina e fez aerossóis. E pensou se, com a voz naquele estado, Jaime Santos continuaria a achar que a guitarra dele e a voz dela eram gémeas.

Teria um Natal sem família, sem Pitta e agora também sem voz. As actuações na Rádio Globo foram substituídas pelos seus discos, uma utilidade que nem o precavido senhor José de Melo previra. O contrato na rádio era de dois meses, mas apesar das constantes tomas de penicilina e aerossóis, não via forma de conseguir cumprir nem um dia. Foi assaltada por um pensamento: e se nunca mais for capaz de cantar? Uma catadupa de perguntas abateu-se sobre si: e se nunca mais recuperar a voz? E se tudo se acabasse num instante? No instante em que atravessou a porta do Night and Day...

O toque do telefone fê-la estremecer e, acto contínuo, desapareceram aquelas perguntas com o nascimento de uma outra: quem seria?

— Estou? — perguntou numa voz rouca e levemente arrastada.

— Amália?

— Pitta! — O coração da fadista disparou e todos os medos desapareceram.

— Como está, Amália? Os jornais daqui dizem que perdeu a voz.

Pitta não se interessava pela sua vida artística, por isso esta sua preocupação sensibilizou a fadista.

— Ainda não. Ainda me consegue ouvir, não consegue?

— Sim, mas... Já foi ao médico?

— Ando a tomar penicilina, daqui a uns dias estou boa. Mas mais do que a dor da ausência da voz, dói-me a sua ausência, Pitta.

— Está aí porque quer... Deixe tudo e volte para Portugal.

— E você iria sustentar-me?

— Sabe bem que isso não seria problema.

— Para mim seria... “Sou fadista porque quiseram que eu o fosse, porque mo deixaram ser, ou talvez porque não permitiram que eu fosse outra coisa.”⁵⁵ Mas a verdade é que não quero deixar de o ser. Você não percebe...

— Percebo tanto o seu fado quanto você percebe o meu ténis. Já fui campeão nacional, lembra-se?

— Lembro. Eu estava lá nesse dia... — Sentiu a voz a faltar-lhe e já não sabia se era pela maleita das cordas vocais se pela do coração. — Eu estava lá, — repetiu, — lembro-me do jogo que o consagrou campeão e lembro-me de me ter ignorado.

Um silêncio, tão profundo quanto o mar que se interpunha entre ambos, ocupou a linha, e por fim Eduardo disse:

— Está bem, Amália. Agora tenho de desligar. Cuide de si.

— Cuide de si, também. Beijos.

O silêncio de há instantes foi substituído por um sinal contínuo. Pitta desligara. Ela desligou o telefone por sua vez e desejou poder desligar os seus pensamentos com a mesma facilidade. Deitou-se e ficou a pensar em Pitta por momentos, depois o terror que não pudesse voltar a cantar tornou a assombrá-la e, por fim, dormiu.

Dois meses depois de ter ficado rouca, a sua voz, apesar da penicilina e dos aerossóis, não dava mostras de melhorar. O dia estava tão quente quanto aquele em que a sua voz adoecera. Mas havia uma diferença, somava-se à canícula da estação o fervor que se vivia nas ruas. Homens e mulheres dançavam pelas ruas, abandonados à folia do Carnaval. Podia vê-los da ja-

⁵⁵ *Rádio & Televisão*, 5 de Dezembro de 1970, p. 12.

nela do seu quarto. As mulheres com mini-saias e os homens com as roupas das suas mulheres. Uns e outros seguiam sentados nas carroçarias dos seus automóveis, de braços abertos e gíngando numa dança de equilíbrio e folia enquanto as viaturas deslizavam pelas ruas, no meio de outros foliões. O eléctrico para Cascadura passou devagar, como que para permitir que os seus passageiros vissem e fizessem parte da festa. Mesmo dentro do *bonde*, como os brasileiros chamavam ao eléctrico, percebia-se que se vivia a mesma alegria das ruas onde as pessoas, com gestos amplos de braços esticados, rodopiavam, deixando que o resto do mundo fosse testemunha do seu folguedo e alegria de viver. Da sua janela, Amália era o resto do mundo, pareceu-lhe que ela era a única pessoa que observava, todas as outras tomando parte da festa. Era sempre assim, ela passava pela vida sendo a espectadora da felicidade dos outros. Não havia motivo para que o Carnaval fosse diferente. Para piorar tudo, a penicilina não a ajudava. Continuava com a mesma voz afónica dos dois últimos meses. Por isso, se habitualmente não era feliz mas costumava ser bem-disposta, até essa boa disposição se evaporara. Fechou a cortina e deixou os festejos para aqueles que tinham alegria de viver. Sem voz, sentia-se a própria letra de um fado.

Desiludida com os tratamentos, pediu que a levassem junto à Nossa Senhora de Copacabana. Dera-lhe a companhia das flores quando a Santa estava sozinha, talvez agora, se lhe pedisse, ela lhe devolvesse a voz. Aos pés da Santa, um tapete de cores vivas ocultava as pétalas murchas das flores que estavam por baixo. Eram as suas. Reconheceu as corbelhas. As suas flores, antes exuberantes, tinham dado lugar a outras mais simples, arranjos mais modestos, mas todos tinham sido ali colocados com a mesma devoção. Uma vela acesa brilhava, apontando o agradecimento de um milagre. Uma ponta de orgulho trespassou-a. Tantas vezes ali depositara flores que as pessoas, talvez pensando que se agradecia pela concretização de um milagre, começaram a imitá-la. Não deixavam de ter razão, ela não agradecia um milagre, mas agradecia as bênçãos que a vida lhe tinha dado. Agora, mesmo quando regressasse a Portugal, a Nossa Senhora não voltaria a ficar sozinha. Olhou para a Santa, para as flores e resolveu pedir um milagre para si:

— Por favor, Nossa Senhora, devolva-me a voz. Faça com que a Amália volte a ser Amália. Por favor.